

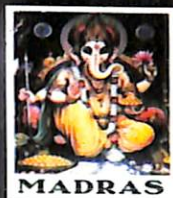
# Guardião

DAS SETE ENCRUZILHADAS

HEMISARÊ  
A IRA DIVINA



Rubens Saraceni



*Rubens Saraceni*

*Guardião das Sete  
Encruzilhadas*

**Hemisarê — A Ira Divina**



**MADRAS**

© 2005, Madras Editora Ltda.

*Editor:*

Wagner Veneziani Costa

*Produção e Capa:*

Equipe Técnica Madras

*Revisão:*

Horácio Menegat

Cecília Beatriz A. Teixeira

Neuza Alves

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.**

---

B399g

Benedito de Aruanda, Pai (Espírito)

Guardião das Sete Encruzilhadas: Hemisarê: a ira divina/Rubens Saraceni;

[inspirado por]Pai Benedito de Aruanda. - São Paulo: Madras, 2005

ISBN 85-7374-650-5

1. Ficção umbandista. 2. Espiritismo. 3. Obras psicografadas. I. Saraceni, Rubens, 1951-. II. Título.

05-1568.

CDD 133.93

CDU 133.9

010228

18.05.05

23.05.05

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da Internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição, em língua portuguesa, reservados pela



**MADRAS EDITORA LTDA.**

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana

02403-020 — São Paulo — SP

Caixa Postal 12299 — CEP 02013-970 — SP

Tel.: (0\_\_11) 6959.1127 — Fax: (0\_\_11) 6959.3090

[www.madras.com.br](http://www.madras.com.br)



*Deixo um aviso aos que ainda são  
dominados pelas trevas da ignorância:  
todo aquele que invocar meu nome para  
derrubar um semelhante, um dia cairá  
em algum dos meus domínios.*

***Hemisarê***

# Sumário

Apresentação .....	9
Hemisarê, “O Que Vem Com o Fim” .....	13
A Chegada ao “Inferno” .....	21
Hemisarê Conhece os Orixás .....	61
Hemisarê Assume o Trono das Sete Encruzilhadas do Cemitério .....	77
A Razão das Causas, A Razão das Coisas .....	95
O Cavaleiro das Trevas da Morte .....	151
O Reassentamento do Degrau das Sete Encruzilhadas do Campo Santo ou Cemitério .....	165

# Apresentação

Amigos leitores, vocês serão surpreendidos pelo relato de Hemisarê, o personagem central deste livro.

Não se trata da história de um espírito “comum”, já que ele é um ser que classificamos como um mistério em si mesmo e um manifestador natural de determinados poderes só possuídos por espíritos guardiões de mistérios da criação.

Espero que não se surpreendam com suas revelações sobre os espíritos com desequilíbrios ou viciações no sétimo sentido, que é o da geração da vida e, mais especificamente, as revelações sobre a sexualidade desvirtuada.

Afinal, este é um dos seus campos de ação, e, se ele atuou nesse campo como punidor e esgotador, foi porque para ele eram enviadas as vibrações de insatisfação sexual, e suas energias pesadas, geradas por espíritos femininos, encarnados ou não.

Tudo se explica à luz da razão, e o relato de Hemisarê, de uma frieza e imparcialidade incomuns nos relatos dos espíritos, nos induz a reflexões e a mudanças dos sentimentos (desejos, paixões, obsessões, vícios e insatisfações) relacionados ao sétimo sentido.

Também temos a oportunidade de acompanhar, passo a passo, a instalação das fúrias da Lei no mistério de Hemisarê e, por analogia, entendemos parcialmente a função dos seres que classificamos como “demônios” e que atuam com violência sobre os espíritos que “caem” em seus domínios para serem esgotados por

seus negativismos ou viciações. E descobrimos que esses demônios são espíritos dotados de “mistérios”, ou são mistérios em si mesmos, mas que, por causa das quedas conscienciais e espirituais, mergulham nas trevas já possuídos por fúrias da lei que os atormentam e os levam à beira da loucura.

Durante boa parte da leitura desse relato, Hemisarê nos conduz às esferas sombrias e ao cerne do desequilíbrio dos espíritos.

Hemisarê também traz uma luz aos cultos aos deuses fálicos, ligados à multiplicação das espécies, já que eram evocados e oferendados pelas pessoas que desejavam ter filhos ou aumentar seus rebanhos, indispensáveis à sua sobrevivência.

Neste ponto, o seu relato é sucinto e limita-se a um comentário superficial, mas elucidativo, quanto às suas funções e atribuições como ser manifestador de um mistério da “geração da vida”.

Mais uma vez vemos a confirmação da nossa classificação das Sete Linhas de Umbanda, em que o Orixá Omolu polariza com o Orixá Iemanjá, tendo-a como princípio gerador feminino e ele como Guardião dos mistérios da geração, já que, por ter “caído”, Hemisarê “assentou-se” nos domínios do campo santo, ou cemitério, regidos por Omolu.

Mas, apesar de atuar à esquerda e antes ter transitado pelas trevas mais profundas, uma “luz” nos faz acreditar piamente que a evolução é constante e, antes de servir à esquerda do “Anjo da Morte”, Hemisarê precisou conhecer a razão da existência do “Anjo das Trevas” e dos outros Anjos de Deus.

Somente entende a razão dos mistérios quem realmente viveu sob suas influências diretas e os serviu, e serve, com intensidade.

Outro ponto marcante deste relato de Hemisarê é o “diálogo” dele com Deus e com o seu oposto, o Anjo da Luz.

São palavras pujantes e que são dirigidas diretamente a nós, os humanos, que justificamos com nossos “desumanismos” a existência de mistério tão aterrador à espreita das nossas falhas, erros e pecados.

Em nenhum momento o Anjo das Trevas nega seu amor a Deus. É, na verdade, até veemente quanto a isso, pois urra, revoltado, contra os espíritos que viram as costas ao Divino Criador e entregam-se ao desumanismo.

Até os mais temidos “grandes das trevas” amam Deus e não titubeiam nesse ponto. Apenas justificam suas formas terríveis de atuação contra espíritos viciados, como defensores do virtuosismo e

se colocam como punidores dos espíritos que ofenderam a Deus, desumanizando-se.

E, por fim, numa seqüência de acontecimentos dramáticos e assustadores, Hemisarê descobre que há outras formas de realizar seu mistério e cumprir com o que dele esperam os senhores dos mistérios, os sagrados Orixás.

Fica claro que há duas formas: a da dor e a do amor; a das trevas e a da luz.

Não espere encontrar eufemismos para encobrir os erros, as falhas e os pecados humanos. Hemisarê não recorre a eufemismos em seu relato. E eu, assim como Pai Benedito de Aruanda, tivemos que amenizar suas palavras, diretas e retas, ao relatar esta sua biografia.

É certo que a hierarquia dos Exus reis das sete encruzilhadas dos cemitérios é formada por milhares de espíritos portadores de mistérios, e cada um tem a sua história pessoal, que não é a mesma de Hemisarê.

Logo, não tomem este relato como a história de todos os Exus reis das sete encruzilhadas, porque ela é só a dele, Hemisarê. Há outros Exus, reis das sete encruzilhadas, outras “biografias”, certo? Mas a de Hemisarê, psicografada por mim e ditada por Pai Benedito de Aruanda, serve para muitos deles.

*Rubens Saraceni*

# Hemisarê, "O Que Vem Com o Fim"

Era uma noite igual a qualquer outra nos domínios do grande Templo da Luz Cristalina. A única coisa incomum foi o meu nascimento: saí do ventre materno exatamente quando soou o sinal que anunciava a meia-noite.

No tempo em que nasci para a carne, e isto foi há muito tempo, nascer à meia-noite em ponto tinha um significado especial. Significava que aquela pessoa estava condenada a uma sina ou destino sombrio.

Meu pai, temendo ter um filho estigmatizado, mentiu sobre a hora em que nasci e, ao apresentar-me ao grande sacerdote, disse que eu havia nascido nos últimos minutos da décima primeira hora do período noturno, ou às vinte e três horas e cinquenta minutos.

Recebi o nome iniciático de Hemisarê, "o que vem com o fim".

Interessante, não?

Hoje não acho estranho, uma vez que era o grande sacerdote quem dava nome ao recém-nascido a ele apresentado antes que vinte e quatro horas tivessem se passado depois do nascimento.

Eu, Hemisarê, fui o que chamam atualmente de criança prodígio, mas que na civilização em que nasci chamavam de predestinado.

Além de minha prodigalidade, ainda era dotado de uma beleza física que impressionava a todos, a qual usei em meu favor desde muito cedo. Aos quatro anos de idade ingressei no Grande Templo da Luz Cristalina para ser iniciado pelos grandes mestres, quando a regra era só aceitar as crianças depois de completarem sete anos.

Fui acolhido porque possuía uma inteligência rara e uma capacidade de raciocínio muito aguçada. E o primeiro sinal do tormento que estava à minha espera foi dado quando uma jovem sacerdotisa do grande templo foi me dar o primeiro banho floral.

Explico!

O primeiro banho floral era composto de essências de sete flores tidas como portadoras de qualidades especiais. Os iniciados eram banhados numa fonte natural para depois serem imersos numa bacia feita de ágata, cheia de água misturada com as tais essências e mais algumas pétalas que eram esfregadas em todo o corpo.

Quando aquela sacerdotisa começou a esfregar aquelas pétalas em meu corpo, excitei-me de tal maneira que a impressionei. Segundo ela, que mais tarde se tornaria minha amante, eu parecia ter mais idade. O fato é que, por baixo da veste branca, meu corpo latejava enquanto ouvia o grande mestre iniciador proferir palavras de apresentação à luz e à vida.

Mesmo depois de tudo terminado e já consagrado como mais um iniciante no Grande Templo da Luz Cristalina, eu continuava excitado, o que levou a sacerdotisa a consultar alguns especialistas sobre o problema surgido assim que começou a esfregar aquelas pétalas de flores em meu corpo.

Depois de me examinarem acuradamente, concluíram que eu deveria ser alérgico a alguma daquelas essências florais, ou a alguma substância formada a partir da combinação de várias delas. Mas eu sabia que o que tinha mexido no meu íntimo e despertado aquela excitação haviam sido os toques das mãos macias da sacerdotisa.

Recomendaram que me fosse dado um chá, que anularia aquela alergia. Após beber uma boa porção daquele chá, adormeci como uma pedra. Mas se o meu corpo ficou imóvel, meu espírito o deixou e transportou-se para um lugar ou dimensão onde via muitas mulheres tão ou mais belas que a sacerdotisa. E delas recebia convites insinuantes!

E tanto vi, ouvi e com elas fiz que quando retornei ao meu corpo carnal, febril e banhado de suor, senti-me ainda mais excitado, mas todo dolorido. E chorei, chorei e chorei...

Aplicaram-me compressas geladas. Bebi outra xícara do chá. Adormeci e novamente voltei àquele lugar ou dimensão, onde aquelas belas e oferecidas mulheres pareciam aguardar-me. Quando mais uma vez acordei, comecei a chorar de dor. E se estava febril e transpirando, também estava sendo abraçado pela sacerdotisa que tinha os olhos inchados e vermelhos, pois também chorava meu tormento.

Criança no plano material, em espírito eu me via como um ser adulto, muito bem apessoado, superdotado e possuído por uma excitação sexual incomum, pois me relacionava incessantemente com aqueles espíritos femininos insaciáveis, possuidores de sensuais formas plasmadas.

Sentia-me tão insaciável quanto elas.

Contei tudo isso a Simerá e pedi que me ajudasse a livrar-me daquele tormento, já que ela era mulher.

— Hemisarê!!! — exclamou Simerá, assustada com o que ouvia de uma criança.

— Você está muito mais quente e unida agora, Simerá. Isto irá me curar!

— Meu Criador, socorra-me! — clamou e exclamou a sacerdotisa, apercebendo-se que algo a estava possuindo por intermédio de Hemisarê e ela não conseguia reagir, já que uma força muito poderosa estava se manifestando e envolvendo-a de tal maneira que começava a excitar-se. E aquela força subjugou-a de tal forma que ela não só atendeu aos pedidos dele, como ainda colaborou e facilitou, já que ele parecia saber muito bem o que o curaria daquela excitação febril.

No futuro, tudo o que aconteceu iria me marcar, influenciar e atormentar intensamente. Eu, Hemisarê, com poucos anos de idade, já havia feito algo que pela lei dos templos era proibido e impensável.

Embora não soubesse o que comigo havia acontecido, o fato é que já havia sido marcado.

Mais uma mentira acobertou-me! Quando os mestres vieram ver como eu estava, Simerá, comigo ainda em seus braços, disse que os sintomas de irritação haviam passado ou estavam desaparecendo. Se tanto ela quanto meu pai tivessem dito a verdade ao grande sacerdote, minha história teria sido outra, e um outro rumo teria sido dado à minha vida no plano material.

Meu pai não queria ver seu filho estigmatizado e Simerá não teve coragem de revelar que havia sido possuída por uma criança, e muito menos de dizer que havia sentido prazer naquilo.

De mentira em mentira, minha história foi sendo construída dentro de um dos Grandes Templos da Luz Cristalina.

O fato é que, quando acordei, Simerá assustou-me dizendo que se eu contasse para alguém o que havia acontecido, novamente me irritaria e não me ajudaria, assim como faria várias outras coisas também nada agradáveis. Ela, por precaução, pediu aos mestres para ser minha tutora e cuidar de minha preparação e educação. Assim teria total controle sobre minha vida.

Passei a morar no aposento dela dentro do Grande Templo da Luz Cristalina e toda vez que, durante o sono, eu “viajava” àquela dimensão e me encontrava com aquelas mulheres, acordava muito excitado. Ela, muito prazerosamente, me “ajudava”.

O tempo foi passando rápido para mim, que dedicava meu tempo aos estudos e aprendizados. Os estudos eram de ordem científica e religiosa, e meu aprendizado era técnico e prático. Com a boa alimentação que Simerá me proporcionava com esmero e dedicação, crescia forte e saudável. Tanto que, quando fui fazer minha iniciação, aos 13 anos, só meu rosto imberbe e infantil denunciava minha idade, pois meu porte físico era de um adulto, assim como minha maturidade e meu intelecto.

Dos 13 aos 18 anos, por causa dos estudos, às vezes tinha de viajar para longe e a deixava sozinha. Quando retornava, encontrava-a triste e solitária. Mas logo que ficávamos a sós, ela voltava a sorrir e seu rosto adquiria a beleza que tanto me agradava. Grande parte das noites nós dedicávamos ao sexo, que cada vez mais a excitava tendo em vista meu crescimento e amadurecimento. O vigor que possuía, e que para ela era uma fonte ímpar de prazer, mais tarde iria se tornar o meu maior tormento, pois se ela havia se adaptado progressivamente a mim, que crescera naqueles anos, outras mulheres não estavam aptas a me receber com o mesmo prazer.

Após a iniciação dos 18 anos, passei um ano afastado de Simerá e do Grande Templo da Luz Cristalina, pois fui enviado a um Templo da Luz Dourada, que ficava no outro extremo do continente onde vivíamos. Lá, ela não estava mais ao meu lado para “ajudar-me”. Então comecei a sofrer o que todo jovem aos 18 anos sofre: o incômodo do desejo.

E dentro do rigor do Templo da Luz Dourada, uma falha neste sentido era suficiente para acabar com a carreira de alguém que almejasse o grau de mestre. Não porque o sexo fosse um tabu ou

algo proibido, mas sim porque dentro dos limites de um templo, os que nele habitavam só podiam praticá-lo se fossem casados.

Devo dizer que os templos eram cidadelas que além da parte aberta ao público para os cultos religiosos, também possuíam uma ala reservada para os internos e outra para os que iam lá só para estudar e no final do dia retornavam aos seus lares nas cidades ou nos campos. Só havia uma religião e uma forma de cultuar o Todo-Poderoso Criador! Já os campos ao redor dos templos eram cultivados pelos internos, pois o sustento dos habitantes das cidadelas era retirado da terra.

Incomodado pelo meu incomum vigor sexual, optei por ir trabalhar no campo a maior parte do tempo. Procurava livrar-me da excitação, assim como daquelas "viagens" àquela dimensão onde sempre havia uma grande quantidade de "mulheres" querendo "ajudar-me", mas que não conseguiam, pois eram frias e secas, ainda que fossem muito bonitas.

Então trabalhava, trabalhava e trabalhava tentando gastar minhas energias. À noite, depois de estudar até altas horas da madrugada, conseguia dormir pesadamente.

Aquele primeiro ano longe de Simerá foi um tormento insuportável para mim, que não via a hora de estar com ela novamente. Mas isso não aconteceu porque quando faltavam poucos dias para retornar ao Grande Templo da Luz Cristalina me chegou a triste notícia de que ela havia falecido.

O choque foi muito forte e tornei-me inconsolável, arredio e solitário. Vivia isolado do resto dos companheiros de estudo no Templo da Luz Dourada, onde optei por mais um ano de permanência. Enclosurei-me dentro do templo e voltei toda a minha inteligência, capacidade de raciocínio e memorização às ciências avançadas.

Acabei permanecendo ali mais seis anos, só saindo quando consegui o título e grau de mestre da Luz Dourada. Aí, optei por ir para um Templo da Luz Verde e dele só saí três anos depois, já como Mestre da Luz Verde.

De templo em templo adquiri os sete graus coloridos e habilitei-me a retornar ao grande Templo da Luz Cristalina, onde iria iniciar-me para tornar-me um Mestre da Luz Cristalina e depois, um grande mestre, o que não me foi difícil. Afinal, sufocava meu tormento sexual dedicando todo o tempo aos estudos, nos quais colocava todo o meu potencial mental.

Quando atingi o grau de Grande Mestre da Luz Cristalina, recebi a incumbência de vistoriar todo o reino onde havia nascido e crescido. Tornei-me um dos responsáveis por ele ao atingir tão elevado grau.

Ao visitar um dos domínios, o da Luz Rosa, conheci uma jovem. E se por ela me apaixonei, nela nada despertei além do respeito pelo meu grau, saber e conhecimento.

Comecei, então, a me sentir um tanto deslocado entre os internos dos grandes templos. Havia passado muitos anos convivendo com mestres eruditos e não tinha mais a facilidade de me comunicar com as jovens que despertavam o desejo em mim. E aquelas “viagens” retornaram com uma força impressionante, principalmente depois que fui recusado por uma moça assim que ela me viu nu. Disse que eu iria matá-la, depois se afastou assustada e nunca mais voltou a falar comigo.

Várias outras também me recusaram pelo mesmo motivo, o que muito me magoou, pois sabia que, com alguns cuidados, alguma poderia me proporcionar um pouco de prazer.

Então me dediquei à iniciação no grau de mago, pois alcançara o grau dos “quarenta e nove” e o primeiro grau de Grande Mestre da Luz Cristalina.

Na iniciação para mago, a mim foram abertos os primeiros mistérios das energias manipuláveis por quem as conhecesse e absorvesse. Após sete anos, tornei-me um mago iniciado e optei por me formar no próprio Grande Templo da Luz Cristalina como mago da Luz Cristalina, objetivo que alcancei alguns anos depois.

Eu havia atingido um grau que me habilitava a assumir a direção do grande templo. Isto aconteceu dois anos depois, com o falecimento do Grande Mago da Luz Cristalina que o dirigia.

Após assumir o posto máximo na hierarquia dirigente do reino onde havia nascido, fui, como era de praxe, visitar todos os templos nele existentes. Num deles, o da Luz Rosa, conheci uma mulher chamada Li-An-Serí, que me fascinou.

Tudo fiz para conquistá-la, mas foi em vão. Ela não me quis e aquilo me irritou muito. Não achei justo o que o destino fazia comigo! Tanto me irritei que ultrapassei meus limites e invoquei os mistérios negativos para mudar minha triste sina de ser dotado de um potencial sexual tão grande e de não ter ao menos uma mulher para dar-lhe vazão. Nunca nenhuma quis casar-se comigo, apesar de eu ter tentado muitas vezes!

Como diz o ditado: "Quem procura acha!". Eu procurei e achei. E logo Li-An-Serí estava sob meu domínio, entregando-se por inteira e em todos os sentidos.

Então, ao possuí-la, aquela fúria apossou-se de mim e, ao invés de ser delicado com ela, agi com brutalidade. E mesmo após uma primeira relação, vendo meu sexo todo coberto com seu sangue, quis mais, mais e mais. E a matei bem ali, nos subterrâneos do grande templo, por causa de uma hemorragia que a fez esvair-se em sangue. Numa câmara dos subterrâneos ocultei seu cadáver. Foi meu primeiro crime sexual de uma longa série. Dali em diante, toda vez que possuía uma mulher, aquela fúria se apossava de mim e eu agia como uma besta-fera. Tantas foram as jovens que violentei, que alguns anos depois fui descoberto como o responsável pelo maior e pior dos crimes que alguém podia cometer. Mas fugi do reino onde nascera e ocultei-me no outro extremo do planeta, onde os magos das sombras dominavam. Tornei-me mais um deles e conquistei o grau de Grande Mago da Luz Negra.

Instituí o sacrifício de virgens num ritual em que eu era o oficiante-mor, quando as violava, possuído por aquela fúria incontrolável que se apossava de mim.

Devo salientar aqui que as jovens eram raptadas em reinos distantes para, ali, no altar maldito dos meus desejos, serem sacrificadas. Hemisarê tornou-se sinônimo da bestialidade cultuada em nome de um deus negativo, afrontando todos os princípios da Vida, da Lei e da Luz. Fui mais um dos que semearam a discórdia e a devassidão que culminaria com o fim trágico de uma era e uma civilização com um alto grau evolutivo.

"Ao desencarnar, aos 90 anos de idade, assassinado por outro aspirante ao posto e grau de Grande Mago da Luz Negra, ele havia descoberto um elixir da vida eterna, que depois viria a semear a discórdia final, levando ao fim uma era e à perda de todo um fabuloso conhecimento humano sobre as coisas divinas da Criação."

# A Chegada ao "Inferno"

Eu, Hemisarê, fui arrancado do corpo carnal com violência e lançado num tormento um milhão de vezes pior que aquele que em mim se manifestava por meio do sexo. Se, de mentira em mentira, eu cumprira a predestinação de ter nascido exatamente à meia-noite e não negara meu nome — “o que veio com o fim”, após a morte para a carne, fui ao encontro do meu próprio fim: as trevas!

Conheci quase todos os tormentos do inferno, pois por todos eles fui possuído, violado, violentado e atormentado.

Para cada urro de dor arrancado das jovens que violentei, milhões de urros dei enquanto era flagelado.

Perdi a noção de tudo e de todos, assim como do tempo que ali passei em suplício. Fui reduzido ao nada absoluto e lançado no mais tenebroso dos abismos: o abismo do meu próprio negativo!

Então, angustiado além dos meus limites e em todos os meus sentidos, vaguei pelo inferno como um tormento vivo. Aos poucos estava me transformando naquilo que me sentia: um ser indigno, impuro, infiel, depravado, perverso.

Após ter sofrido tanto, ainda latejava em mim o desejo. Então urrava de dor, incômodo e revolta, blasfemava contra o Todo-Poderoso Criador por ter-me feito daquele jeito, privando-me de ter sido um ser humano normal, igual a todos os outros.

Aos poucos, as fúrias dos infernos foram sendo possuídas, dominadas e subjugadas, até que cheguei a um ponto em que me tornei um ser infernal. E me lancei com uma fúria desmedida

sobre outros iguais a mim em outros sentidos, dominei-os, escravizei-os e coloquei-os ao meu serviço. Construí meu domínio infernal no meio das trevas, onde passei a descobrir os seus mistérios mais medonhos e assustadores. E, de posse deles, passei a atormentar outros seres caídos.

Quando encontrava espíritos femininos, dava vazão total àquela fúria instalada no meu sexo bestial, só as deixando quando estavam reduzidas ao nada. Absorvia delas todas as suas energias vitais femininas e as inundava com minhas energias masculinas, deixando-as inteiramente desequilibradas e viciadas, deformando-as totalmente.

Eu era um monstro, um horror, um ser dotado de um poder medonho. Todos me temiam, pois eu não respeitava os domínios de outros iguais a mim ou até piores, unicamente para apossar-me dos espíritos femininos caídos em meus domínios. Eu, Hemirasê, um ser atormentado, havia me transformado num tormento infernal! Fui usado por aquele que reina absoluto nas trevas da ignorância com intensidade, muita intensidade! Persegui pecadores de todas as religiões que existiam na face da Terra e que, no fim, eram enviados pela Lei Maior ao inferno. Lembrava-me de que um pecador eu também havia sido, assim odiava os pecadores!

Também me lembrava de que havia sido um mentiroso, falso, estuprador, violador, assassino pervertido e odiava todos os que, em algum sentido, eram iguais a mim. Perseguiu-os e escravizava-os totalmente.

Persegui, no princípio do meu “reerguimento”, só os desencarnados. Mas com o passar dos milênios, meu poder cresceu tanto que conseguia atormentar até os encarnados pecadores, conduzindo-os à ruína no plano material, enlouquecendo-os e levando-os a quedas violentíssimas.

Por motivos que desconheço, fui invocado por poderosos magos negativos que sacrificavam virgens em minha honra e, no sangue virginal delas, via meu tormento ser aplacado.

Então os instigava a sacrificar mais e mais virgens em minha honra, pois só assim meu tormento maior era aplacado.

Fui adorado por uns, odiado e amaldiçoado por outros. Povos inteiros me cultuaram, outros me perseguiram e atormentaram com suas magias luminosas.

Recebi oferendas magníficas. Sofri golpes mágicos profundos que por pouco não me reduziram a pó. Fui invocado sob vários nomes.

Por meio destes mesmos nomes fui combatido, amaldiçoado e excomungado por vários povos e religiões.

Aos poucos fui sendo esquecido pelos encarnados, que passaram a invocar outros iguais a mim. E, se chegou um tempo em que ninguém mais se lembrava de mim, no entanto, de ninguém eu me esquecia! Especialmente de Simerá, meu primeiro e único amor ou de Li-An-Serí, minha primeira e última grande paixão. Procurei-as com uma obsessão furiosa, até que finalmente as encontrei. E, já demente, gargalhei insanamente.

Então, por estarem fora do alcance dos meus domínios, comecei a persegui-las com todo o meu poder e fúrias infernais. Voltei a perseguir e a ser combatido por encarnados.

Quando finalmente derrubei Li-An-Serí, fui perseguido pelo ódio de um oposto a mim, mas que vivia no meio, ou faixa espiritual mista.

Pois bem: após a queda de Li-An-Serí, os golpes desferidos contra mim eram certos e profundos, ferindo-me gravemente. Devolvi golpe por golpe e também feri profundamente, vingando-me de quem ousava desafiar-me tão abertamente.

O fato é que o espírito que me combatia usava em suas investidas contra mim meios nada usuais aos habitantes da luz, e sabia como me atingir com forças poderosíssimas.

Travamos nossa luta por vários milênios e só deixei de ser incomodado por ele quando, para seu azar, encarnou e entrou num novo ciclo reencarnatório, isso já no princípio da atual civilização terrena.

Custou-me um pouco localizá-lo, no entanto, encontrei-o ao vigiar Simerá, que vivia nos domínios da Luz, mas que estava no meio, justamente como uma das protetoras do meu pior inimigo. Fui implacável com ele, que também havia sido um mago no reino dos cristais.

Fui tão implacável, que Simerá sucumbiu. Foi dominada e arrastada à esfera negativa onde eu vivia, vivo e sempre viverei, pois sou um dos marcados pela Lei Maior para avançar unicamente pela via negativa.

Quando tive Simerá ao meu alcance, eu a possuí e dei vazão à minha fúria sexual como uma besta-fera. Queria vingar-me dela por não ter feito por mim o que deveria, já que fora minha tutora. Quando, finalmente, extravasei todo o ódio que vibrava contra ela, abandonei-a aos cuidados e caprichos de meus servos, que a levaram às raias da loucura e da demência. E se não ficou demente, foi porque alguém muito querido dela estava sob meu fascínio e poder: Li-An-Serí. Sim, certa vez, Simerá aproximou-se de mim e perguntou:

— O que fez com nossa filha, verme maldito?

Como eu estava num momento em que minha fúria havia sido aplacada, depois de possuir muitos espíritos femininos, respondi:

— Que filha?

— Nossa Li-An-Serí, verme nojento — respondeu Simerá, com os olhos injetados de ódio contra mim. — Ou você não sabia que ela é nossa filha?

— Cale-se, Simerá. Você esta dementada!

— Não estou não, Hemisarê. Posso ter desencarnado ao parila, mas que ela é nossa filha, disse tenho absoluta certeza. Ela nasceu oculta de todos do grande templo, mas nem por isso deixou de ser nossa filha. E, caso não saiba, eu sofri muito quando estava no Plano Espiritual, impossibilitada de livrá-la de suas magias negativas, vendo-a ser morta por você, seu próprio pai!

— Você está louca! Como pode dizer tanta bobagem?

— Não estou louca, Hemisarê. Se você não tivesse se entregado à bestialidade, Li-An-Serí não teria sofrido tanto após sua passagem tão violenta e não teria sucumbido quando você voltou a persegui-la, aqui, no Plano Espiritual, voltando a sofrer com sua bestialidade e desumanidade. Mas você não perde por esperar, Hemisarê! Um dia, e não importa quando este dia chegará, você irá pagar caro, muito caro!

As palavras, eivadas do mais puro ódio, proferidas por Simerá, despertaram em mim alguma reflexão. Depois de algum tempo em silêncio, quis saber mais sobre aquela história de Li-An-Serí ser minha filha. Então ordenei que Simerá me falasse tudo o que sabia sobre nossa filha.

— Eu, quando era sua amante, fiquei grávida algum tempo antes de você partir para o Templo da Luz Dourada. Quando não foi possível ocultar mais minha gravidez, abandonei o templo e passei a morar no campo, onde meus parentes me acolheram e ocultaram, pois era uma sacerdotisa. E, para piorar minha situação, solteira! Quando dei à luz, morri, sem ao menos conhecer minha filha, que foi criada por uma irmã minha como se fosse sua filha. Quando Li-An-Serí atingiu sete anos, foi encaminhada a um templo. Quanto ao resto, você conhece muito bem, verme assassino!

— Sim, isto é verdade. Mas deve compreender que eu ignorava que Li-An-Serí era nossa filha.

— Isto não diminui sua bestialidade, Hemisarê. Afinal, a ninguém é permitido ou dado o direito de recorrer às magias para possuir outro alguém. E para agravar ainda mais este seu vício maldito, recorreu seguidamente às magias malignas só para saciar sua devassidão e bestialidade.

— Eu tinha um problema, Simerá.

— Você é o problema, Hemisarê! Essa é a verdade!

— Nada disso. Você, melhor que ninguém, conhece e partilhou do meu problema.

— Aí é que você se engana, Hemisarê. Você havia obtido uma oportunidade única da Lei Maior para, reencarnado, redimir-se de uma infinidade de erros cometidos em uma encarnação anterior àquela na qual vivemos como amantes. Mas ao que tudo indica, os espíritos caídos que deixou no inferno não o esqueceram e o perseguiram desde que nasceu. Por motivos que desconheço, conseguiram ativar sua sexualidade justamente quando foi banhado por mim. Quanto ao resto, você que tem uma memória muito aguçada ainda se lembra, não?

— Isto não é verdade.

— É sim, Hemisarê. Eu, quando me libertei de um passado sombrio, procurei as causas de minha queda e descobri o seu passado, muito semelhante ao meu. Não fosse essa fúria que o possuiu por meio do sexo, ambos teríamos nos redimido aos olhos da Lei e galgado os degraus da luz que havíamos perdido quando sucumbimos ante a força dos nossos instintos negativos. Digo-lhe mais, Hemisarê: essa fúria que se alojou quando o vi chorando e pedindo para ser ajudado, é um mistério negativo da Lei que jamais irá deixá-lo em paz. Ele realiza-se por intermédio de você, que dá plena vazão a ele, um mistério!

— Do que você está falando?

— Dessa fúria que se manifesta através do seu sexo, Hemisarê. É disso que estou falando!

— Isto que em mim se manifesta é só uma degeneração mental, racional e emocional, Simerá.

— Não é não. Caso não saiba, tive a oportunidade de estudar um pouco sobre o mistério negativo que vibra em seu sexo. Descobri que ele é tão poderoso, mas tão poderoso, que dele você nunca irá se livrar. Por toda a eternidade você será atormentado pelo seu sexo, que não precisa de estímulos para ficar assim, porque as energias negativas de natureza sexual irradiadas pelos espíritos femininos possuídos pelo desejo e desequilibrados emocionalmente o mantêm em uma contínua excitação. E assim será por toda a eternidade, uma vez que a Lei Maior o escolheu para ser um instrumento de esgotamento energético de espíritos femininos sobrecarregados de energias geradas a partir da viciação do sexo. Sua insatisfação nunca terá um fim, Hemisarê. Você é um ser marcado com um estigma, que é seu sexo, e amaldiçoado com um mistério negativo de natureza sexual!

— Nãooooo!!! — berrei, revoltado com o que Simerá me dizia — Você está tentando me enlouquecer, sua dementada!

— Enlouquecido você já está há muito tempo, Hemisarê. Agora, viva sua loucura para todo o sempre, ou até o dia em que a Lei o enviar ao mais profundo dos infernos para esgotá-lo em todos os sentidos, anulando-o como ser pensante. Não tenha dúvidas: um dia isto acontecerá!

— Como pode ter certeza disso, Simerá?

— Eu sei, Hemisarê.

— Quem lhe disse tão grande asneira?

— Aquele espírito que vinha tentando recolocá-lo nos limites da Lei, Hemisarê. Mas você sempre fugiu. Deixou escapar a única oportunidade de ser ajudado por alguém que conhecia esse mistério negativo e que poderia tê-lo livrado do tormento que o incomoda e o incomodará por todo o sempre. Ao reencarnar, todos os conhecimentos que aquele espírito possuía adormeceram em sua memória imortal.

— Aquele maldito vinha tentando acabar comigo, Simerá.

— Mais uma vez enganou-se, Hemisarê. Ele, atendendo a meus pedidos, tentava ajudá-lo.

— Por muito tempo ele me atingiu com golpes energéticos poderosíssimos, Simerá.

— Errado, Hemisarê. Ele tentava arrancá-lo desta esfera negativa e levá-lo a uma esfera neutra, onde iria neutralizar esta fúria e libertá-lo desse mistério negativo. Mas como não entendeu que ele queria ajudá-lo e voltou contra ele todo o seu medonho poder, você acabou atingindo-o gravemente, obrigando-o a reencarnar para poder ter o corpo espiritual refeito e reenergizado. Isso foi o que aconteceu, e você perdeu a oportunidade única de se livrar de um mistério que irá atormentá-lo por todo o sempre, pois, a todo instante, tem um espírito feminino caindo emocionalmente, desvirtuando-se por meio do sexo e começando a gerar energias sexuais femininas negativas que você capta, absorve e acumula, ficando atormentado.

— Você está inventando tudo isto só para me confundir, Simerá.

— Isto não é preciso, Hemisarê. Você já é um ser totalmente confuso! Ah, Ah, Ah...

— Você está louca, Simerá.

— Estou sim, Hemisarê. Mas ainda guardo um pouco de lucidez para o dia em que este seu sexo explodir, lançando-o no interior do pior

dos tormentos. Aí não poderá dar vazão às energias que seus sentidos continuarão a gerar. Este será seu fim, verme asqueroso!

— Suma da minha frente, Simerá! — bradei furioso.

Mas ela, às gargalhadas, desafiou-me:

— Venha, Hemisarê, deixe-me ajudá-lo! Ah, Ah, Ah...

Olhei para Simerá e vi que ela estava toda deformada, inflamada e corroída por larvas astrais que se alimentam de energias negativas. Mais uma vez ordenei aos berros que ela sumisse de minha frente. Por estar dementada, ela continuou a gargalhar. Ela via nos meus olhos a dúvida que havia se instalado em minha mente depois de ouvi-la dizer que eu era um ser amaldiçoado para todo o sempre. Então resolvi me afastar dali só para não ouvir aquela gargalhada irônica que me incomodava. Afinal, ela sabia de coisas que eu desconhecia!

Por algum tempo absteve-me de “tocar” novamente em algum espírito feminino caído nas trevas. Limitava-me a sentir-me excitado até o limite do suportável e tentava compreender o que comigo havia acontecido realmente. Mas chegou um momento em que não agüentei mais e tive que dar vazão àquela excitação infernal que me atormentava. Lancei-me sobre a primeira fêmea que encontrei caída dentro dos meus domínios: Li-An-Serí! Só a soltei quando senti a fúria apelar-se.

Já aliviado, voltei a pensar em tudo o que Simerá havia dito, enquanto observava mais uma vez aquilo acontecer comigo. Quando o incômodo se tornou insuportável, lancei-me sobre outra fêmea na ânsia de livrar-me daquele tormento infernal. Quando senti o alívio, voltei a procurar Simerá para que me revelasse mais algumas coisas sobre o mistério negativo que em mim se manifestava como uma fúria infernal de natureza sexual. Mas como ela começou a gargalhar de minhas preocupações, fui tomado por uma revolta incontida e lancei-me sobre ela, possuindo-a com tanta brutalidade, que chegou um momento em que ela clamou:

— Deixe-me em paz, que revelarei tudo o que sei sobre seu tormento, verme insaciável!

Eu a soltei e ordenei:

— Comece a falar ou a possuirei tanto que a reduzirei a um ser totalmente deformado, Simerá!

— Já não fez isso, Hemisarê?

— Você ainda não viu ou sentiu um décimo do que sou capaz, Simerá! Portanto, nunca mais me desafie ou ria de minha desgraça, senão a lançarei num tormento mil vezes pior do que agora imagina encontrar-se.

Falei com tanto ódio que ela assustou-se e concordou em revelar tudo o que sabia sobre o “meu” tormento. Como estava se demorando, ameacei-a, ao que ela, numa avalanche verborrágica, falou:

— Você está condenado, Hemisarê. Você, que traz em si um mistério negativo da Lei, deveria tê-lo neutralizado em sua última encarnação, colocando-se dentro dos limites luminosos da Lei da Vida. Mas, por motivos que desconheço, também fui dominada pela sua fúria e, ao invés de ajudá-lo, viciei-o, quando ainda era uma criança, no plano material. Mas isto não teria acontecido se acaso eu, ao ouvi-lo dizer que “viajava” ao encontro de mulheres que o ajudavam com seu incômodo, tivesse levado isto ao conhecimento dos mestres, que teriam interpretado o que acontecia com você e o teriam preparado para dominar este mistério negativo, colocando-o sob a regência de leis que regulam o sétimo sentido da vida, que envolve todos os sentidos humanos ligados ao sexo, tais como a geração, a satisfação, o prazer, o equilíbrio emocional, racional, energético e vibratório. Mas, por desconhecimento meu e também por medo e vergonha do que havia acontecido, calei-me e ocultei o que ocorria. Eu também era possuída pela sua fúria quando você ficava excitado. Por sentir prazer, calei-me!

— Isso já sabemos, Simerá! — atalhei furioso. — Fale-me do que desconheço! — ordenei, já incomodado mais uma vez com aquela fúria latejando em mim.

— Bem, o que sei é que, por alguma razão que desconheço, você foi envolvido ou induzido a envolver-se com um mistério negativo que tem por função absorver energias sexuais femininas negativas, geradas a partir da vibração do desejo irradiado por mulheres no plano material ou por espíritos femininos no plano espiritual.

— Que vibrações são estas, Simerá?

— Vibrações de desejos muito intensos e não satisfeitos; vibrações de insatisfação por algumas deficiências físicas, tais como: defeitos congênitos, má-formação nervosa do aparelho genital; insatisfação com a própria anatomia, que impede uma satisfação com o próprio corpo físico, etc. E isto, no plano material, que possui ainda as vibrações oriundas da insatisfação provocada pela dor ou obrigação de se relacionar com quem não se ama ou até se enoja. Afinal, são muitos os tipos de vibrações, Hemisarê! Muitos tipos de energia são geradas no plano material, que, depois de irradiadas, são absorvidas por alguma força ou corrente eletromagnética invisível aos olhos humanos, ficando à espera de uma anulação

ou transformação. Não sei ao certo o que acontece. Isto aquele Mago da Luz não me revelou.

— O que mais ele revelou?

— Bem, os espíritos femininos, insatisfeitos desde o tempo em que viveram no plano material, continuam a gerar energias, mas não conseguem descarregá-las, ou irradiá-las, por lhes faltar um meio que só o corpo carnal possibilita. Uma das funções dele é permitir que as energias de ordem espiritual fluam naturalmente através dos chacras ou pontos de irradiações energéticas, assim como também por meio dos órgãos e aparelhos do corpo humano.

— Continue, Simerá.

— Bem, quando um espírito, seja ele masculino ou feminino desencarna com muitas insatisfações, sejam elas de que ordem for, seu magnetismo é de natureza negativa. Logo, em vez de ascender às esferas luminosas onde o magnetismo é sutil e rarefeito, ele é atraído para as esferas negativas, onde o magnetismo é denso e pesado, sensível mesmo, Hemisarê! Se isto acontece, não é por acaso, pois na escala evolutiva cada um vai exatamente para a esfera magnética correspondente ao magnetismo pessoal acumulado no mental, onde outros espíritos magneticamente afins já se encontram. Eles permanecem nessas esferas negativas até que venham a sofrer descargas energéticas intensas e fiquem livres do magnetismo negativo. Só assim podem ascender às esferas positivas. Pode ocorrer também que, após refazerem-se magneticamente, voltem a encarnar para refazerem seus corpos espirituais e serem reajustados racional e emocionalmente.

— O que mais sabe, Simerá?

— Só sei que você, em algum momento de sua existência, antes de sua última encarnação, assumiu a função de proporcionar descargas magnéticas e energéticas em espíritos caídos, sobrecarregados por energias negativas de natureza sexual.

— Quem falou isto?

— O mago que queria ajudá-lo. Ele revelou-me que aquelas mulheres frias que o atraíam eram espíritos femininos insatisfeitos sexualmente, que encontravam um alívio imediato assim que o possuíam. E assim, curadas de suas insatisfações e deficiências, podiam ascender lentamente às esferas magneticamente menos densas. Por motivos que desconheço, a Lei o usava, ainda que disso você não tivesse consciência. Se você tivesse sido instruído pelos mestres versados neste

assunto, poderia ter dominado esta fúria e transformado este mistério de ordem negativa em um mistério de ordem positiva, ou mesmo anulado-o no seu sétimo sentido da vida, Hemisarê.

— Se eu o tivesse transformado em um mistério positivo, o que estaria acontecendo comigo agora, Simerá?

— Você estaria proporcionando a todo espírito feminino caído um meio humano de descarregar-se dos acúmulos de energias negativas geradas a partir da não-realização dos desejos, ou das insatisfações de ordem negativas. Mas como você não tem este meio humano e positivo, transformou-se num instrumento negativo da Lei e proporciona descargas energéticas de forma desumana. Ou não é algo extremamente desumano o que faz com todos os espíritos femininos que vêm parar nesta esfera onde se encontra aprisionado, mesmo tendo passado tanto tempo após seu desencarne?

— O que mais pode revelar-me, Simerá?

— Não muito, Hemisarê. O que sei é que o poder deste mistério negativo é tanto, mas tanto, que toda mulher ou espírito feminino que gerar energias sexuais negativas acabará ligada a você através de fios ou dutos condutores de certos tipos de energia. E aquela que acumular um tanto, que não sei quanto é, acabará vindo parar aqui para ser esgotada por você ou pelos seus iguais que aqui vivem seus tormentos. Mas se com eles logo as deformações em seus órgãos sexuais tornam-se visíveis e são lançados na dor e nos sofrimentos horríveis, com você isto não acontece, pois traz em si um mistério negativo, Hemisarê. Possua quantas quiser, mas nunca terá alívio, porque em você este mistério tornou-se um tormento negativo usado pela Lei Maior para esgotar espíritos femininos que sofrem de viciações em seu sétimo sentido da vida, que é o sexual. O sexo é útil à espécie humana. Ele, no plano material, gera a vida no corpo carnal e proporciona prazer, mantendo as uniões que dão sustentação aos lares onde a vida encontra repouso e amparo natural. Aos espíritos, ele permite a comunhão por meio das afinidades emocionais e intelectuais, também proporcionando o prazer singelo sublimado pelo amor, respeito, amparo e compreensão mútua. Fora disso, transforma-se em um tormento.

— Estou perdido para sempre?

— Não estaria se tivesse permitido àquele mago tê-lo “puxado” para a esfera que permeia o plano material. Lá ele teria anulado o mistério que em você é um tormento e que o transformou numa fúria

infernais invocada por rituais negativos viciados e sem sentido perante a vida. Ou não é isto que fazem com você, Hemisarê?

— Já faz tempo que os malditos não me invocam.

— Tudo é uma questão de tempo. Logo alguém volta a descobrir como invocá-lo, e lá estará você, o poderoso deus fálico, a possuir virgens sacrificadas em sua maldita honra.

— Não. Já faz muito tempo que não sou invocado, Simerá. Na crosta terrestre todos já se esqueceram de mim.

— As lendas sobre o maldito deus fálico são um atizador da curiosidade humana nos sexualmente pervertidos, Hemisarê. Se não o invocam, deve isso àquele mago, que se dedicou por milênios a combater os adoradores do deus fálico, no qual você se transformou. Mas, como você o atingiu profundamente, anulou seu único aliado e se privou do único que poderia ajudá-lo de fato a se livrar desse mistério vivo que se tornou um tormento infernal e se manifesta como uma fúria sexual.

— Você... você é maldição em minha vida, Simerá! — vociferei.

— Por que eu, Hemisarê?

— Foi você quem deu ouvidos a uma criança. Você é a culpada desta maldição em mim, Simerá! — bradei furioso.

Já fora de mim, lancei-me sobre ela e a possuí com tanta fúria, mas tanta fúria, que a deformei totalmente devido às energias que lhe injetei. Se demente ela ainda não estava, tornou-se dali em diante, pois ficou com o olhar perdido em algum ponto do infinito. Mas se a havia lançado num vazio existencial, no entanto refleti sobre tudo o que havia me revelado e comecei a apurar minha visão até que consegui “ver” os tais fios ou dutos energéticos que me ligavam a mulheres ou espíritos femininos, que por viciações ou insatisfações de ordem sexual geravam energias negativas. Eu as odiei, odiei e odiei! Como eu odiava as viciadas e desequilibradas fêmeas humanas que atormentavam meu sexo maldito!

Das profundezas do inferno eu urrava de ódio contra toda fêmea que em seu íntimo vibrava algum tipo de mágoa, desejo ou insatisfação sexual. Mas odiava muito mais aquelas que se entregavam às mais viciadas depravações, pois sabia que assim que desencarnassem, logo iriam incomodar-se muito mais, já que o espírito não tem mais o corpo carnal para descarregar, no plano material, as energias geradas que vão se acumulando no emocional. Quando uma, e eram tantas, caía nos meus domínios, eu a possuía com toda fúria e por quanto tempo

fosse necessário, só para não ser incomodado por suas energias sexuais. Daí em diante, ela só geraria energias de dor, nunca de desejos ou vícios insatisfeitos.

As palavras de Simerá tiveram o poder de uma profecia, pois alguns encarnados voltaram a invocar o maldito deus fálico. Mas como não chamaram especificamente a Hemisarê, não fui o único a atender à invocação e tive a desagradável surpresa de ter de disputar com outros seres tão terríveis quanto eu e que também haviam sido possuídos pelo tal “mistério negativo”. Como era uma disputa feroz, travada por iguais, a coisa complicou-se. Mas um outro deus fálico, que parecia muito esperto e só assistia a nós nos destruirmos, ao ver que a luta não teria fim, berrou:

— Parem imediatamente, escravos malditos!

Todos nos voltamos contra ele. Mas quando o atacamos, descobrimos que não passávamos de fracotes lutando contra um gigante poderoso e astuto, que nos subjogou com energias irradiadas através de suas assustadoras mãos.

Então, com todos caídos no solo, ele recebeu o sacrifício e vimos como ficou vermelho, da cor do sangue da vítima. Depois, foi a vez de seus acompanhantes saciarem-se. Ficaram da mesma cor que ele, o novo “chefe”, onde o totem do deus fálico havia sido erigido.

Só muito tempo depois aquele ser poderosíssimo voltou sua atenção para nós e, sarcástico, perguntou;

— Quem são vocês?

— Seu escravo, poderoso ser! — responderam alguns.

— E quem sou eu, escravos meus?

— É o nosso senhor, ser poderoso.

— Ótimo! — exclamou.

A seguir fulminou os que nada haviam respondido e os reduziu a “pó”, dizendo em seguida:

— Isto é o que faço com escravos insubmissos!

Calei-me e aguardei o desenrolar dos acontecimentos. E não demorou muito para aquele ser ameaçador, dirigindo-se a mim, dizer:

— Tenho observado você, Hemisarê, e tenho apreciado suas ações. Eu sempre soube que você seria um bom escravo-auxiliar, e, por tê-lo aprovado, agora o nomeio como guardião deste templo erigido em minha honra. Cuide bem para que ele não venha a ser destruído por algum encarnado inimigo do deus fálico, que sou eu, seu senhor!

— O meu senhor me permite uma pergunta?

— O que quer saber?

— Desde quando sou seu escravo, meu senhor?

— Você sempre foi meu escravo, Hemisarê.

— Fui?

— Isso mesmo. Mas quase o perdi para a luz quando teve uma reencarnação amparada pela Lei. Não foi fácil, até que matei Simerá e o deixei desamparado. Ah, Ah, Ah... Aquela idiota quase o arranca dos meus domínios, Hemisarê! Mas quando o obriguei a violentar e matar sua própria filha, os Espíritos da Luz afastaram-se de você e aí eu o dominei completamente.

— Como fazia para me dominar, se eu vivia no plano material, meu senhor?

— Creio que você precisa aperfeiçoar-se um pouco e aprender algumas coisas, Hemisarê.

— Acho que preciso sim, meu senhor. Só não sei como.

— Vou enviar alguém para instruí-lo e torná-lo mais útil aos meus desejos, escravo Hemisarê. Assim você será um servo à altura do seu verdadeiro senhor, que sou eu! Ah, Ah, Ah...

Aquele ser de olhar astuto, perigoso, traiçoeiro e fascinador desapareceu, assim como todos os demais seres que haviam participado daquele ritual macabro.

Quanto a mim, obrigado a permanecer naquele templo, já que o que menos desejava era desobedecer àquele ser dominador, chamei muitos dos meus escravos e os distribuí pelas dependências internas e externas da construção, ordenando:

— Avise-me de todo e qualquer perigo. E caso apareçam Espíritos de Luz, refugiem-se aqui neste recinto onde permanecerei guardando esta câmara de sacrifícios.

— Quando tudo estava como eu queria, sentei-me no trono do deus fálico e fiquei observando o latejar intenso que me incomodava. Estava observando-o quando surgiu na minha frente a mais atraente fêmea já vista até então! Ela ficou me olhando sem nada dizer. Com o passar do tempo fui me irritando e perguntei:

O que quer aqui, fêmea infernal?

— Meu senhor enviou-me para instruí-lo um pouco, Hemisarê.

— Por que olha para meu sexo tão fixamente?

— Estou avaliando seu potencial para ver até onde posso ir com você.

— Poderá ir até o inferno, fêmea infernal.

— Não gosto de ser chamada assim, Hemisarê.

— Não? Então por que não se apresenta?

— Sou Limigolith, uma das sete princesas do meu rei, o poderoso Lucighor, escravo de Lúcifer, o poderoso Anjo das Trevas e Senhor do Sétimo Círculo Infernal. Quer saber mais alguma coisa a meu respeito?

— Quem é Lucighor, Limigolith?

— Não sabe, escravo ignorante?

— O que sei ouvi de seres tão ignorantes quanto eu. Portanto, prefiro saber de você, que parece conhecê-lo bem.

Eu o conheço, sim. Mas aconselho-o a não desejar conhecê-lo.

— Por que?

— Deseje e saberá, Hemisarê. Ou já não lhe basta a fúria infernal que ele lançou no seu sétimo sentido quando esteve diante dele num passado já distante?

— Estive? Foi isto que ouvi, princesa Limigolith?

— Esteve sim. Você é tão ignorante que ainda não rompeu a barreira que o impede de recorrer à sua memória imortal para conhecer-se melhor. Mas isto não é difícil, Hemisarê!

— Não?

— Você adormeceu na carne por tão pouco tempo e, mesmo tendo passado muitos milênios depois de retornar aos seus, ainda permanece um completo ignorante. Devo julgá-lo um estúpido ou um idiota?

— Cuidado com as palavras, princesa!

— Eu deveria temê-lo, Hemisarê?

— Se não voltar a ofender-me, nada terá a temer. Mas se voltar...

— Ameaças não concluídas é algo que não tolero. Portanto, termine com sua insinuação ou acabo com você agora mesmo, imbecil abusado! — ameaçou-me a princesa.

Então completei:

— Lanço-me sobre você e só vou soltá-la quando ver todo este seu belo corpo de mulher transformado numa massa disforme, princesa.

— Quer tentar agora, tolo idiota?

Enfureci-me tanto que saltei do trono e a agarrei, já possuído pela fúria que quase explodia meu sexo. Mas ao contrário do que eu imaginava, a reação dela foi tão inesperada que, por um instante,

fiquei paralisado: ela não só se abriu para mim como também me possuiu. Soube depois que ela também estava possuída por uma fúria e prestes a explodir. Ao ver que interrompi o ataque, irada, ela falou:

— Por que parou, verme imbecil? Ou não é um imbecil, mas sim um completo idiota?

— Você... você...

— Cale-se, idiota! Trate de voltar a ser como era quando vivia no plano material e se lançava sobre as fêmeas encarnadas, possuindo-as com volúpia, força, poder e fúria. Ou age assim comigo ou irá arrepende-se por não saciar meus desejos. Verme inútil! Onde está sua fúria sexual infernal, idiota?

— Eu... eu...

— Por acaso é um covarde que treme quando se vê diante de alguém igual a você? É isto que devo falar sobre você ao poderoso Lucighor? Devo dizer a ele que você é um covarde inútil, imbecil e idiota, Hemisarê? Ah, Ah, Ah... — gargalhou ela, que provocou em mim uma reação desconhecida até por mim mesmo.

Avancei sobre ela e a possuí como se todo o meu ser fosse uma fúria. Isto a agradou tanto, que também "atacou-me" e possuiu-me do mesmo jeito. Perdi os sentidos do real e o que fizemos, ou melhor, estávamos fazendo, não proporcionava prazer algum, mas apenas aumentava nossa ânsia. Teríamos continuado para sempre, caso o poderoso Lucighor não tivesse aparecido ali e nos paralisado ao mesmo tempo.

— Imbecis! O que pensam que estão fazendo?

Estávamos paralisados e nada respondemos. Dirigindo-se a Limigolith, falou:

— Princesa, quantas vezes devo dizer-lhe que nunca deve envolver-se com um igual se não tiver um encarnado para servir de meio para alcançar o prazer? Por acaso é alguma idiota e não sei?

— Eu... eu... — balbuciou ela, tentando livrar-se de mim, o que não foi difícil, pois tratei de soltar-me dela o mais rápido possível.

Lucighor então continuou:

— Vocês são dois inúteis! Sirvam-me como quero ou eu os fulmino!

— Desculpe-me, meu senhor. Eu não sabia o que fazer — murmurei cabisbaixo.

— Quanto a você, sei que ainda é um ignorante, Hemisarê. Mas... e quanto a você, Limigolith, o que tem a me dizer?

— Perdoe-me, poderoso Lucighor. Fui dominada pelo...

Mas ela não continuou, pois Lucighor a atalhou de imediato. Ordenou-me que reassumissem o meu trono e levou-a dali no instante

seguinte, só trazendo-a de volta muito tempo depois, para que começasse a me instruir. Demorou muitos e muitos séculos para descobrir o que eles haviam discutido, mas hoje, sei. Lucighor a levou aos seus domínios, de onde não poderiam ser ouvidos por mim, e aí...

— Sua idiota! — exclamou Lucighor — Não falei a você para nunca olhar fixamente o sexo dele?

Perdoe-me, meu senhor. Comecei a examiná-lo e no instante seguinte seu mistério fascinou-me e despertou tanto desejo que não quis outra coisa senão consumi-lo em mim.

— Estúpida!

— Sinto muito, meu senhor.

— Olhe para si mesma, idiota! Olhe-se e veja como está toda deformada e inutilizada para servir-me.

— Sinto muito, poderoso Lucighor. Fui dominada e se não tivesse aparecido para salvar-me, todo o meu corpo já estaria inutilizado.

— Terá de ir até o poderoso Lúcifer para readquirir sua perfeição.

— Não! — gemeu a princesa — De novo, não!

— Então logo começará a apodrecer, princesa. Você conhece o preço da perfeição no corpo espiritual!

— É um preço muito alto para se pagar, meu senhor.

— A alternativa é o apodrecimento, Limigolith.

— Não sei se suportarei passar por tudo aquilo novamente.

— Talvez assim aprenda a me obedecer! Quase pôs a perder todos os esforços despendidos pelo meu senhor para ter a serviço das trevas aquele iniciado e unido com um mistério desde sua origem. Não conhece um milésimo dos esforços gastos para manter na escuridão da ignorância o possuidor de um mistério tão poderoso quanto o que Hemisarê traz em seu sétimo sentido, e que se manifesta numa inesgotável capacidade de executar num piscar de olhos os esgotamentos energéticos negativos de todas as fêmeas viciadas no meio material humano. Nem quero imaginar o que meu senhor fará conosco, caso venhamos a perder Hemisarê por causa de nossas fraquezas ou ignorâncias.

— Eu... eu...

— Cuidado, Limigolith. O que irá sentir só por um instante para ter de volta a perfeição no corpo espiritual poderá se tornar eterno, caso meu senhor não aprove o que fez com Hemisarê.

— Não, isto não! Ajude-me, meu senhor!

— Vou ajudá-la, princesa. Acompanhe-me até o meu senhor para que volte a ter a perfeição neste seu corpo de mulher, pois só se conservando perfeita poderá servi-lo.

Com um gemido de impotência e resignação, Limigolith concordou em acompanhá-lo até uma câmara especial, onde, após a invocação feita por Lucighor, uma fumaça negra começou a surgir. Depois, no meio da fumaça, uma figura começou a ser formada. Quando já estava plasmado num corpo humano, aquele ser, com uma voz cavernosa e arrastada, perguntou:

— Por que me invoca, maldito Lucighor?

— Sua escrava mais uma vez clama por sua complacência diante de suas fraquezas humanas e, humildemente solicita sua ajuda para ser curada mais uma vez antes que comece a ter o corpo espiritual apodrecido, meu poderoso Senhor.

— Maldita Limigolith! Não foi advertida para não fixar sua visão no mistério de Hemisarê? Sabia que poderia ser dominada pelo que nele existe e que poderia ser destruída pela minha fúria infernal colocada nele.

— O meu senhor Lucighor advertiu-me, meu poderoso Senhor — respondeu Limigolith, apavorada.

— Então o que tem a dizer para que não a deixe apodrecer em espírito e que a cure dessa sua fraqueza mais uma vez?

— Digo somente que aprendi minha lição, meu amado e poderoso Senhor.

— Assim espero, serva ignorante. Agora, aproxime-se para que possa curá-la. Mas nunca mais falte com seus deveres e responsabilidades, senão eu a lançarei no interior do seu maior e pior tormento!

— Dominarei minhas fraquezas humanas, meu amado e poderoso Senhor!

— Veremos, Limigolith!

Limigolith aproximou-se daquele ser que parecia tão humano, e foi possuída por ele, que lhe introduziu a mais negra "substância", pois nele a ausência de luz é total e absoluta. Sim, Lúcifer é isto: a ausência total de luz!

Limigolith emitiu um grito tão lancinante, que até o impassível Lucighor deu sinais de ter sido incomodado com a dor que ela sentiu. O grito e a dor de Limigolith parecia não ter mais fim. E quando ele levou as mãos aos ouvidos para não mais ouvir a "dor" na forma de um grito desesperador, ela caiu no solo escuro, já desfalecida.

Lucighor olhou para Limigolith e viu que um filete do mais vivo sangue humano escorria dela. Depois olhou para Lúcifer e viu-o coberto por um sangue rubro; parecia estar em carne viva. Lúcifer emitiu um pavoroso urro de dor, desespero e angústia que quase

explodiu Lucighor, que caiu de joelhos e tapou os ouvidos enquanto emitia outro grito horroroso.

Quando Lúcifer silenciou aquele grito infernal de dor, desespero e angústia, com a mais humana, suave e humilde voz, olhando para o alto, exclamou:

— Por que, meu Senhor? Por que tinhas de me enviar até este abismo da perdição humana? Por que logo eu, que tanto vos amo, adoro e venero, tinha de ser o escolhido para ser o catalisador, absorvedor e acumulador das energias geradas por todos os espíritos humanos viciados? Por que, meu Senhor? Não vedes que eles, os humanos, nunca vão aprender a amar-vos, respeitar-vos, venerar-vos e adorar-vos como eu vos amo, respeito, venero e adoro? Por que meu irmão do alto colhe as vibrações de amor, respeito, veneração e adoração dos espíritos humanos virtuosos enquanto para mim reservastes o ódio, o desprezo, o amaldiçoamento e a ignorância dos espíritos humanos? Por que não fulminais todos os espíritos humanos faltosos perante vossas leis eternas? Por que não fazeis desaparecer todos os espíritos humanos que vos desrespeitam, menosprezam, ofendem e olvidam? Por que permitis que eles, criações vossa, sejam tão ambiciosos, invejosos, falsos, traidores, perversos, soberbos, ignóbeis, cruéis, hediondos? Por que os que são humanos, tanto por fora quanto por dentro, vão para o reino luminoso de meu irmão do alto e os que parecem humanos por fora, mas por dentro são mais traiçoeiros do que a serpente, mais sanguinários do que os cães raivosos, mais lascivos do que cadelas no cio, mais sujos do que porcos, mais falsos do que hienas, por vós são enviados para meu reino aqui embaixo e só fazem por aumentar meu ódio, desprezo, rancor, raiva e fúria contra os malditos seres humanos viciados na maldição de suas fraquezas humanas?

Senhor meu, eu vos amo, respeito, adoro e venero, e, no entanto sou tão incompreendido pelos servos do meu irmão do alto! Eles não entendem que se sou como sou é porque assim são os semelhantes deles que não vos amam, veneram, adoram e respeitam, e que por vós são enviados ao meu reino sem luz com todos os vícios humanos, os quais tornam meus domínios depósitos da escória humana. Eles não sabem que só odeio quem vos despreza; só persigo quem se afasta de vós; só destruo aqueles que querem destruir-vos; só anulo aqueles que querem apagar vossa essência divina no meio humano; só sou implacável com os degenerados, os viciados, os ignorantes e os desumanos.

Por que vosso servo do alto não diz a eles como realmente sou, quem eu sou e por que sou como sou? Por que ele, que consegue falar com os humanos por meio do Amor, da Fé e da Razão, não diz a eles que não sou o que pensam que sou, mas sou tão-somente aquele que escolheste para acolher em meu reino e domínios os que vos desrespeitam, desprezam, ofendem e odeiam? Por quê? Por quê? Por que não falas comigo meu amado, adorado e venerado Senhor?

Então, aos poucos, a voz de Lúcifer foi se tornando revoltada, magoada, rancorosa e furiosa, enquanto ele dizia:

— Por que, irmão do Alto? Por quê? Até quando ficará com os nobres e virtuosos e para mim só sobrarão os ignóbeis e viciados? O que você tem a mais que não tenho e que o torna luminoso aos olhos do nosso Senhor enquanto eu me torno tão sombrio? Como eu o invejo, irmão do Alto! Como eu o odeio, irmão da Luz!!! Não sabe como me revolto com suas fraquezas humanas, quando se põe a chorar ao ver um maldito espírito humano cair nos meus domínios para ser executado pelos meus servos leais, pois ofenderam, desrespeitaram, amaldiçoaram ou odiaram meu amado, venerado e adorado Senhor e Criador, que não é tão amado, venerado e adorado por você quanto é por mim que o amo, adoro e venero. Por que os seus servos na luz não punem os ignóbeis e viciados espíritos humanos? Por que para mim ficaram os abismos sombrios, enquanto para você foram dados os campos luminosos e os vales floridos e multicoloridos? Por que para mim são enviadas as bestas-feras humanas, enquanto para você são enviados os cordeiros pacíficos? Por que tenho de receber o esterco e você só tem de colher os frutos que a Terra dá? Por que tenho de recolher os violentos e você os pacíficos? Por que tenho de ficar com os deformados em todos os sentidos e você só recebe os aperfeiçoados em todos os sentidos? Por que chora quando um mísero espírito humano cai nos meus domínios, se em meus domínios só caem os malditos viciados, enquanto aos seus domínios só os benditos virtuosos ascendem? Por que está aí, a chorar por causa das verdades que estou dizendo? Ou não é verdade que, quando um bendito virtuoso ascende a um dos seus domínios, só faz aumentar sua imensa luz aos olhos do nosso Senhor e Criador, mas quando um dos malditos viciados cai num dos meus domínios, aos olhos do nosso Senhor e Criador tenho aumentado minha escuridão, tornado-me quase invisível a Ele? Sim, eu sei que tem enviado os seus para ensiná-los! — exclamou Lúcifer, já não tão furioso.

Tenho acompanhado a descida dos seus até o meio material humano, para que lá eles deixem suas mensagens. Mas os seus são uns fracos! Mal chegam à carne e já se entregam aos vícios humanos! Ou você não vê que a maioria deles é enviada aos meus domínios pelo nosso Senhor, para aqui, aumentando minha escuridão com suas ausências de luz, serem esgotados energeticamente e punidos, porque falharam diante dos olhos divinos da Lei?

Sim, até reconheço que tem tentado livrar-me de minhas dores humanas, que, se as tenho, é porque só os deformados vêm parar nos meus domínios. Mas por saber que não podes redimir toda a humanidade por causa dessas suas fraquezas humanas que são a tolerância, a compreensão, o perdão e o amor que sente por eles, com eles sou intolerante, implacável, cruel e os odeio!!! Ah!, se você fosse como eu! Juntos, já teríamos ensinado todos os espíritos humanos a amar, adorar e venerar o nosso Senhor e Criador como realmente deve ser: obediência cega, devoção total e veneração em todos os sentidos. Mas não! Você e suas fraquezas humanas estragam os espíritos humanos. No íntimo eles sabem que mais tempo, menos tempo, você os perdoa, não é mesmo? Então é por isto que sou tão implacável com os malditos viciados que caem nos meus domínios. Comigo é assim mesmo: quem ofendeu será ofendido; quem magoou será magoado; quem matou será torturado até a exaustão dos sentidos; quem invejou será invejado; quem desejou será desejado; quem odiou será odiado; quem cobiçou será cobiçado; quem traiu será castigado; quem blasfemou será amaldiçoado.

Você diz que não compreende por que sou assim. Mas, se aos seus domínios ascendessem os malditos viciados, logo eles se tornariam escuros. E aí, ao invés de sorriso franco, iria ouvir um odioso ranger de dentes. E, ao invés de cordeiros, seus campos abrigariam lobos sanguinários. E não me venha com suas fraquezas humanas, pois não perdô nada aos espíritos humanos! Enquanto no Livro Negro da Lei nas Trevas estiver escrito que alguém errou, falhou ou pecou, este alguém terá de vir até meus domínios para pagar o que deve, pois assim foi dito que seria pelo nosso amado Senhor e assim haverá de ser, ainda que eu demore toda a eternidade para cobrar a dívida de todos os incontáveis espíritos humanos que já se julgam dignos do seu reino, mas que ainda estão nos meus domínios. Chega! Não suporto estas suas fraquezas humanas! Não, não quero ouvi-lo dizer mais nada sobre os malditos e viciados espíritos humanos. Continuarei a agir segundo os princípios que

regem meus domínios: se cair no inferno será infernizado, atormentado e anulado. Cale-se! Cale-se! Você sabe que não suporto quando começa a falar assim! Vou diluir-me nas sombras do meu reino escuro e espalhar-me pelos meus domínios. Assim não só não o ouvirei mais, como também por meio dos meus malditos servos, continuarei a punir todos os malditos e viciados espíritos humanos, vivam eles na carne ou só em espírito!

E uma explosão infernal indicou a diluição daquele mistério chamado Lúcifer, o O Anjo Negro ou O Anjo das Sombras, que havia falado com o Anjo da Luz, o Criador. O Anjo da Luz reina sobre os espíritos virtuosos e o Anjo das Trevas sobre os espíritos viciados, estejam eles onde estiverem.

Então Lucighor, possuído por uma ira infernal, bradou:

— O meu Senhor sofre por causa dos humanos! Eu os odeio e ainda trarei todos os devedores da Lei até os domínios do meu Senhor. E aqui, bem no meio do inferno, eu os punirei com todo o poder, ira e ódio a mim concedidos pelo Anjo das Trevas. Todo o sofrimento do inferno aos humanos devedores da Lei!!!

Incontáveis e incontidos brados de ódio e ira contra os humanos ecoaram nas trevas:

“Todo o sofrimento do inferno aos humanos devedores da Lei!”, era o que bradavam muitos outros iguais a Lucighor, um dos auxiliares do Anjo das Trevas.

“Aqui abrimos um parêntese para dizer que nossa curiosidade nos levou ao âmago da questão, quando indagamos de Hemisarê a razão do ódio aos seres humanos. Eis o que ele nos respondeu:

— É muito simples, fácil e não condiz com o que pregam no plano material. Quando um ser humano, totalmente desligado das verdades e ensinamentos religiosos, se converte a alguma religião e começa a acreditar que está salvo ou “conquistou” o Paraíso, ninguém lhe diz que o preço da conversão é o reajustamento total e que o preço do Paraíso é a transformação de todo o “inferno pessoal” que ele deixou para trás em um verdadeiro Paraíso. Pois enquanto não “retornar” e dirimir dúvidas, reparar erros, ser perdoado e perdoar, seu nome, atos e conseqüências continuarão inscritos no Livro Negro da Lei nas trevas, livro este que está aberto a todos os “grandes” das trevas, que são, em suma, os executores finais do esgotamento dos vícios, viciações e energias negativas acumuladas no íntimo de todo aquele que “deve” à Lei Maior. Melhor seria se todo convertido pedisse antes que

a Lei lhe facultasse meios de reparar seus erros, falhas e pecados para remir-se diante da Lei e da Vida.

E digo mais — falou-nos Hemisarê — De que adianta um infeliz clamar o “pão nosso de cada dia” se, quando recebe dois pães, prefere deixar um embolorando no fundo do seu egoísmo a ter de partilhá-lo com um semelhante que nenhum pão tenha “ganho” naquele dia? É muita mesquinhez, desfaçatez, egoísmo e safadeza pedir ao Pai o pão de cada dia e quando o tem em abundância, não repartir com os menos favorecidos. Odeio quem é assim ou assim age. E quando me é permitido, desperto nele uma gula insaciável (ambição) e o levo a uma dolorida indigestão, que ao final irá lançá-lo de joelhos diante de algum dos meus companheiros de destino: os grandes das trevas.

Voltemos à nossa história.”

Lucighor despertou Limigolith e ordenou:

— Volte para junto de Hemisarê e instrua-o para que ele venha a servir o poderoso Anjo das Trevas com toda sua capacidade, inteligência e sabedoria por todo o sempre. E nunca mais se esqueça que os grandes das trevas são portadores de mistérios muito poderosos, mas que por motivos que não lhe interessam, foram possuídos por fúrias infernais do nosso Senhor, o Anjo das Trevas. Se falhar outra vez, pagará o preço da estupidez e será lançada no maior dos sofrimentos: será absorvida por ele, o Anjo das Trevas.

— Não, isso nunca, poderoso Lucighor! — pediu Limigolith. — Transformarei Hemisarê num dos melhores servos do nosso Senhor.

— Não duvido de sua capacidade. Mas não acredito que ela seja superior à sua estupidez. Afinal, seu ódio aos “homens” é mais forte que seus desejos de vingança contra eles, Limigolith!

— Logo confirmarei que finalmente aprendi minha lição, poderoso Lucighor!

Limigolith voltou para junto de mim e começou a “instruir-me”:

— Você tem sido um bom servo das trevas, Hemisarê. Mas muito melhor será se usar de toda sua capacidade e inteligência, tornando-se realmente um dos grandes nas trevas.

— Como isto é possível?

— Deixando de agir irracionalmente, Hemisarê.

— É possível ser racional junto a tantos seres irracionais?

— É sim. Ouça...

Limigolith ensinou-me, instruiu-me e aperfeiçoou-me no uso do meu tormento. Quando completou minha “instrução”, convidei-a para

irmos nos divertir na casa de um velho idiota que havia feito uma generosa oferenda ao deus fálico, pedindo ajuda para fecundar sua jovem esposa.

Assim que vi que ele, além de impotente, era infértil devido à idade avançada; tramei com Limigolith que lhe daríamos algumas noites de prazer com sua jovem esposa, mas a fecundação conseguiríamos induzindo-a a entregar-se a outro homem que a desejava muito e, só não a possuiu, devido unicamente ao fato de o velho ser alguém muito poderoso na aldeia.

Limigolith encarregou-se de despertar um desejo incontrolável na jovem, e eu de aproximar o homem que a desejava.

Em poucos dias, a jovem não só havia sido fecundada, como se tornara uma amante insaciável do tal homem. Tanta era sua paixão, que começou a tramar a morte do esposo.

— Maldita! — exclamei furioso, quando ela propôs ao amante um astuto plano para envenenar o marido.

— Não foi isto que o velho pediu ao deus fálico, Limigolith!

— Eis aí mais um motivo para odiarmos os seres humanos, Hemisarê. Quando têm ao seu alcance tudo para viverem bem, põem tudo a perder, e perdem-se.

— Quando esta maldita desencarnar vou possuí-la com tanto ódio, mas tanto ódio, que só a soltarei do meu abraço tormentoso quando tiver se transformado numa rastejante!

— O mesmo farei com este homem. Se induzi esta mulher a entregar-se a ele, foi apenas para que a fecundasse. Eu odeio os homens!

Devo dizer aqui que o culto ao deus fálico tinha como função sustentar causas relacionadas aos desejos, fertilidade e casamentos fecundos e geradores de muitos filhos, pois o bem maior naquela época eram os filhos.

O culto ao deus fálico foi disseminado por uma extensa região da atual Ásia Menor há oito mil anos solares. Depois se espalhou pelo resto do planeta, pois a geração de filhos nunca deixou de ser uma preocupação. Naquele tempo, era muito maior devido à precariedade da vida, uma vez que a morte se apresentava a todo momento diante daqueles seres que se sentiam tão frágeis frente às muitas ameaças existentes: secas, inundações, animais selvagens e perigosíssimos, disputas familiares, guerras tribais, etc. O deus fálico foi muito cultuado por vários milênios, perdurando até hoje em algumas

regiões atrasadas e isoladas do resto da civilização que se impôs na face da Terra, civilização esta que adotou o aborto como sendo uma prática natural, quando ele é punido por todos os grandes das trevas, uma vez que o deus fálico é gerador da vida, nunca ceifador dela.

Talvez pareça incompreensível a quem ler minha história que eu, Hemisarê, um servo do Anjo das Trevas, odeie um casal que opta por um aborto. Mas é assim que sou e assim sou porque incorporei aos meus princípios que a geração de seres humanos no corpo carnal é o único veículo para a evolução da Humanidade como um todo e que se sustenta no “Crescei e multiplicai-vos”. O deus fálico, até onde pude conhecer seus fundamentos e razões de ser, tem por função estimular a geração humana no plano material. Se havia o ritual de sacrifícios em homenagem a ele, isso se devia à mentalidade reinante desde tempos imemoriais, segundo a qual a oferenda de uma virgem estimularia a geração e aumentaria a fecundidade. A mentalidade atual vê isso como um ato insano e ignóbil, mas se esquece que naquela época o bem maior era a vida humana. Para agradar um deus, nada melhor que ofertar o que de mais valioso havia: a vida.

Outros tempos, outros povos, outras civilizações, outros princípios e outras mentalidades, nem mais sábias nem mais ignorantes que a atual, que sustenta que o aborto é uma das formas de se controlar a natalidade e evitar o excesso populacional. Outros tempos, outras condições de vida, e outros princípios!

Mas devo dizer que, até hoje, quando em meus domínios cai alguém que faz apologia do aborto ou a ele recorre, aqui paga muito caro por contrariar não só os princípios religiosos atuais como o mais poderoso dos princípios do deus fálico: a geração da vida!

Também devo dizer que em meus domínios caem espíritos oriundos de todas as raças e religiões existentes na face da Terra. Nenhum povo ou religião escapa, pois em todas sempre existem os que defendem o aborto como um recurso para a preservação do meio de vida, assim como existem os que recorrem a ele por outros motivos.

Muito bem instruído por Limigolith, compreendi e entendi as razões do ódio que o Anjo das Trevas sente pelos que ofendem o Supremo Criador: toda vez que um espírito humano é recolhido aos seus domínios nas trevas, lá irradia suas energias negativas. Elas se espalham, ou melhor, são absorvidas por ele, o Anjo das Trevas. Isso o incomoda muito! Então nós, os seus servos fiéis, leais, obedientes, submissos (e

revoltados com os espíritos humanos viciados), odiamos todo aquele que afronta um dos princípios do deus fálico: a vida! Seja a afronta um aborto ou qualquer outra agressão à expansão da espécie humana no meio material.

Se outras razões não tivesse para punir os que atentam contra a vida, bastar-me-ia o fato de que cada vez que uma mulher começa a se desvirtuar por meio do sétimo sentido da vida, um fio invisível ao olho humano forma-se e a liga a este meu atormentado sexo, que começa a receber suas atormentadoras energias negativas. Isto incomoda tanto, mas tanto, que começo a odiá-la. Primeiro envio meus escravos, que tentarão ajudá-la a saciar seus desejos. Mas se vejo que a mente dela é inacessível, então envio outros que têm por função, atormentá-la em outros sentidos, só para que o tormentoso fio energético escuro seja rompido.

Mas ao despertar-lhe tormentos em outros sentidos da vida, desperto a ira e o ódio de outros grandes das trevas que trazem em si outros mistérios também possuídos por outras fúrias do meu Senhor nas trevas, o poderoso Anjo Negro, que o chamamos assim não por ser de cor preta. O "negro" ao qual nos referimos se deve à ausência total de luz nele, que está espalhado pelas trevas, assim como também está nos espíritos humanos dominados por viciações dos princípios da vida.

Cada grande das trevas traz em si um mistério da vida, mas, por ter sido possuído por uma fúria infernal, tem como função principal esgotar energeticamente os espíritos humanos viciados.

Muito longa seria a abordagem de todos os mistérios e a mim não é permitido e nem compete falar da função dos outros grandes das trevas. Mas posso dizer que, para cada tipo de perversidade, devassidão ou fraqueza humana, existe um mistério e um "grande" a odiar a espécie humana por uma causa específica. "Quem com ferro fere com ferro será ferido!", "Olho por olho e dente por dente!" são regras respeitadas por todos os grandes, e seguidas ao pé da letra. Dos grandes das trevas nada escapa. Nem o menor dos erros ou afrontas às Leis da Vida, pois toda vez que um ser humano comete suas falhas, um fio de energia negativa imediatamente é estabelecido, unindo-o ao ser que traz em si o mistério pertinente ao deslize cometido. Esse fio só será totalmente rompido quando houver uma anulação da fonte que se abriu no espírito humano e começou a gerar tal energia. O ativador é o sentimento de cada

um; o gerador é o sentido da vida em que tal sensibilidade flui e lateja (vibra); o irradiador é a forma que os sentidos da vida têm num ser humano.

E digo mais: em mim, Hemisarê, o mistério está no sétimo sentido da vida, que é a sexualidade. Os fios ligam-me a eles através do meu sexo que, para que compreendam melhor e não me julguem apenas como um devasso incurável, é como uma antena sensível que atrai esses fios gerados a partir do sétimo sentido da vida das mulheres e de todos os espíritos femininos. Pois é muito comum elas, já em espírito, comecem a vibrar certos desejos que não podem ou não têm coragem de realizar, por medo de “perderem suas luzes”. Mas isto é pura tolice e ignorância, pois a partir do momento que esses “desejos” se transformam em vibrações de insatisfação, o fio negativo surge espontaneamente, ligando-as a mim que, recebendo as energias geradas por sua insatisfação, começo a sentir o incômodo e tento anulá-lo. Se de alguma forma isto é conseguido, o fio é rompido e volto a ficar em paz. Mas se não, recorro a meios mais drásticos e as “derrubo”, pois só assim, aqui em meus domínios, haverá uma anulação da fonte aberta pela não-satisfação do desejo vibrado.

Talvez para alguns isso seja incompreensível ou pareça ficcionismo; talvez para outros seja inaceitável. Mas eu, Hemisarê, já vi cair aos meus pés (pés mesmo!) até os espíritos de mulheres tidas como “santas” pelas religiões que existem por aí. E tudo porque não realizaram seus desejos sexuais intensos. Como tenho por função evitar que meu Senhor, o Anjo das Trevas, tenha de absorver suas energias, eu as possuo com meu mistério, tomado por uma fúria infernal. Assim, logo elas estarão totalmente anuladas neste sentido: o sexo!

Reconheço que outras energias elas gerarão, tais como: dor, remorso, apatia, etc., mas isto já não é problema meu, e sim de outros “grandes das trevas”.

Por falar nisso, em certos momentos, nós, os grandes das trevas, combatemos acirradamente, principalmente quando os domínios de um é invadido pelas ações de outro, ou outros! Sim, no desempenho de suas funções e na ânsia de se livrarem, ou melhor, anularem as energias irradiadas pelos espíritos humanos caídos em seus domínios, muitos excedem seus limites.

Aí é o caos, pois quando dois grandes iniciam uma disputa, quem cai são seus espíritos escravos, uma vez que um grande jamais se

afasta do seu domínio, preferindo enviar seus servos para acertarem contas pendentes.

Não foram poucas as disputas que travei com outros grandes por ter invadido domínios alheios ou por invadirem meus domínios. Mas isto é outra história que faz parte de outra ainda maior que a minha, a história de Hemisarê, o Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Cemitério.

Também devo dizer que é muito comum, e isto deve ser observado, um "grande" receber a incumbência de dar sustentação a um espírito encarnado que tem por missão fazer algo de envergadura no plano material e de longo alcance no tempo e no espaço. E que por isto é combatido implacavelmente por outros grandes, pois a ação irá invadir seus domínios.

Quando isto acontece, geralmente, ocorrem guerras ou revoltas populares no plano material, fatos estes que proporcionam grandes desequilíbrios nos dois planos da vida. Tantos são os sentimentos negativos que são vibrados, que as trevas ficam sobrecarregadas energeticamente, prestes a explodir, e todos os espíritos que vivem nelas desejam participar do que está acontecendo no plano material.

Eu poderia relatar outras verdades não reveladas, mas estas bastam, pois estou entrando em histórias alheias à minha.

Mas se assim procedo é para deixar bem compreendido que, se meus domínios são nas trevas, adentro no pólo negativo de todos os "deuses" e de todas as religiões, assim como no negativo de todo ser humano. Basta um fio escuro ligando-me a um ser humano para que eu esteja ligado ao seu pólo negativo. E, ou atuo imediatamente, ou aguardo o melhor momento. Mas sempre estou ativo. E isto se deve ao meu mistério que, tal como uma "antena", capta todas as vibrações negativas irradiadas pelos espíritos femininos, encarnados ou não. Se sou assim, é porque trago comigo um mistério vivo que atua por meio de mim, quer eu queira ou não. Portanto, o melhor que me pareceu foi dar vazão a ele depois que uma fúria do inferno nele se instalou. E agora vou revelar como isto aconteceu.

Antes de iniciar meu ciclo encarnacionista, eu era um guardião da Lei e como tal atuava na dimensão humana a partir do ponto de forças existentes nos Campos Santos (cemitérios).

Quando me excedi no cumprimento de uma ordem, despertei a atenção do Anjo das Trevas, o poderoso Lúcifer.

Então, em uma encarnação anterior à que me tornei Hemisarê, fui ser sacerdote de um templo no qual o celibato era uma das regras do

culto. Mas, como o Anjo das Trevas estava com um dos seus “olhos” a me vigiar e à espera de uma manifestação de fraqueza humana. Quando esta surgiu, ele usou de todo o seu poder e me conduziu ao encontro de um tormento que abriu meu mistério, naquele momento adormecido em meu espírito, para que uma de suas fúrias infernais nele (o meu mistério) se instalasse.

Devo dizer que não tinha consciência que trazia em meu sétimo sentido da vida um mistério de tão grande magnitude.

A abertura se deu quando me apaixonei perdidamente por uma jovem mulher, assídua frequentadora do templo dirigido por mim. Ela, por sua vez, já sob a forte atuação de um dos grandes das trevas, insinuou que me queria muito mais como homem que como sacerdote. A partir daí, tudo começou a acontecer. Logo namorávamos às escondidas e flertávamos às claras, pois era impossível ocultar sentimentos tão fortes.

Mas por causa do celibato, estava impedido de casar-me com ela. Comecei a ser atormentado, continuamente, despertando a curiosidade dos fiéis e a atenção de outros sacerdotes, que passaram a vigiar-me sem que eu soubesse. Certa noite, recebi-a no meu aposento e, finalmente, tivemos nosso primeiro encontro íntimo. Mas a porta do quarto foi aberta com estardalhaço e fomos flagrados. Fui humilhado, espancado, amaldiçoado e expulso pelos meus irmãos de fé.

Nu e coberto de vergonha, fui para bem longe dos domínios daquele templo e acabei indo parar num reino onde, havia pouco tempo, um templo do deus da geração tinha sido fundado por algumas pessoas, que formavam o núcleo de um povo em franca extinção, pois era muito inculto.

Dotado de uma grande cultura e não menor inteligência, a eles ofereci meus préstimos e em pouco tempo era o sumo sacerdote do culto ao deus fálico. Enviei emissários à procura de minha amada. Quando retornaram, trouxeram a triste notícia de que ela havia se suicidado, pois não resistira à vergonhosa humilhação a que fora submetida.

Não me conformei. No entanto, calei-me e comecei a arquitetar uma vingança à altura do meu tormento. Expandi o culto ao deus fálico, devolvi o crescimento populacional ao povo que tão generosamente havia me acolhido e me cerquei de férteis e belas mulheres, com as quais tive muitos filhos e filhas, além de muitas outras amantes nos templos fundados posteriormente por mim. Mas não havia sacrifícios humanos ou de qualquer espécie animal. Apenas oferendas

dos frutos gerados pela natureza ou consagração ao deus gerador de todos os nascidos sob sua proteção. E como nasceram!

Num prazo de cinqüenta anos, aquele povo era um dos mais numerosos daquela região e um dos mais bem alimentados e preparados emocionalmente, pois estavam livres dos tabus do sexo que grassavam no meio humano naquela época.

Então eu digo: mas como são idiotas os seres humanos! Vêem o natural como uma fraqueza e valorizam os tabus e dogmas de uma religião que trata o natural como um vício e glorificam o desvirtuamento da natureza humana como se fossem sábios.

E isto, caso não saibam, só faz com que mais e mais mulheres ou espíritos educados nos tabus e dogmas venham a gerar energias de insatisfação sexual, que lançam fios condutores dessas mesmas energias negativas até mim que, ao captá-las, fico incomodado, uma vez que provocam um desconforto imenso em meu sétimo sentido.

Então, quando aqui nos meus domínios caem os sacerdotes, sou implacável com eles e os castigo duramente. Canalhas! Se são tão falsos com a própria sexualidade, que reprimem e ocultam a todo custo, como podem se "arvorar" em conselheiros de um sentido da geração que desconhecem?

Então eu, Hemisarê, um ser que já foi excomungado, exorcizado, expulso e amaldiçoado por muitos sacerdotes, sou obrigado a receber em meus domínios todos os espíritos que se desvirtuaram viciando-se nas aberrações instaladas em seus emocionais.

Eu, que sou uma extensão do meu Senhor, o Anjo das Trevas, urro de ódio aos ignorantes sacerdotes que desconhecem o real e verdadeiro sentido que o sexo tem para o ser humano e os persigo implacavelmente até que caiam em meus domínios e aqui os castigo por serem tão hipócritas.

Nos meus domínios, e dentro dos meus limites, que são as fraquezas humanas, sou implacável com todos aqueles que enviam aos domínios do meu Senhor suas energias negativas, impedindo que ele tenha paz, pois é obrigado a absorvê-las o tempo todo.

E digo mais: jamais o meu Senhor, o Anjo das Trevas, ordenou a nós, seus servos em todos os sentidos, que perseguíssemos ou derrubássemos um espírito puro ou virtuoso. Nenhum ser humano que tenha vivido virtuosamente no plano material incomoda o meu Senhor, e não é notado por ele. Logo, ao desencarnar, é conduzido às esferas luminosas do Anjo da Luz pelos servos dele.

Mas isto, esta verdade, só os verdadeiros sábios reconhecem, sabem e divulgam no meio material humano.

Podem até pensar que me desviei do relato que eu estava fazendo sobre minha encarnação anterior, mas se o fiz foi apenas para revelar como funcionam as coisas aqui embaixo.

Eu, naquela encarnação, ao ser expulso do templo que exigia o celibato e a abstinência sexual dos seus sacerdotes, retornei ao meu verdadeiro caminho de protetor da geração de vidas. Aperfeiçoei e expandi o culto ao deus gerador da vida, que não exigia sacrifícios de natureza alguma, mas somente oferendas de frutos. Nenhuma virgem ali era sacrificada. O ritual era puro, simples e sábio!

Então, como sumo sacerdote e líder incontestado de todo um povo que crescia em todos os sentidos, conquistei condições únicas de assentar-me à direita do Anjo da Luz, pois dedicava minha vida à Vida.

Mas em meu íntimo latejava o desejo de vingança contra aqueles sacerdotes que não haviam compreendido o que comigo acontecera. Despertei a atenção do Anjo das Trevas, que viu em mim a oportunidade única de punir os sacerdotes que, por ignorância, haviam criado tabus e dogmas que desvirtuavam seres humanos e os induziam às ocultas aberrações sexuais que, ao final, o inundavam de escuras energias negativas. Ele ordenou a todos os seus auxiliares diretos:

— Quero aquele mago iniciado na origem colocado a meu serviço o mais rápido possível. Ele traz em si um mistério que, se possuído por uma de minhas fúrias infernais, se tornará um poderoso instrumento da Lei nas trevas. Tragam aquele mago iniciado para os meus domínios ou serão punidos com todas as minhas fúrias infernais!

Ali, naquele momento, meu destino foi selado com um signo negro, pois todos os grandes das trevas voltaram seus olhos e seus sentidos para mim e começaram a facilitar tudo para que eu mergulhasse todo um povo num lago de sangue.

Exatamente quarenta e nove anos depois de ter sido expulso, retornava àquele templo para vingar-me da humilhação e da perda da mulher que havia desejado e amado intensamente. Mas não vinha só!

Já com setenta anos de idade, eu guiava um poderoso exército de guerreiros insuflados por minhas palavras de ódio e rancor contra os líderes daquele povo.

Se só o desejo de vingança já bastava para impedir de ir assentar-me num dos domínios do Anjo da Luz, o banho de sangue que promovi marcou-se como um signo das trevas para todo o sempre, e colocou-me aos pés do Anjo das Trevas.

Manchado com sangue dos inocentes habitantes daquela região e inspirado por todos os grandes das trevas atentos ao menor dos meus atos, não me satisfiz. Dopado pela vitória esmagadora, conduzi meus exércitos contra outros povos. Com o destino selado e já entregue ao Anjo das Trevas, desencarnei violentamente, aos noventa anos de idade.

Como, depois de muito tempo nas trevas, ainda relutava em entregar-me ao Anjo das Trevas, reencarnei sob o amparo da Lei, mas não mais sob o amparo do Anjo da Luz, pois todo aquele que se mancha com o sangue humano perde a proteção dele e passa a ser amparado unicamente pela Lei, até que num pungente ato de fé, virtuosismo, abnegação e renúncia reconquistei seu grau, degrau e assento à direita d'Ele.

Se explico isto é para que entendam melhor o que eu havia perdido: os que se assentam à direita do Anjo da Luz o servem só com os recursos da luz d'Ele. Os que se assentam à sua esquerda, servem-no com os recursos da sua luz e com recursos humanos. Os que se mancham com sangue humano, tanto à direita quanto à esquerda, servem-no com recursos ora da luz, ora humanos e ora com os recursos das trevas, mas sempre guiados pela Lei. Agora, os que se assentam à direita do Anjo das Trevas, servem-no com os recursos das trevas e com os recursos humanos. Os que o servem à esquerda, servem-no somente com os recursos das trevas. Aqueles à sua direita ou à sua esquerda que, tendo encarnado realizaram alguma ação aceita como um ato de fé, virtuosismo, renúncia ou abnegação, podem recorrer à Luz quando em missões especiais no plano material, mas são guiados pela Lei, tal como os auxiliares do Anjo da Luz que tenham se manchado com sangue humano. Unicamente pela Lei, repito.

Tanto para os grandes das trevas quanto para os da luz, os guiados pela Lei são um perigo muito grande. São imprevisíveis e podem recorrer à luz, às trevas e aos recursos humanos.

O profeta, que em outra encarnação viveu como Hierão e que deixou seu nome gravado na história religiosa da atual civilização humana é um caso típico do que estou falando: criou uma religião fundamentada na Lei, unicamente na Lei. Sua religião pregava a morte aos infiéis. Mas quem são os infiéis? Para tristeza do Anjo da Luz, revolta do Anjo das Trevas, e regozijo de todas as outras religiões, o inferno está coalhado de espíritos humanos que tiveram sua iniciação nesta religião. Mas isto já é outra história. O profeta que trate de contá-la como agora faço eu, sem omitir nenhum dos detalhes que me marcaram como um servo do Anjo das Trevas, meu Senhor... por enquanto!

Então reencarnei, guiado pela Lei, como Hemisarê, “aquele que vem com o fim”. Para azar meu, a Lei não anulara a fúria que o Anjo das Trevas havia instalado no mistério vivo que em mim se manifestava através do sétimo sentido da vida.

Já revelei como fui induzido a uma queda profunda, pois o Anjo das Trevas ordenara a Limigolith e Lucighor que me mantivessem em seus domínios como um esgotador dos acúmulos energéticos negativos dos espíritos humanos enviados pela Lei aos seus domínios escuros, o inferno. Eles não só conseguiram como até me convenceram que seria melhor, para mim, não lutar contra meu trevoso destino, pois havia caído em desgraça aos olhos do Anjo da Luz, o qual não me contava mais como um dos seus.

No astral, ou você pertence à luz, ou às trevas. Caso contrário, estará perdido! Só os do meio podem ora ir para a luz e ora ir para as trevas com a mesma facilidade, pois muito facilmente se cobrem com um manto luminoso ou se vestem com um manto negro.

Sim, os iniciados na origem, mas ligados desde então ao meio humano, são uns felizardos. Ora estão ofendendo a luz e abrigoando-se nas trevas, ora estão lutando contra as trevas, com recursos e amparo da luz.

Esses, sim, são uns aquinhoados pela sorte! Numa noite estão gemendo de dor no mais sombrio dos abismos e no dia seguinte estão refastelados e sorrindo na luz e no calor do sol do Anjo da Luz. Mas, a Vida e a Lei têm dessas coisas incompreensíveis para os condenados a viver nas sombras da noite.

Com um desses iniciados no meio que acabei de citar é que meu destino foi se chocar frontalmente. Assentado no trono de um templo que cultuava o deus fálico e aceitava, há muito, o sacrifício humano como oferenda, comecei a ser incomodado por um igual a mim, também iniciado na origem, ligado ao meio humano. Ele trazia em si um mistério semelhante ao meu, mas imune às fúrias infernais. Ele, por ter sido iniciado para o meio, tanto podia assentar-se à direita do Anjo da Luz quanto à esquerda do Anjo das Trevas e seu mistério continuava o mesmo: completamente humano. Era guiado unicamente pela Lei desde sua origem. Tanto fazia ele se manchar de sangue ou não, pois no fim, a Lei continuava a usá-lo tanto na luz quanto nas trevas. Ou no meio humano, tanto o material quanto o espiritual.

Onde ele entra na minha história?

Eu digo: ele estava voltado com todas as suas forças e poderes, que só os magos iniciados na origem possuem, contra todos os cultos e religiões que praticassem sacrifícios humanos.

A partir daí as coisas se complicaram para mim! Fui um dos primeiros a ser atingido. Os sanguinários guerreiros comandados por ele sentiam um prazer imenso em mandar de volta às trevas, o mais rápido possível, todos os sacerdotes dos templos onde eram realizados rituais de sacrifícios humanos.

Eu caí diante do poder daquele mago, pois, além de ser guiado pela Lei, até o Anjo da Luz enviou legiões incontáveis e poderosíssimas de servos da luz, para ampará-lo em sua ira e fúria contra os sacrificadores de vidas humanas nos altares dos templos. Isso foi há muitos milênios!

Naquela época, o iniciado no meio confrontou, desafiou e afrontou todos os grandes das trevas, e até onde seus exércitos sanguinários puderam avançar não restou um único sacerdote ou cultuador do deus fálico ou de quaisquer outros deuses daquela época. Todos os totens foram reduzidos a pó e seus templos queimados e destruídos até que desaparecessem por completo.

Tão grande foi o estrago que ele causou aos deuses totêmicos que, afrontando o próprio Anjo das Trevas, obrigou este a se voltar contra ele com todas as suas fúrias infernais. Plasmando-se numa forma aceitável e compreensível para nós, os seus servidores diretos, lançou uma sentença na forma de uma ordem: "Persigam e atormentem este maldito iniciado, até que dele nada mais reste! Que nele reste apenas o mistério que se manifesta em seu espírito imortal e se alimenta de seu humanismo".

Para quem não sabe o que isto significa, digo que é a anulação total de um ser. No caso de um iniciado na origem, que é um ser que traz em si predicados distintos dos demais espíritos humanos, é ser atormentado o tempo todo por todas as fúrias do inferno. Aquele iniciado conseguiu até mais que isto, pois o Anjo das Trevas também ordenou: "Quero-o para mim por inteiro e em todos os sentidos para todo o sempre! E se assim não for, de ninguém mais ele será. Desrespeitarei à própria Lei para que assim seja. Persigam todos os servos do meu igual na luz que ousarem ajudar ou socorrer este maldito iniciado no meio!".

Bom, o fato é que o tal iniciado nunca mais teve paz ou descanso. Todos os grandes do inferno passaram a tê-lo na conta de um iniciado a ser perseguido até a destruição total.

Eu, Hemisarê, logo descobri que aquele iniciado amaldiçoado pelo Anjo das Trevas era o mesmo mago que Simerá havia convencido a ajudar-me e a livrar-me da fúria instalada em meu mistério, e que

havia me transformado num ser atormentado, pois as fúrias nada mais são que a condensação viva das energias negativas irradiadas por espíritos humanos viciados, guiados por princípios negativos e vibrando sentimentos nada virtuosos.

Para mim, a coisa se complicou. No meu íntimo ainda alimentava um mínimo de esperança de que Simerá, libertada por mim dos meus domínios, voltasse a convencer o tal mago a livrar meu mistério daquela fúria insaciável, que se alimenta das energias viciadas dos espíritos humanos, que nunca deixam de vibrar negativamente uma multiplicidade de sentimentos desvirtuados. Se eu atendesse meu Senhor, Simerá não poderia cumprir com o que me prometera em troca da libertação de nossa filha Li-An-Serí: auxiliar-me na anulação da fúria que me atormentava.

Como muitos outros grandes o perseguiram implacavelmente e enviavam contra ele suas fúrias infernais, mantive-me fora daqueles primeiros embates entre o mago iniciado e os caídos das trevas. Mas quando Simerá, por um desígnio da Lei, ou por motivos cármicos, reencarnou e também teve seu passado multimilenar adormecido na sua memória ancestral, também comecei a movimentar minhas forças contra aquele “inimigo” do meu Senhor.

O combate acirrava-se cada vez mais, e o tal mago iniciado no meio, já atuando no campo astral e vendo-se atacado por todos os lados, ousou o inimaginável, talvez até para o Anjo das Trevas: voltou-se contra os grandes das trevas. Abandonou o amparo da luz e veio combater-nos em nosso próprio campo de atuação. Como aquele mago iniciado no meio nos combateu!<sup>1</sup>

Não foram poucos os grandes que, mesmo recorrendo à totalidade dos poderes dos tronos invertidos por eles ocupados, foram derrotados, destronados e reduzidos ao nada, só restando deles ovóides lançados na dor absoluta. Aquele mago, por razões que não atinamos na época, trazia em si as fúrias da Lei, mil vezes mais perigosas e tormentosas que as fúrias das trevas. E não tinha a menor complacência em recorrer a elas quando tinha ao seu alcance um dos grandes das trevas.

Astutamente me recolhi e escapei de um confronto direto, pois notei a tempo que o Anjo das Trevas nada fazia para sustentar seus auxiliares nas trevas. Portanto, se assim ele procedia, eu é que não

---

1. Hash-Meir, *o Guardião dos Sete Portais de Luz*

iria me defrontar com aquele mago armado com as fúrias da Lei. Até parecia que a ira da destruição estava agindo contra nós por intermédio dele!

Então chegou um tempo em que o tal mago reencarnou<sup>2</sup> e as trevas ficaram em paz, voltando a persegui-lo no plano material. Eu estava entre os que novamente o incomodavam!

Nada do que aquele mago realizou no plano material perdurou após a morte dele. Sua obra foi fustigada por todos os remanescentes do primeiro combate, assim como pelos novos grandes que assumiram os tronos esvaziados por ele, que teve sua memória adormecida no corpo carnal. Já não se lembrava mais do que fizera nem de que trazia em si o inesgotável recurso das fúrias da Lei. Foi fácil atingi-lo no plano material, pois só o recurso das magias não o livrava das nossas investidas. Porém, não conseguimos quebrá-lo na fé ao Criador, o Todo-Poderoso.

Então, mais uma vez, após um longo período no astral, ele voltou à carne<sup>3</sup>. Os grandes soltaram os predadores naturais do povo hebreu contra estes, pois fora no meio deles que ele reencarnara. Só então comecei a desconfiar que ele estava sob a guia do deus implacável dos hebreus. Mais que depressa recolhi minhas forças ativas contra ele e fiquei no aguardo dos desdobramentos das ações dos outros grandes das trevas. Mas nada aconteceu. Ele simplesmente desapareceu do alcance de nossas visões e ficou desaparecido por muitos séculos. Até os grandes da luz o procuraram e não o encontraram, senão por volta do quarto século antes da descida do próprio Anjo da Luz ao plano material.

Ele havia reencarnado justamente onde, um dia, havia iniciado o confronto com as trevas. Parecia inofensivo. Desconhecia tudo sobre si mesmo e seu passado adormecido, assim como, sobre os imensos recursos que tinha à sua disposição.

O perigoso e tão temido mago era simplicidade, jovialidade e cordialidade em todos os sentidos e foi um propagador do virtuosismo nos sentidos humanos e defensor ímpar da virtude como via de evolução do ser humano. Defendia o humanismo com um ardor admirável até para nós, a essência da desumanidade, como via de reparação dos erros, falhas e pecados.

---

2. *O Livro da Vida*

3. *O Livro das Virtudes e das Ilusões (inédito)*

Os grandes das trevas mais espertos se acautelaram, pois não descobriram onde ele havia se ocultado por tanto tempo. Só os mais afoitos, vingativos ou idiotas lançaram-se novamente contra ele. E tanto fizeram, que o levaram a aceitar a taça de cicuta como último recurso para provar sua crença no virtuosismo como única via de evolução humana. Logo a seguir, ele desapareceu nos domínios da luz.

Mais uma vez o Anjo das Trevas manifestou-se furioso contra nós, os grandes das trevas:

— Idiotas! Não estão vendo que meu oposto, o Anjo da Luz, está possuindo aquele iniciado amaldiçoado por mim? Ele, que quase já foi meu em todos os sentidos, agora está prestes a ser possuído em todos os sentidos pela luz. Se isto acontecer, engolirei a todos vocês no tormento do meu mistério, que sou eu mesmo!

Para que se tenha uma idéia do que significava, aquilo era o mesmo que estar atado em todos os sentidos e ter a temida serpente negra do inferno jogada em seu colo. Quem era coberto por pêlos, ficou arrepiado, e quem tinha chifres retorcidos, ficou com os mesmo esticados. E veio a outra sentença do Anjo das Trevas:

— Se não puderem conduzi-lo por inteiro para mim, então comecem a trazê-lo aos pedaços. Atinjam isoladamente cada um dos seus sentidos até adormecê-los. Deles irei me apossar, e possuí-los.

Quando mais uma vez ele retornou à carne<sup>4</sup>, só conseguimos atingi-lo até certa idade. Aí aconteceu a descida do Anjo da Luz ao plano material e ele, amparado pela Lei e protegido por toda uma legião de Cavaleiros da Luz, tornou-se um dos protetores da descida e permanência do Anjo da Luz no corpo carnal.

Todos os que tentaram, falharam. E até o próprio Anjo das Trevas falhou.

O fato é que o tal mago viveu relativamente em paz naquela encarnação. Mas na seguinte<sup>5</sup>, três séculos depois, quando retornou ao plano material com a missão de disseminar o Cristianismo, então em franca expansão, voltamos a perseguir-lo implacavelmente, impedindo qualquer chance dele nesse sentido.

E eu, Hemisarê, fui o artífice principal do fracasso dele, pois recorrendo aos meus poderes, o envolvi numa trama tão bem preparada,

---

4. *O Protetor da Vida*

5. *O Anjo da Vida*

que um dos meus escravos reencarnado acabou por amputar-lhe violentamente o sexo, que era o sentido a mim confiado para ser anulado. A amputação levou-o à exaustão no corpo carnal e o conduziu à morte.

Daqui do meu trono assisti ao próprio Anjo da Luz recolher seu espírito imortal. Desfalecido, foi reconduzido aos domínios da luz, justamente quando eu acreditava que o antigira profundamente.

Mais uma falha e outro erro! Quando ele encarnou novamente<sup>6</sup>, e longe dos domínios do Cristianismo, continuava intacto e até mais fortalecido.

Vi naquilo um sinal de que o Anjo da Luz havia acrescentado uma de suas dádivas ao seu mistério. Furioso, persegui-o implacavelmente. Recorrendo a tudo que estivesse ao meu alcance, consegui não deixá-lo em paz! Desequilibrei todas as mulheres que ele amou e voltei contra ele as que o desejaram.

Ele, depois de uma vida agitada e permeada pela violência, tornou-se um sanguinário guerreiro e retornou ao inferno coberto com o sangue daqueles que haviam sido mortos pela sua espada. E desta vez não se voltou contra nós, os grandes. Não, isto ele não fez! Voltou-se contra o próprio Anjo das Trevas, que, se o odiava, o acolheu às gargalhadas e o iludiu por quase dois séculos. Isso levou aquele mago enfurecido à loucura quase completa. Mas quando estava prestes a se perder em todos os sentidos, alguma coisa atuou sobre ele, que voltou as costas ao Anjo das Trevas e foi entregar seu exaurido espírito guerreiro aos braços do Anjo da Luz, que o recebeu, envolveu-o em sua Luz Divina e o enviou ao plano material<sup>7</sup> mais uma vez como um dos seus guerreiros indestrutíveis na carne, movido pela Fé e pelo Amor. Foi como um cruzado que ele entrou para a Ordem dos Templários e ajudou a criar muitas ordens religiosas cristãs.

Quanto mais o perseguíamos, mais os grandes da luz o protegiam. Mas quando desencarnou, perseguimos os descendentes dele com todas as nossas fúrias, arrasamos a obra por ele edificada e o nome dele foi lançado no esquecimento das fogueiras da santa madre Igreja Católica, pois nenhuma das ações dele sobreviveu.

Trabalho perfeito! Assistimos aos nossos escravos mentais no plano material nos servirem com dedicação na execução de uma ordem do Anjo das Trevas.

---

6. *A Lenda do Sabre Dourado*

7. *A Longa Capa Preta*

Quatro séculos mais, e uma nova encarnação<sup>8</sup>! Nova perseguição implacável o atingiu em cheio. Quando contava com trinta anos de idade o afastamos de vez do grau de auxiliar do Anjo da Luz, nosso objetivo principal.

Mas se o havíamos afastado do Anjo da Luz, a Lei o encaminhou numa direção impensada e inimaginada por nós, os grandes das trevas: jogou-o nos braços dos encantados!

Para quem não sabe, os encantados são regentes da natureza, tanto a terrena quanto a humana. A terrena tem a ver com a natureza do planeta, e a humana manifesta-se através dos sentidos da vida: a Fé, o Amor, o Conhecimento, a Justiça, a Lei, a Evolução e a Geração.

O mago iniciado no meio foi totalmente absorvido pelos encantados que, vendo nele um recurso poderoso no meio humano, dele se apossaram e passaram a usá-lo enquanto vivo ele esteve no plano material, e mesmo após o seu desencarne.

Eu, Hemisarê, sem me descuidar de nenhuma outra religião ou dos seus seguidores que se ligavam a mim quando se viciavam ou desvirtuavam, comecei a vigiar o culto dos encantados. Senti-me muito atraído por eles. Não sei ao certo se aquilo era apenas atração ou se estava realmente sendo atraído pelos encantados.

O fato é que não conseguia desviar meus olhos deles, e quando via o mago iniciado mover-se com desenvoltura no plano espiritual, eu, restrito aos meus domínios nas trevas, ficava furioso e dizia:

— Que mago felizardo! O maldito, quando parece prestes a sucumbir de vez, acaba conseguindo algo ainda melhor!

Outros grandes das trevas advertiram-me para desviar meus olhos dos domínios dos encantados ou iria acabar caindo diante do fascínio atrativo do magnetismo deles. Mas eu, já demonstrando um certo enfado com os erros, falhas e pecado humanos, mais e mais voltava minha atenção ao culto dos encantados, fato este que acabou por colocar-me frente a frente com o mago iniciado e outros iniciados.

Era um confronto de forças e poderes mentais humanos, e por pouco não fui reduzido a um mísero ovóide humano. Só não o fui porque aceitei as condições deles: abrir meus domínios às suas ações.

Eu, o poderoso e temido Hemisarê, auxiliar do Anjo das Trevas, fui obrigado a ceder para não ser pulverizado por aqueles espíritos armados pela Lei, um dos sentidos em que os encantados mais se manifestam no meio humano. Calado, tive de ouvir aquele mago alertar-me:

---

8. *O Cavaleiro da Estrela-Guia*

— Sua hora está chegando, companheiro de destino. Localizei-o em meu passado pelo despertar de minha memória e tenho certeza de que ou nós acertamos nossas contas ou nossas desavenças nunca terão um fim!

Permaneci calado, pois era a melhor alternativa depois de ter meus domínios invadidos por aqueles iniciados tão ousados, decididos e armados pela Lei. Mas se assim tive de proceder naquele momento, após a saída deles dos meus domínios, reuni-me com outros grandes e começamos a arquitetar uma vingança contra aqueles espíritos, que eram uma ameaça para nós, os temidos demônios do inferno.

Mas se intentamos contra eles, o poder dos encantados começou a manifestar-se contra nós de uma forma muito sutil. Isso acabou levando muitos dos mais temidos, cruéis, vingativos e implacáveis grandes das trevas a serem envolvidos nos fios invisíveis da Lei, fios estes que já haviam envolvido aquele iniciado na origem que trazia em si um mistério semelhante ao meu, mas que nele estava neutro.

Isto pude observar muito bem quando ficamos frente a frente por um longo tempo.

Cada um dos grandes que era enredado nos fios da Lei pelos encantados, imediatamente começava a servi-los.

Eu também caí e descobri o inimaginável até aquele momento: na linha dos encantados a evolução humana é coordenada por seres que até então chamávamos de anjos.

Se até ali só havia tido uns poucos contatos visuais com o Anjo das Trevas e o Anjo da Luz, passei a saber da existência de vários outros anjos: os orixás! Eles, sim, são os Tronos Regentes da natureza e evolução das espécies, inclusive da humana.

# Hemisarê Conhece os Orixás

Eu, Hemisarê, agora também Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Cemitério, vou revelar como os fios da Lei enredaram-me nos domínios dos encantados.

Estava perseguindo alguns iniciados na origem que serviam à Lei nos domínios dos encantados, que são os regentes da natureza planetária, quando, recorrendo a todos os meus poderes e recursos, extrapolei os meus limites. Havia saído dos meus domínios, voltando-me contra uma guardiã da luz que velava por um ponto de forças da natureza que servia de passagem entre os planos material, espiritual e a dimensão onde vivem os encantados. Se consegui atingir aquela encantada, no entanto, despertei contra mim a atenção do Anjo da Lei, que, não sei como, enviou aos meus domínios o Anjo da Morte para executar-me segundo os ditames da Lei.

O Anjo da Morte, o mais temido dos Anjos (o Anjo das Trevas é o mais odiado), apontou-me seu mortal, mortífero e mortificante alfanje, paralisou-me em todos os sentidos e falou:

— Servo do meu Senhor, você ultrapassou todos os seus limites humanos. E porque a Lei assim exigiu, sou seu executor final! Porque ousei invadir um ponto de forças da natureza sob a proteção de uma guardiã da luz dos encantados, sua hora final é chegada!

O Anjo da Morte moveu seu alfanje até que a finíssima e cortante ponta encostou no meu sexo. Pensei que ele ia amputá-lo pela raiz, mas o que aconteceu foi que um turbilhão de energias começou a ser extraído de mim e a ser absorvido pela ponta finíssima do seu alfanje. Totalmente paralisado, urrava de dor e pavor com o que meus olhos viam e meu ser imortal sentia. Era como se algo estivesse sendo arrancado de mim, lá do ponto mais íntimo e profundo do meu ser. O mistério que eu trazia comigo desde minha iniciação na origem, estava sendo tirado de mim! Aquele instante pareceu tão longo que não acabava mais! Vi-me desde a minha iniciação na origem, que não foi no meio humano, mas sim na luz, o que parecia ter acontecido há milhões ou talvez bilhões de anos.

Naquela hora rompi todas as barreiras da memória e do passado e vi o momento em que tive consciência de mim mesmo, e me vi sendo ungido por um mistério divino relacionado com a geração.

Nesse instante único eu recebia a incumbência de velar pela fertilidade dos seres semelhantes a mim: os seres humanos!

Então, enquanto aquele turbilhão de energias continuava a fluir, elevando a dor ao extremo do suportável, outro turbilhão fluía em minha mente: memória e consciência interagiam em sintonia total, e cada momento, cada segundo e até milésimo de segundo, eu via desenrolar-se no meu mental. Revi tudo o que havia vivido e vivenciado desde o momento em que havia sido ungido pelo Criador com um mistério da vida no sétimo sentido do ser humano. Era um ser humano, apesar de não me parecer com um em certos momentos daquela história de minha existência, que eu via e vivenciava naquele turbilhão de imagens, cores, locais, sons, etc.

Em dado momento me vi erigindo um totem com a forma de um falo humano e colhendo o sangue que corria de uma vítima na mais tenra idade. Quando uma taça transbordou, ofereci-a ao maldito Lucifhor que a elevou ao alto, consagrou-a ao deus fálico e depois a sorveu toda. A seguir, com um afiado e pontiagudo punhal feito de um cristal de rocha, ele perfurou o peito de várias jovens para que nós, os seus seguidores, colhêssemos o sangue que jorrava em meio aos gritos de dor, pavor e aflição. Depois, com vários vasos cheios até as bordas, subimos numa escada e consagramos aquele totem fálico derramando sobre ele todo o sangue vertido pelo corpo daquelas vítimas na mais tenra idade.

Vi o espectro do Anjo das Trevas pairar sobre aquele totem todo banhado com sangue virginal feminino, e mais além vi o Anjo da Luz

vertendo lágrimas luminosas e multicoloridas, de tão grande que era sua tristeza!

Aquela visão do Anjo das Trevas se apossando do culto religioso, o que avivava nos seres o ato de geração da vida e as lágrimas derramando-se dos olhos translúcidos do Anjo da Luz, que assistia à transformação de um culto à geração da vida num ritual profano de sacrifício da carne, marcou-me profundamente. Até hoje, se fecho os olhos, ela paira na minha frente, projetada pela minha memória imortal e avivada pela minha consciência da Vida; e portador de um dos mistérios da geração, havia me desviado do caminho a mim traçado pelo meu Criador, participando do desvirtuamento de um dos mais sagrados sentidos da vida: a geração no plano material.

Quando isso aconteceu? Que importa quando, se restos dessa época só encontro na viciação e desvirtuamentos dos nobres sentidos da vida? Que importa precisar uma data, se o deus fálico hoje só é cultuado por meio dos vícios e das depravações humanas? Esse culto viciado não precisa mais de um templo ou de um totem feito de madeira, pois se sustenta nos sentidos viciados por sentimentos nada virtuosos, ligados ao sexo.

Para que os seres humanos precisam saber quando foi que isso aconteceu, se hoje já não precisam de um totem para cobrir com o sangue humano, e preferem seus próprios totens, erigidos a partir de sentimentos despertados pelo desejo da posse da carne?

Como precisar a época em que eu e mais alguns seres viciados e desvirtuados marcamos com o signo do sacrifício humano o ritual do culto à geração da vida?

Ó dor! Ó vazio em minha vida! Quanto desgosto! Quanta tristeza! Que erro imenso, que falha imperdoável, e que pecado inominável!!!  
Que remorso!

Quanta vontade de transformar o passado só para anular, apagar, mesmo, aquele momento em que, aos pés do Anjo das Trevas, depusitei meu destino e em suas frias e insensíveis mãos entreguei o mistério a mim confiado quando fui iniciado na geração da vida!

Que dor! Que dor, meu Criador!

Por que isto tinha de acontecer comigo?

Por que tinha de cair diante da fraqueza humana que, se muito incomoda o Anjo das Trevas, a mim não incomodou enquanto eu, um iniciado na origem, abria os portais luminosos do meu mistério às fúrias das trevas da ignorância humana.

Hoje, eu, o Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Cemitério, não culpo o Anjo das Trevas pelos meus erros, falhas ou pecado, pois sei que ele assumiu o culto ao deus fálico apenas para tentar satisfazer, na carne humana, os desumanos sentimentos viciados dos desejos do sexo, que por só gerarem energias negativas, muito o incomodava. A partir daquele momento, a sexualidade foi invadida pela fúria do sensualismo e o êxtase do ato de geração da vida transformou-se no gozo da posse da carne, gerada num ato profano, já sem outro sentido que não o de proporcionar um fugaz prazer, que por ansiar por mais prazer, só desperta a insatisfação da carne.

O ser humano afastava-se da natureza divina do resto da Criação, que até hoje ainda se mantém guiada pelos sentidos da vida e tem um tempo certo para copular e depois se resguarda, até que a geração tenha se consumado, dando mais vidas à Vida no plano material.

“Oh meu Deus!” — lamentou-se Hemisarê.

“Aqui abro um parêntese para que eu, M. L. Benedito de Aruanda, encarregado de ouvir a história de Hemisarê, o Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Cemitério, possa dizer que o remorso dele era tão grande, mas tão grande, que seus olhos rubros derramaram lágrimas de sangue enquanto ele se lamentava. Tanto eu quanto os outros dois M. L. ali presentes e atentos ao que ele dizia, derramamos lágrimas de tristeza e piedade diante de tão comovente manifestação de arrependimento, pois sabemos que um grande das trevas só verte lágrimas de sangue quando, tocado pela Lei, descobre que unicamente por ter cedido às fraquezas humanas é que foi usado, com toda a intensidade, pelo Anjo das Trevas na punição dos fracos e viciados seres humanos, que não sabem ou não conseguem ou não querem reprimir e anular em seus íntimos os sentimentos ignóbeis das viciações humanas, que têm tornado desumanas as manifestações da vida.

Então apanhei a toalha branca que, num dia muito importante para mim, Benedito de Aruanda, foi-me dada por meu pai, meu Anjo da Luz e meu Orixá Obaluaíê, e a ofereci a Hemisarê, o Senhor Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Cemitério, para que enxugasse seu rosto banhado de lágrimas de sangue.

— Esta sua toalha branca e imaculada traz o símbolo do Anjo da Luz, M. L.! — exclamou ele, recusando-a respeitosamente — Eu irei maculá-la!

— Eu a ganhei das mãos do meu pai Obaluaíê, Hemisarê. E se ele, o meu pai, me disse que ela tinha o poder de enxugar as lágrimas

derramadas a partir de um sentimento positivo, e o remorso é um, então ela continuará imaculada.

— Tem certeza disso, M.L.?

— Absoluta, Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Campo Santo. Use-a para enxugar seu pranto de dor, tristeza e remorso. Ainda que não sejam agradáveis, são sentimentos muito positivos vibrados por você neste momento.

— Hemisarê apanhou de minhas mãos a toalha dos filhos do Orixá Obaluaiê e limpou nela seu rosto, coberto de sangue vivo. Com ela secou seu pranto de dor, tristeza e remorso, deixando-a toda empapada do mais vivo e humano sangue já visto por nós, os M. L. que ouvíamos sua história. Após olhar para ela, ele tentou se desculpar por tê-la tornado inútil para mim.

— Jamais a havia usado com tanta propriedade, meu irmão. Se suas lágrimas são rubras, pois são lágrimas de sangue vertidas por um espírito humano atormentado, isto se deve ao fato de sua dor, tristeza e remorso serem maiores do que tudo o que possamos imaginar, ultrapassando os limites humanos.

— Sua toalha ficará manchada para sempre, pois foi manchada pelas lágrimas de sangue vertidas por um demônio.

Mas quando recolhi em minhas mãos a minha toalha, todo aquele sangue começou a desaparecer e pouco depois ela estava branca e imaculada novamente. Todo aquele sangue havia sido absorvido pelo símbolo do meu pai Obaluaiê, nela impresso por ele, o meu Orixá! Comentei:

— O meu pai absorveu seu pranto, irmão!

— Você traz a qualidade dos santos, M. L. — falou-me.

— Isto não, irmão meu! Esta minha qualidade é encontrada em todos os seres humanos que são tocados pelo meu Pai e seu imenso amor pelos que sofrem e padecem. Se ele se entristece com as lágrimas que sempre estamos derramando, no entanto, tenho certeza de que neste momento está sorrindo, pois segundo o que sei, quando um demônio derrama suas lágrimas de sangue, é porque o ser humano, sufocado em seu íntimo, está começando a manifestar-se por meio do mais humano dos atos: o pranto de dor, tristeza e remorso.

Hemisarê agradeceu-me pelo meu gesto e palavras e voltou à narração dos fatos que formavam a sua história. Aqui fecho o parêntese.”

Vi as conseqüências daquele ritual macabro, sinistro e sanguinário realizado naquele momento e época: o ritual ao deus fálico havia sido assumido pelo Anjo das Trevas na sua ânsia de satisfazer os encarnados

que vibravam energias que ele tinha de recolher em si mesmo e conviver com elas.

O culto ao deus fálico, o deus gerador, escapou dos limites da Luz e passou a pertencer aos auxiliares diretos do Anjo das Trevas que, atormentados pelas energias geradas pelos espíritos humanos, na carne ou não, só tinham um objetivo: anulá-las totalmente no sétimo sentido da vida, o sexo, pois somente assim deixavam de ser incomodados por elas, as energias negativas irradiadas pelos sexualmente insatisfeitos.

Eu não era o único que, naquela hora, abria as portas de meu mistério para a entrada das fúrias infernais. Lucighor já havia aberto o seu em uma encarnação anterior. E ele, inspirado pelos princípios das trevas, levou outros iniciados na origem a cair diante da Lei, com um poder de persuasão que impressionava nossos sentidos!

Mas antes que a outro momento eu fosse mentalmente conduzido, vi aquele culto já desvirtuado expandir-se espontaneamente e passar a ser combatido por outros iniciados na origem com tanta fúria, implacabilidade e tenacidade que me assustou. Entre os iniciados, vi claramente aquele mago iniciado em sua origem no Meio Humano. Eles estavam armados com alfanjes semelhantes ao do Anjo da Morte e sobre eles pairavam o Anjo da Morte, o Anjo da Lei, o Anjo da Vida e o Anjo da Luz, inspirando e guiando aquele exército possuído pelas fúrias da ira divina do Criador, lançadas contra seres humanos que ousavam transformar um ato de geração da vida num ato de satisfação da sensualidade humana.

Eles, com seus afiados e mortíferos alfanjes da morte, ceifavam vidas e mais vidas, numa tenebrosa cavalgada que assustaria até o mais desumano dos seres humanos e incomodaria ao pior dos demônios do inferno. Aquele exército vestido de negro e armado pela morte, cavalgando dia e noite, varreu da face da Terra todo um povo, toda uma civilização e todo o já viciado culto ao deus fálico, derrubando todos os templos a ele erigidos e queimando todos os totens fálicos, até que nenhum sinal do culto restasse.

Naquele momento entendi por que, em certos instantes, um povo que cultua um deus, ou a Deus com um ritual peculiar à sua formação cultural, é atacado por outro e sofre uma derrota atrás da outra, as quais vão abrindo chagas enormes em seu corpo religioso até levá-lo à exaustão ou a curvar-se diante do corpo religioso do vencedor: é a Lei, a Vida, a Luz e a Morte agindo num só corpo e punindo ou ceifando os excessos humanos transformados em dogmas religiosos,

ou em manifestações de falsa religiosidade. Finalmente entendi que uma das razões dos choques intra-humanos nada mais é que a manifestação de insatisfação do Criador com as suas criaturas. Só isso!

E quem se der ao trabalho de estudar os povos a partir de suas religiões, descobrirá facilmente que, quando um povo começa a mostrar sinais de decadência, é porque seu corpo religioso está deformado pelo excesso de fraquezas humanas incorporadas a ele por meio de dogmas ou manifestações de falsa religiosidade aceitas como se fossem verdadeiras. Quem se der a esse trabalho, verá. E verá que a decadência ocorre em todos os sentidos, pois as Leis Divinas se manifestam entre os homens pelos princípios religiosos da religião que melhor se adaptou à cultura do povo em questão.

Mas, voltando à minha história, vi aqueles iniciados empaparem suas vestes com o sangue dos cadáveres caídos ao redor de si, e impassíveis, seguirem adiante com a marcha da morte.

Aquela mancha escura movia-se em todas as direções e ceifava vidas como se ceifa a erva daninha no meio do trigal. Avançaram até cercar o templo onde eu vivia, já ancião e no fim de uma viciada encarnação. Vi quando aquele mago<sup>9</sup>, bem na minha frente, levantou seu afiado e mortal alfanje e falou:

— A Morte o saúda, mago maldito! E também o devolve ao inferno!

Vi minha cabeça voar longe e o sangue esguichar do meu corpo, indo misturar-se com o sangue que já corria no salão apinhado de cadáveres acéfalos.

Que maldito! Pensei naquele momento, e em muitos outros, quando ele e outros iniciados me combateram usando de seus inesgotáveis recursos.

Vi também que muito tempo depois tive outra oportunidade de reativar positivamente na face da Terra o culto ao deus fálico. Foi quando fui expulso daquele templo ao ser flagrado com uma mulher, que havia despertado em mim sentimento de desejo, paixão e amor. Mas me perdi quando guiei todo um povo contra o templo que havia me expulsado do seu meio, e conseqüentemente contra todo o povo que em volta dele vivia. Naquele instante, era eu quem me cobria de sangue, movido pelo negativo sentimento de vingança pela humilhação sofrida.

---

9. *A Morte do Deus Fálico*

Mas se a Lei diz que errar uma vez é humano, errar a segunda é ignorância ou burrice, pois o burro é teimoso a ponto de preferir apanhar a mudar seus hábitos. Eu havia errado a segunda vez por burrice, a burrice da vingança. Então veio a terceira e última chance que a Lei concede ao ser humano para que reassuma sua caminhada original e mantenha-se dentro de seus limites humanos. E nesta fui Hemisarê. Isso já relatei à exaustão!

Aos olhos da Lei ficou patente que eu era um caso perdido. Mais uma vez me mostrava indigno de servir ao Anjo da Luz e da Vida. Fui entregue em definitivo ao Anjo das Trevas pela Lei do Criador para que lá, na mais profunda das trevas, a da ignorância, continuasse a servir à vida esgotando energeticamente todos os espíritos femininos que, estando ligados a mim por fios energéticos, caíssem em meus domínios. Havia me transformado num instrumento da Lei e era usado com intensidade pelo Anjo das Trevas para punir os que, por estarem viciados e desvirtuados no sétimo sentido da vida, erravam, falhavam e pecavam contra os mistérios da vida.

Ali, paralisado pelo poder do Anjo da Morte, fui vendo o desenrolar de toda a minha existência nas trevas até a hora em que, usando todos os meus conhecimentos, astúcia, traição, mistérios e magias, atingi aquela encantada em seus domínios na natureza e a arrastei aos meus domínios, esgotando-a em todos os sentidos. Neste momento o Anjo da Morte perguntou-me:

— Escravo das trevas, o que tem a dizer quanto a esse ato praticado fora dos seus domínios?

— Ela interferia em minhas atribuições, pois acolhia em seus domínios espíritos femininos que estavam ligados ao meu mistério e por mim deveriam ser esgotados energeticamente.

— Por acaso acredita que é o único que pode esgotar os espíritos sobrecarregados de energias negativas? Ou mesmo que só exista a via negativa?

Após perguntar aquilo ele mostrou-me que muitos outros grandes das trevas também eram responsáveis pelos esgotamentos das energias sexuais negativas.

Então conheci outros espíritos caídos aos pés do Anjo das Trevas que, por trazerem em si mistérios ligados ao sexo, também haviam tido os mesmos possuídos por fúrias infernais. Depois mostrou-me que outras formas de ação existiam e que se realizavam pela transformação dos sentimentos íntimos de cada um recorrendo-se aos recursos da Lei. E isso era o que aquela encantada fazia!

Sem saber o que responder, calei-me e fiquei à espera do pior, pois naquele momento o alfanje foi afastado do meu sexo e apontado para o meu peito. Por falar no meu sexo, depois de muitos e muitos milênios, finalmente, ele não estava excitado. Algo havia acontecido com ele enquanto o alfanje esgotava o mistério que havia no meu sétimo sentido.

O Anjo da Morte, vendo o medo em meus olhos, perguntou-me:

— Você nunca prestou atenção alguma ao medo que sentiam os que caíam nos seus domínios, Hemisarê?

— Não senhor. A fúria que de mim se apossou jamais me deixou ver algo mais além do tormento que os espíritos viciados provocavam em mim, meu Senhor.

— Para você esse tormento acabou-se, Hemisarê. Seu sétimo sentido da vida já não é mais o portador de um mistério. Eu sou o Anjo da Morte, aquele que põe um fim a tudo o que vive, e esgotei desse seu sentindo o mistério vivo que trazia desde sua origem. De agora em diante nenhum espírito feminino sobrecarregado de energias negativas irá ligar-se a você. Alcançou seu fim neste sentido, Hemisarê!

— O que fará comigo, meu Senhor?

— Nada mais preciso fazer com você. A partir de agora, tudo o que você fizer o conduzirá aos meus domínios. Lá, em meus domínios, estarei à sua espera, Hemisarê. Para seu próprio bem, não se demore!

— Eu... eu... — e mais não falei, pois um estrondo anunciou a partida do Anjo da Morte.

Estava meditando sobre isso quando Limigolith surgiu na minha frente e perguntou-me:

— O que aconteceu com você, Hemisarê?

— Nada de mais, Limigolith. Apenas tive meu mistério arrancado pelo Anjo da Morte.

— Ele fez isto com você?

— Sim.

— Então você se tornou inútil para o Anjo das Trevas.

— Por quê?

— Ora, ele precisava era do seu mistério, não de você, idiota! Como perdeu algo tão imprescindível para o meu Senhor?

— Não tive culpa, Limigolith. Tudo aconteceu tão rápido que nem pude reagir diante do poder do Anjo da Morte. Como ele é poderoso!

— É certo que é. Afinal, ele traz em si o fim. Você está acabado para o meu Senhor, Hemisarê. Portanto, logo logo outro virá ocupar este trono que agora você ocupa, indevidamente.

— Quem virá, Limigolith?

— O poderoso Lucighor poderá responder isso a você, idiota.

— Cuidado como fala comigo, Limigolith. Ou esquece-se que aquele mistério não era meu único poder?

— Está acabado, Hemisarê! Seu reinado a serviço do Anjo das Trevas acabou quando perdeu seu mistério. Daqui a pouco, será só mais um escravo dos grandes!

— Não concretizarão este seu desejo, Limigolith.

— Veremos, Hemisarê! Ah, ah, ah!

Ela desapareceu em meio à sua infernal gargalhada. O ódio que sentia dos homens era tão grande quanto o prazer que ela sentia em esgotá-los energeticamente e deformá-los, lançando na dor todos os espíritos masculinos que caíssem nas suas garras. Limigolith odiava os espíritos masculinos viciados no sétimo sentido da vida e dedicava toda sua atenção a torturá-los até que os deixasse num esgotamento total. Ela é só mais um dos instrumentos do Anjo das Trevas, pensei naquele momento. Não pude pensar em mais nada, pois Lucighor surgiu bem diante do meu trono e furioso ordenou que eu o desocupasse, pois meu reinado havia terminado.

— Nunca sairei daqui, poderoso Lucighor!

— Sairá sim, Hemisarê! Para seu próprio bem desocupe-o agora mesmo ou será pior para você.

— Nada irá fazer com que eu saia deste trono das trevas, poderoso Lucighor. Se fizer isso, imediatamente, todos os meus inimigos lançar-se-ão sobre mim com suas fúrias infernais e me reduzirão a pó.

— De um jeito ou de outro, logo você desocupará o trono, pois você já não serve mais ao Anjo das Trevas.

— Eu sou o dono deste trono, Lucighor!

— Errado, Hemisarê. Foi, mas já não é mais! Caso não saiba, recebi ordens para buscar o único iniciado apto a ocupá-lo.

— Quem é ele? — perguntei curioso.

— O maldito em questão é aquele iniciado no meio que por várias vezes esteve prestes a pertencer aos domínios do Anjo das Trevas, mas que sempre conseguia escapar quando poucos fios ainda o mantinham ligado ao meio ou ao alto. Agora é tudo ou nada, Hemisarê. Ou

ele desce até aqui para ocupar seu posto neste trono nas trevas ou será reduzido ao nada pelo Anjo das Trevas.

— Esqueça-o, Lucighor. Já tentamos tudo e sempre nos escapuliu por um fio, um único fio que não conseguimos romper!

— Se isto aconteceu, com certeza, o Anjo das Trevas ainda não precisava dele de verdade. Mas agora tudo está mudado. Ou ele desce até aqui e assume este trono, ou será derrubado pelo próprio Anjo das Trevas. Quanto a você, desocupe-o logo ou abrirei seus domínios para os grandes das trevas, Hemisarê.

— Eu o servi por muito tempo, Lucighor. Não pode abandonar-me assim, sem mais nem menos.

— Disse-o bem, Hemisarê: serviu! Mas já não me serve mais.

Lucighor desapareceu e não demorou muito, o inferno inteiro voltou-se contra mim a fim de me destronar.

Mas eu, Hemisarê, por estar a muito tempo assentado naquele trono, reagi com os recursos de meus conhecimentos acumulados e contra-ataquei todos os que ousaram lançar-se contra meus domínios. Já não trazia em mim um mistério sexual, no entanto, a fúria em mim colocada pelo Anjo das Trevas estava ao meu dispor e a usei com tanta astúcia e violência contra meus inimigos que poucos foram os que escaparam dela. E se antes era respeitado por possuir um mistério sexual, a partir dali passei a ser temido por possuir uma fúria infernal. Atingia os outros grandes em todos os seus limites e derrubava seus escravos graduados em todas as hierarquias, não poupando nem os assentados nos limites do plano material. Para mim, limites já não havia mais e chegou um momento que em todos os campos sombrios eu adentrava, tornando meus escravos outros grandes. Eu, Hemisarê, finalmente, assumi o meu nome, quando chegava a um domínio, era o fim que havia chegado!

Acorrentei ao meu trono muitos, mas muitos mesmo, dos mais temidos grandes das trevas, que dali só saíam livres se eu quisesse. E não queria!

Por mais estranho que possa parecer, de certa forma eu protegia o tal iniciado<sup>10</sup>, pois enquanto eu combatia os grandes das trevas, ele estava livre para aumentar seus limites no meio e nas trevas a partir da luz.

---

10. *O Cavaleiro da Estrela-Guia*

Era o ano de 1777 no calendário cristão, no plano material. E só cessaram os combates aqui embaixo quando Limigolith procurou-me, dizendo:

— Sua hora está chegando, Hemisarê. O mago iniciado no meio está sendo conduzido pelo Anjo das Trevas diretamente contra seu trono, seus domínios e você pessoalmente!

— Quem lhe disse esta asneira, Limigolith?

— O próprio Anjo das Trevas, Hemisarê.

— Quando?

— Na última assembléia realizada pelos grandes das trevas e para a qual você não foi convidado, já que não pertence mais aos domínios do Anjo das Trevas. Seus domínios agora estão dentro do campo de ação e atuação do Anjo da Morte, seu novo Senhor, que o está guiando não mais contra os malditos espíritos humanos pecadores, mas sim contra nós, os grandes das trevas, seus antigos aliados. Ou não percebeu que seu destino mudou de rumo, de mãos e de direção?

— Não foi isso que vi acontecer, Limigolith.

— O que houve é que você esgotava os espíritos femininos que, por gerarem energias negativas, incomodavam o Anjo das Trevas. Agora esgota espíritos que estão ligados aos grandes das trevas no esgotamento dos espíritos sobrecarregados de energias negativas viciadas. Logo, aqui nas trevas você é um instrumento do Anjo da Morte, e nada mais!

— Isto é mentira, Limigolith.

— Então, por que já não esgota os espíritos femininos caídos em seus domínios? Por que, em vez de esgotá-las, apenas aumenta suas dores e com isso incomoda ainda mais o Anjo das Trevas?

— Você sabe que perdi meu mistério. Dele só restou a fúria sexual.

— Que você usa para criar novas fontes de geração de energias negativas, não é mesmo? E isso sem anular as fontes anteriores!

— Não tenho alternativa, Limigolith. Ou me mantenho neste trono ou sou reduzido a nada.

— Tem uma, Hemisarê. Ajude-nos a derrubar aquele mago iniciado e o Anjo das Trevas o livrará desta fúria, assim como proibirá os outros servos dele de persegui-lo em seus novos limites dentro dos limites do Anjo da Morte.

— Vou pensar em sua oferta, Limigolith.

— Faça isto, Hemisarê. Afinal, ainda que nunca tenha aceitado ser um de nós, os condenados à noite eterna, quer esteja nos domínios do Anjo das Trevas ou nos do Anjo da Morte, você sempre o será!

Eu pensei. E muito tempo depois aceitei o armistício com os outros grandes das trevas, pois após observar melhor o mago iniciado no meio, vi que todos os grandes das trevas haviam deixado de combatê-lo. Novas forças do Anjo das Trevas estavam sendo voltadas contra ele, forças estas que, um dia, num tempo já esquecido, haviam sido voltadas contra mim, derrubando-me do meu degrau na luz. Eu as havia observado atentamente no decorrer dos milênios e as identificara como as responsáveis pela minha queda. E o iniciado estava sendo envolvido, não mais pelos grandes das trevas, mas sim pelas grandes, e de forma muito sutil! Elas, as grandes das trevas, abriram frestas em seus domínios dos sentidos femininos e para elas atraíam o mago iniciado, que tolamente passava por elas e entrava em um dos campos mais traiçoeiros, movediços e sombrios da natureza humana: a sexualidade negativa, na qual o sensualismo, a luxúria, a devassidão, a paixão, o desejo e o embaçamento da razão conduzem o espírito humano à sua mais acentuada queda.

Elas o conduziram sutilmente contra mim e sem que disso, naquele tempo, eu tivesse me apercebido. Aos poucos criaram na mente dele que eu, Hemisarê, era um demônio atormentador da sexualidade feminina, o que de certa forma era verdade. Desde que eu perdera meu mistério, não conseguia esgotar as energias negativas de mais nenhuma fêmea humana. A única coisa que conseguia com a minha fúria era despertar novas fontes de insatisfação e acrescentá-las às já existentes, gerando mais energias negativas.

Meus domínios começaram a ser invadidos por ele por volta de 1840. Chocamo-nos de frente e travamos nosso primeiro combate direto depois de muitos e muitos milênios. E saí derrotado!

Reagrupei minhas legiões e travamos novo combate. Saí dele muito enfraquecido. Logo depois comecei a atuar diretamente contra ele, e aí foi pior para mim. Ele destruiu o meu trono usando de seus recursos da Lei, pois a eles recorreu com uma fúria tal que conseguiu assustar-me: ele tinha a idéia fixa de reduzir-me ao nada absoluto.

Tentei me refugiar nos domínios dos outros grandes das trevas, mas de todos ouvia a mesma desculpa: o Anjo das Trevas já não o

quer mais! Seus domínios estão contidos nos domínios do Anjo da Morte. Até como escravo dos outros grandes cheguei a oferecer-me na tentativa de me manter vivo, mas nem assim fui aceito.

Então, num ato insano e em desespero de causa, voltei-me contra o Anjo das Trevas e o amaldiçoei, amaldiçoei e amaldiçoei, enquanto o desafiava a destruir-me de uma vez por todas.

Para que, ou por que fiz aquilo, até hoje não sei. Mas sei que todo o inferno e todas as fúrias infernais voltaram-se contra mim, atormentando-me em todos os sentidos. Vaguei pelas trevas totalmente dementado, enlouquecido e furioso. Em pouco tempo fui reduzido ao nada, enquanto urrava de dor e desespero.

Desesperado, clamei pelo Anjo da Morte e pedi que, já que eu não conseguia morrer, que ele também tirasse a minha vida lançada no tormento das fúrias infernais. Mas isto ele se negou a fazer, dizendo-me:

— Você não é o senhor de sua vida, Hemisarê! Quando você, no uso do mistério que em si trazia desde sua origem, usou-o contra aquela guardiã de um ponto de forças da natureza, perdeu o direito de ser o portador de um mistério. E depois, por recusar-se a desocupar um trono que não mais lhe pertencia, interferiu com os próprios desígnios da Lei nas trevas e perdeu a própria vida. Agora terá de se dedicar aos que vivem na morte dos sentidos ou nunca mais encontrará paz em lugar algum.

— Todos dizem que meus domínios estão em seus domínios e que a morte é o meu fim. Eu preciso morrer, Anjo da Morte!

— Só morrerá no momento em que estiver preparado para viver outra vida, Hemisarê! Não será na revolta que ela se mostrará a você. Recolha em seu íntimo todas as fúrias infernais que em seu ser imortal encontraram um meio de se manifestarem. Assim estará habilitado para reparar seus erros, falhas e pecados. Até que isto não tenha conseguido, não volte a invocar-me!

Então, totalmente atormentado, vaguei pelos vales da morte, da loucura, da demência e do desespero. Assim foi, até que me deparei com aquele mago iniciado no meio que após olhar-me atentamente, dispôs-se a me ajudar, desde que eu jurasse diante dos guardiões da Lei que iria dedicar minha vida a servir a Lei onde e como ela quisesse.

E eu, Hemisarê, diante dos guardiões da Lei, jurei servir à Lei, somente à Lei e a ninguém ou nada além da Lei.

As fúrias infernais que me atormentavam deixaram de me incomodar. Voltei a ter paz, inclusive, em meu sexo, também já livre da

fúria sexual que nele vivia. Então fui enviado aos domínios negativos dos encantados regidos por Exu e lá fui preparado para resgatar meus erros, falhas e pecados servindo-os segundo as leis que regem a natureza humana e terrestre.

Ali, nos domínios dos sentidos, fui preparado para iniciar-me numa nova vida. E quando me senti pronto e apto, tornei a invocar o Anjo da Morte e a ele me apresentei, pronto para servir à Lei, servindo-o em seus múltiplos domínios.

A mim foi designado o Campo Santo, o cemitério. Nele apresentei-me ao senhor Omolu e passei a servi-lo até que eu estivesse apto a ocupar, como Exu da Lei, um campo de ação.

# Hemisarê Assume o Trono das Sete Encruzilhadas do Cemitério

Isto veio a acontecer por volta de 1899, quando o então guardião de um ponto de forças negativo passou para a luz, para o pólo positivo.

O iniciado em questão, aparentemente, havia resgatado todos os seus erros, falhas e pecados e recebera a oportunidade de continuar sua evolução servindo os encantados através dos sentidos positivos. Então ele confiou-me a ocupar seu lugar dentro da hierarquia das legiões de auxiliares do Senhor Omolu, o braço armado do Senhor Obaluaiê. Braço este que foi armado pelo Anjo da Morte com o mortífero alfanje, símbolo da morte em todas as religiões. Ao aceitar a oferta, o iniciado em questão levou-me diante dos guardiões da Lei e ali, diante deles, jurei dedicar todos os meus conhecimentos, forças e tempo à preservação daquele ponto de forças da natureza localizado à esquerda, ou no negativo dos sentidos da vida. Retornei ao ponto de forças para assumi-lo e para meu espanto lá estava o trono que eu havia ocupado por mais de vinte milênios com todos os seus poderes e atributos, mas com outras atribuições. Nele iria atuar em todos os sentidos, e não só no sétimo, como antes atuava. Além do mais, nos domínios do Anjo da Morte seria guiado pelo Anjo da Lei e minhas ações

só se realizariam dentro dos limites da Lei no meio humano. Nem no alto, nem no baixo, mas tão- somente no meio humano, material ou espiritual. Os limites eram estreitos, mas desde que neles eu me mantivesse, estaria seguro e amparado pela Lei.

Do Senhor Omolu recebi instruções precisas, que abrangiam todo o meu campo de ação: eu seria o único responsável pelos espíritos humanos que caíssem nos meus domínios negativos dos sentidos humanos. Após ter sido instruído pelo Senhor Omolu fui vestido e armado: Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Campo Santo passei a ser, e a chamar-me.

Conheci o mistério chamado de Exu pelos iniciados no ritual do culto aos Orixás, o qual muda de nome ou de pronúncia conforme as diferenças lingüísticas características de cada região ou povo.

O iniciado que havia ocupado aquele trono antes de mim, e juntamente com muitos outros iniciados guiados pelos guardiões da Lei, deram início à criação de um ritual de culto à natureza chamado de Umbanda.

O início das manifestações, já com características que até hoje se mantêm, foi no início do século XX. Mas descobri que há muito eles estavam infiltrados nas manifestações espirituais, assim como nos cultos e rituais africanos realizados pelos ex-escravos negros espalhados por todas as três Américas. Muitas coisas fui descobrindo e conhecendo muito rapidamente sobre a nova religião que nascia.

Nela, Exu tinha um lugar especial e funções múltiplas, mas específicas, que muito se aproximavam dos rituais do culto às forças da natureza por mim conhecido quando era um mago da Luz Cristalina, e me perdi, pois posteriormente, terminei como mago da Luz Negra. De certa forma, sentia que estava sendo conduzido de volta às minhas origens: a natureza!

Então, sob a guia da Lei, a proteção do Senhor Omolu, e as ordens daquele Caboclo Sete Encruzilhadas, comecei a formar minhas falanges de Exus ligados às Sete Encruzilhadas do Campo Santo, o cemitério. Não medi esforços, pois por ser um Sete Encruzilhadas, todos os domínios negativos estavam abertos às minhas incursões em busca de auxiliares.

E numa dessas incursões, reencontrei Li-An-Serí, assentada num trono das trevas sob a proteção do Anjo das Trevas. Por ter mudado muitas coisas em meu íntimo, comecei a atraí-la para os domínios do Anjo da Morte onde eu estava assentado: o cemitério. O estranho é

que Li-An-Serí não me repeliu e nem quis acertar contas passadas. Apenas ficou de pensar.

Tempos depois a conduzi aos pés do Anjo da Morte e a apresentei.

O Anjo da Morte acolheu-a em seus domínios e pouco tempo depois Li-An-Serí, sem deixar de ter seu trono nas trevas, assumiu um trono no meio onde, sob a guia da Orixá Iansã, tornou-se Pomba-gira das almas. Isto aconteceu no ano de 1911, no século XX, durante o nascimento da Umbanda Sagrada, que nada mais é que o culto do Criador através dos encantados da natureza, os Orixás. Um ritual simples e abrangente, que coloca o ser humano em harmonia com a natureza elemental, material, espiritual, cósmica e divina da criação.

Li-An-Serí trazia em si algo que me escapava, mas que me incomodava muito. E mesmo não atinando com o que era, ajudei-a muito como Pomba-gira de Lei. E o mesmo fiz com muitas outras Pombas-gira de Lei e Exu de Lei que iam expandindo suas falanges de espíritos marcados com os símbolos sagrados do ritual umbandista, que crescia a olhos vistos no plano material e muito mais, mas muito mesmo, no plano espiritual, onde resgatávamos espíritos caídos e os entregávamos às linhas de Lei, ativas ou passivas.

As linhas ativas manifestam-se nos centros e por meio dos médiuns. Também os protegem contra investidas dos auxiliares diretos dos grandes das trevas, que não apreciam a expansão dos domínios do meio e nos combatem o tempo todo. Fato este que torna interessante o posto de grau de Exu da Lei. Afinal, se para um escravo das trevas não existem limites, já que os únicos que respeitam são suas próprias limitações, um Exu de Lei, por ser um servo da Lei, tem muitos deveres e pouca liberdade de ação. Eu mesmo, se me fosse permitido, adentraria nos domínios do Anjo das Trevas e acertaria umas contas que ainda estão pendentes com alguns dos grandes das trevas. Mas tenho de manter-me nos meus estreitos limites da Lei. Um dia eles extrapolam seus limites e aí...

Mas se citei Li-An-Serí, foi porque, anos depois, quando finalmente o Anjo das Trevas derrubou<sup>11</sup> aquele mago iniciado no meio, ela foi uma das que, usando de sua sensualidade mortífera, colaborou em sua queda. Tinha poucos contatos com aquele mago iniciado, mas sabia que era ousado e não se impunha muitos limites quando em ação.

---

11. *O Cavaleiro da Estrela-Guia — Um Mergulho nas Trevas*

Em suas ações sob inspiração de Limigolith e de outras auxiliares diretas de Lucighor, Li-An-Serí conseguiu despertar naquele iniciado o sentimento de ódio às trevas, uma vez que o induziu a crer que os grandes das trevas eram os culpados pelo sofrimento dos espíritos femininos caídos nas trevas. Foi um processo longo, silencioso, astuto, sutil e muito, mas muito bem planejado, pois a maior estupidez que um iniciado pode cometer é despir-se de suas vestimentas e armas da Lei e penetrar nos domínios do Anjo das Trevas. E foi isto o que ele fez!

Eu, vendo aquilo acontecer, estava em relativa paz porque ele havia me auxiliado a conter em meu íntimo aquela fúria sexual do Anjo das Trevas, aos poucos a senti ressurgir e incomodar meu sétimo sentido da vida.

Procurei saber por que estava despertando e descobri que ele, ao ajudar-me a recolhê-la em meu íntimo, havia irradiado uma luz dourada em meu sexo. E porque ele havia caído nos domínios do Anjo das Trevas, eu perdi o seu amparo, e aquela fúria, que em princípio pertence às trevas, voltou a se manifestar em meu sétimo sentido.

Clamei por socorro ao Anjo da Morte, mas ele não atendeu à minha invocação. Pouco tempo depois da queda daquele mago eu estava novamente sob o tormento de uma das piores fúrias das trevas: a fúria do sexo!

Expandi meus limites até ter sob meu poder um amplo campo nas trevas, em que voltei a dar vazão àquela fúria infernal. Voltei a possuir todos os espíritos femininos que encontrava pela frente.

Depois, com a fúria aplacada e com elas esgotadas, as levava aos meus domínios nas Sete Encruzilhadas do Campo Santo.

Pedi socorro ao Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois o servia diretamente, e ele esclareceu-me sobre o que estava acontecendo comigo:

— Você está sendo atraído novamente pelo Anjo das Trevas, irmão Exu Rei. Recolha ao seu íntimo esta fúria sexual, ou mais uma vez encontrará seu fim nos domínios dele. Com a queda daquele nosso irmão portador da energia que a adormeceu em seu sétimo sentido, só lhe resta recolhê-la em seu íntimo.

— Se o Senhor permitir, vou procurá-lo!

— Não, é melhor você recolher esta fúria em seu íntimo.

— Como, se ela é o negativo do mistério que eu trazia em mim desde minha origem?

— Tem certeza disso?

— Absoluta. Acabei descobrindo isso depois de estudar os mistérios negativos. E se assim não fosse, então meu sexo se deformaria. É isso o que ocorre com os espíritos que vivem dominados pelos vícios do desejo. Estudei isto profundamente nesses anos todos, meu Senhor Caboclo. Por isso peço permissão para adentrar nas trevas à procura dele. Encontrando-o, vou devolvê-lo ao meio ao qual ele pertence.

— Por que deseja fazer isso?

— Invoquei o Anjo da Morte e não obtive resposta aos meus pedidos de socorro. Pedi ajuda ao meu Senhor Omolu e ele apontou o meu carma como o responsável pelo meu tormento e recomendou que cuidasse melhor do ponto de forças sob minha responsabilidade, pois só assim minha fúria sexual seria anulada em meu sétimo sentido da vida.

— Acalme-se e esta fúria se aquietará em seu íntimo, Hemisaré — recomendou-me o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Mas isso não serviu para acalmar o meu tormento naquele instante. Então, resolvi observar melhor as ações de Li-An-Serí fora dos domínios do Campo Santo. Mesmo atormentado pela fúria sexual, segui-a usando meus mais apurados sentidos visuais, acostumados às sombras das trevas e à escuridão dos abismos. Acho que durou meses minha vigilância sobre ela, que, de vez em quando, levava as mãos por entre as pernas e se esfregava como se estivesse tentando arrancar alguma coisa que muito a incomodava. Ordenei aos meus mais aptos auxiliares que tomassem conta de tudo o que se relacionasse ao meu ponto de forças e fui ter com Li-An-Serí. Recorrendo a um poder e recurso meu, fascinei-a e a dominei mentalmente, lançando-a num estado hipnótico tão profundo, que através dos olhos dela pude descobrir o paradeiro do mago iniciado no meio, e parte do que com ela havia acontecido. Então, ocorreu-me que algo semelhante poderia ter acontecido comigo na minha queda e ordenei que me levasse até onde o mago estava.

Por precaução, dei-lhe ordens precisas: seria seu auxiliar no Campo Santo e a acompanhei depois de plasmar uma aparência diferente da que possuía.

Assim, disfarçado e protegido, pois nas trevas Li-An-Serí era respeitada e aceita, fui levado até onde estava o mago iniciado.

O que vi e assisti deixou-me estarecido, chocado e assustado: o iniciado, com o corpo todo calcinado e perfurado, era submetido a um tormento atrás do outro, enquanto demônios femininos possuíam-no furiosa e incessantemente. E as que esperavam para possuí-lo faziam o mesmo que eu vira Li-An-Serí fazer: pareciam tentar arrancar algo de dentro de si com as mãos. E, mistério dos mistérios!, de vez em quando o corpo do iniciado no meio entrava em convulsão e explodia, irradiando energias pelo tórax, testa e mãos. E quando isto acontecia, gigantescas serpentes negras cravavam suas presas afiadíssimas em seu corpo e injetavam-lhe um líquido negro, até que aquelas irradiações luminosas cessassem. Aí o tormento do sexo recomeçava e ele voltava a ser possuído, enquanto emitia gemidos de dor.

Observei também que quando uma daquelas criaturas sentia-se saciada e o deixava, seu sexo ficava coberto por um líquido rubro como sangue. Então, ela afastava-se um pouco e caía no solo negro, como se estivesse num êxtase pavoroso. Assistia a tudo, quando vi chegar uma criatura assustadora até mim. Ocultei-me atrás de Li-An-Serí que, impassível, nem se moveu com a chegada daquele pavor das trevas, que aos poucos foi plasmando uma belíssima forma feminina. Era Limigolith, minha antiga mestra nos mistérios das trevas!!! Ela atraiu a atenção do mago usando de recursos que eu desconhecia e ouvi quando ele, num esforço sobre-humano, murmurou:

— Amada! Veio me salvar?

— Sim, meu querido! — respondeu ela — Vou curá-lo desta dor que o aflige, está bem?

— Tire-me daqui, pelo amor de Deus! — pediu ele com grande esforço, pois não podia mover o corpo.

Antes é preciso curá-lo, amado meu! Vou envolvê-lo no meu amor. Faça o possível para irradiar um pouco de suas energias que ficará curado, está bem? — falou ela ternamente, enquanto o possuía e derramava nele escuras energias.

Mas assim que ela o possuiu, seu peito explodiu como um vulcão e ele emitiu um urro de dor. E a seguir, muitos outros emitiu. Em seguida silenciou, pois mais uma vez teve seu corpo inundado pelo escuro veneno das serpentes negras.

Quando Limigolith o deixou, até suas pernas estavam manchadas de sangue. E quando ela caiu no solo, um tanto afastada de onde tudo aquilo ocorria, dela me aproximei e, aproveitando-me daquele êxtase estranho, hipnotizei-a e mergulhei em sua memória maldita,

até encontrar uma resposta para o meu tormento. Encontrei algo em tudo parecido com o que ali estava acontecendo àquele mago.

Eu também havia sido atraído para as trevas e supliciado pelo tormento do sexo, até que sucumbi diante da dor. Então, abri meu mistério para que uma daquelas malditas injetasse no meu sexo suas fúrias sexuais. Havia sucumbido ao tormento e aberto meu mistério no momento em que fora convencido de que toda a dor teria um fim. Se não havia sido Limigolith que fizera aquilo comigo, não era estranha aquela que havia feito! Anotei quem era a maldita para um futuro acerto de contas ainda em aberto e voltei a observar o que ocorria. Assustei-me quando vi outro daqueles demônios femininos assumir uma aparência que lhe deu muitas esperanças, pois aos prantos, pediu:

— Mãe, amada mãe! Ajude-me a sair daqui. Em nome de Deus, leve-me daqui, mamãe!

— Já já não sentirá nenhuma dor, filho amado! Vou curá-lo e levá-lo de volta para nossa morada, está bem?

— Por Deus, tire-me daqui mãe amada!!!

— Vou curá-lo, filho amado! Vou possuí-lo e curá-lo, pois só assim sua dor cessará, amor de filho.

Mais tarde vim a saber que era assim que sua mãe o tratava: filho amado e amor de filho. E ela, tal como fizera Limigolith, o possuiu.

Mas algo no íntimo dele reagiu e, num urro, disse não, não e não, quando seus olhos viram a própria mãe o possuindo, todo o seu corpo voltou a convulsionar-se e emitir terríveis explosões energéticas. E mais uma vez as serpentes negras o atacaram até que ficou totalmente paralisado.

Quando chegou a vez de Li-An-Serí, ela disse:

— Amado, sou eu, sua Li-An-Serí!

— Tire-me daqui! Por Deus, tire-me daqui!

— Não posso, meu amor. Estou muito ferida e só poderei fazê-lo se for curada porque aí terei forças! Ou já se esqueceu de que fui violentada e brutalizada por aquele maldito mago da Luz Negra?

— Não me esqueci não, Li-An-Serí. Um dia ainda o punirei por ter sido tão brutal com você.

— Tenho certeza que me vingará. Mas agora precisa curar-me. Estou sofrendo muito. Só você tem o poder de aliviar minha dor! Ajude-me para que possa levá-lo daqui, meu amor!

— Tire-me daqui, Li-An-Serí. Pelo amor de Deus, tire-me daqui!

— Num instante estará fora daqui, querido! — falou ela, já o possuindo.

E continuou a pedir com a voz mais sensual que eu já ouvira, para que ele a curasse irradiando suas energias. Nem assim ela conseguiu, pois nova explosão energética aconteceu no peito dele.

Quando Li-An-Serí se afastou dele, outra assumiu a tortura dando prosseguimento àquela tentativa de abrir o mistério que ele trazia em seu sétimo sentido da vida. Eu, antes de retornar com Li-An-Serí ao Campo Santo, ainda vi uma delas ativar uma fúria ígnea e envolver todo o corpo dele em chamas infernais, até calciná-lo todo. Mas ele mantinha sua forma bem humana, e isto enfurecia aquelas criaturas atormentadas!

Quando Li-An-Serí saiu daquele lugar, também saí antes que fosse descoberto. Quando chegamos, mais uma vez examinei-a a fundo e vi seu íntimo encharcado por aquele sangue, que enquanto permanecia vivo proporcionava sensações de prazer. Mas assim que escurecia, era como se um tormento a incomodasse, e ela tentava arrancá-lo com as mãos. Além do mais, não conseguiam sustentar suas aparências assustadoras e diabólicas.

Libertei Li-An-Serí do hipnotismo total e retornei aos meus domínios para meditar no que havia visto e descoberto. Mas na dúvida, fui falar com meu Senhor, o poderoso Senhor Omolu, que mais uma vez dignou-se a ouvir um Exu atormentado. Quando relatei o que havia descoberto, ouvi isto:

— Seja quem for que arrastou para lá aquele mago, levou junto a pior das fúrias da Lei: a fúria do fogo vivo!

— O que significa isso, meu Senhor?

— Quem se manchar com aquele sangue cairá sob o poder da fúria do fogo vivo e ficará ligado ao possuidor da fúria. Você não é escravo de uma fúria em seu sétimo sentido?

— Sou sim. Ela faz comigo o que quer.

— Todas as fúrias são iguais nos fins a que se destinam. Todas que absorverem aquele sangue se tornarão escravas daquele mago. Só entregando-se a ele neste sentido voltarão a ter paz. Por algum tempo!

— O meu Senhor Omolu é sábio!

— Você também deve se instruir, caso queira ter uma longa permanência no ponto de forças das Sete Encruzilhadas, Hemisarê.

— Como me instruir se não posso confiar nos Exus guardiões mais antigos?

— Nem eles confiariam em você. Mas meus auxiliares diretos poderão instruí-lo à altura do grau que ocupa. Neles poderá confiar

plenamente, pois quanto melhor desempenhar suas funções de Exu Guardião do Mistério das Sete Encruzilhadas do Campo Santo, melhor estará servindo ao seu Senhor, o Anjo da Morte.

— Onde poderei encontrá-los, meu Senhor?

— Eles o procurarão, Hemisarê. E para que não pense que o acaso existe, digo a você que nada acontece por acaso. Ou não é verdade que por causa da fúria que voltou a atormentá-lo acabou descobrindo que não é o único a portar uma no sétimo sentido?

— É, não sou o único.

— Também sabe que tem muitos e poderosos recursos à sua disposição, e poucos conhecimentos sobre eles?

— Isto é verdade!

— A queda daquele iniciado serviu para despertá-lo para um sentido positivo: o conhecimento das causas das coisas, Hemisarê!

— Não me esquecerei disso, meu Senhor Omolu.

— Cuidado com o conhecimento, Hemisarê. O mesmo conhecimento tanto cura quanto mata, tanto cria quanto anula e tanto constrói quanto destrói o íntimo de um ser humano.

— Os negativos do conhecimento já os conheço em mim, meu Senhor.

— Os positivos só são bons e úteis para nós quando forem melhores para nossos semelhantes. No lado escuro dos mistérios, só sentiremos os efeitos da aplicação positiva dos conhecimentos em favor dos nossos semelhantes quando formos guiados pela Lei e pela Razão e pelas razões da Lei, que é o que, no fim, sempre prevalecerá!

— Então, no fim, aquele iniciado terá sido só um instrumento da Lei, não?

— Se ele não sucumbir, certamente haveremos de ver de perto as verdadeiras razões da Lei que o enviou àquela faixa negativa.

— O Anjo das Trevas já vem tentando possuí-lo há milênios. Disso sou testemunha e fui partícipe, Senhor meu.

— Se ele não sucumbir, finalmente o Anjo das Trevas conseguirá, Hemisarê.

— Não entendo, meu Senhor. Como conseguirá se ele não sucumbir?

— Ora, se ele sucumbir, irá se transformar em mais um grande das trevas, não?

— Isso mesmo, meu Senhor. Logo o Anjo das Trevas o entronará num dos mais vastos domínios das trevas, que é a sexualidade humana.

— O inferno, mesmo com todos aqueles grandes a servi-lo, deixa de incomodá-lo?

— Não, meu Senhor.

— Então, por que mais um grande iria ajudá-lo, se tem de absorver todas as energias negativas geradas pelos seres humanos? Onde está o benefício de se ter mais um a infernizar o que já é um inferno?

— Eu nunca havia raciocinado a partir deste ponto de vista, Senhor meu.

— Sei que não, Hemisarê. Enquanto lá permaneceu com seu mistério ativo, era apenas um catalisador das energias negativas geradas pelos espíritos femininos. Mas quando perdeu o “anteparo” para aquelas energias, deixou de ser útil às trevas. Lá não o queriam mais, porque era mais um incômodo. Antes catalisava as energias negativas, depois se tornou irradiador delas. Se tentaram anulá-lo, nada mais conseguiram que fazê-lo reagir com o que é chamado de instinto de sobrevivência. Ou o anulavam ou você incomodaria tanto, que lançaria muitos aos abismos dos tormentos. Tudo é uma questão de raciocinar a partir das razões e dos porquês das coisas, Hemisarê.

— Sabia que o Anjo das Trevas usava meu mistério para catalisar as energias negativas sexuais femininas. Mas nunca entendi a razão desta fúria infernal em meu sexo. Qual a razão dela?

— Isto é simples de explicar, Hemisarê. O Anjo das Trevas, quando dizia que o queria servindo-o nas trevas, não estava querendo mais um grande para atormentar os espíritos femininos. Se deixavam de gerar energias sexuais, era porque seu mistério as anulava neste sentido, no entanto, em outro sentido começavam a gerar outras energias também de ordem negativa! Quando você as possuía não proporcionava nem prazer nem satisfação. O prazer, por ser uma sensação agradável aos sentidos, e a satisfação, por ser um sentimento positivo, predis põem quem os vibra a buscar outras fontes positivas de prazer e satisfação, rompendo assim os fios escuros que ligam os espíritos humanos às esferas negativas, ligando-os às esferas positivas. Mas o que você fez foi ligar muitos espíritos às esferas negativas quando ainda viviam no plano material, e muitos outros fez surgir quando pensava estar atendendo ao verdadeiro desejo deles, Hemisarê.

— Eu...

— A quantos espíritos humanos você proporcionou o prazer e a satisfação através do sétimo sentido da vida?

— A nenhum.

— Que prazer ou satisfação obteve enquanto anulava o sétimo sentido de tantos espíritos humanos?

— Nenhum. Meu tormento só fazia crescer em mim a insatisfação e o desejo de obter um mínimo de prazer. Mas nunca consegui isso.

— Saiba que, se tivesse proporcionado o verdadeiro prazer e a sensação de satisfação nos espíritos femininos caídos em seus domínios, esta fúria teria se aplacado e você teria se tornado luminoso, pois os cordões de ligação que surgiriam seriam delas até você, delas até as esferas positivas e, por fim, e o mais importante de tudo, uma das esferas positivas até você, inundando-o de energias positivas. Eis aí uma das explicações comprováveis do triângulo sagrado, Hemisarê. As bases são os cordões energéticos que unem dois ou mais espíritos humanos, e os dois cordões que convergem para o alto ou para baixo. Dependendo da posição do triângulo, ligam-se ao alto ou ao embaixo. Se no alto está o Anjo da Luz, no embaixo está o Anjo das Trevas. Simples, não?

— Eu nunca prestei atenção nisto, meu Senhor.

— Devia prestar, Hemisarê. Nos símbolos sagrados estão as explicações dos maiores mistérios. Já que sua visão foi aberta, veja os cordões muito finos, mas visíveis, que o ligam ao embaixo. Essa aura escura que o envolve nada mais é que milhões incontáveis de cordões energéticos que o ligam ao embaixo, alimentando a fúria que se manifesta através de você.

— Isto quer dizer que os espíritos caídos que desenvolvem chifres, garras, asas, presas, etc.

— Isto mesmo, Hemisarê. Cada atributo mais ou menos comum aos espíritos, tanto na luz quanto nas trevas, significa que um ou vários sentidos estão bem desenvolvidos ou ligados a certas esferas positivas ou negativas.

— Então isto explica o fato de muitos dos grandes das trevas terem enormes chifres e muitos dos grandes da luz, que ultimamente tenho visto, irradiarem fachos de luz que se perdem no infinito.

— Você entendeu o princípio das coisas, Hemisarê. Vou enviar alguém para instruí-lo e aí interpretará corretamente as aparências que as formas (os espíritos) costumam assumir à medida que avançam para o alto ou regridem para o embaixo.

— Por que o meu Senhor é tão generoso comigo?

— Por duas razões: A primeira é que você finalmente quis “conhecer”. E a segunda é que sou implacável na punição dos que erram. Logo, é melhor instruí-lo, assim não terei de puni-lo por ser ignorante das razões das causas. Mas, se mesmo instruído vier a errar e ultrapassar seus limites, então, quando for punido, também saberá o porquê disso.

— Compreendo-o, meu Senhor.

— Espero que tenha compreendido mesmo, pois não vou tolerar mais que abandone seus domínios e seu posto no ponto das Sete Encruzilhadas para dar vazão ao incômodo que esta fúria desperta em você. Mantenha-se em seus limites de ação através dos sentidos humanos a você designados pelos guardiões da Lei ou da próxima vez que o alfanje da morte voltar-se contra você irá amputar seu sexo pela raiz, levando à morte este seu sentido da vida, Hemisarê!

— Perdão, meu Senhor! — implorei após ouvir a ameaça metálica do Senhor Omolu, meu chefe, superior e Senhor no Campo Santo, pois duas vezes ele não dá o mesmo aviso.

Só de ouvi-lo ameaçar-me com a amputação do meu sexo, um frio percorreu-me de alto a baixo e gelou-me. Frio este que dali em diante se manifestaria toda vez que eu estivesse prestes a cometer a asneira de sair fora dos meus domínios, assim como de ultrapassar os limites do meu campo de ação e atuação.

Mas, do ponto de forças onde eu atuava, podia através do meu mental ativar aquela fúria contra quem estivesse fora dos meus domínios. Fiz isso contra muitas das grandes das trevas que comigo tinham contas pendentes. Eu as atormentava e induzia a irem até onde estava caído aquele mago iniciado. Lá, possuídas pelo desejo, se manchavam com o sangue vivo que ele vertia nos espíritos femininos que viessem a possuí-lo. E dediquei especial atenção àquela que havia atuado em mim para despertar a fúria do Anjo das Trevas em meu sétimo sentido.

Quando ela o possuiu, mentalmente a mantive unida a ele até que aquele sangue vivo se espalhasse por todo o seu corpo. Queria vê-la atormentada em todos os sentidos pela fúria do fogo vivo que aquele tormento da Lei irradiava na forma de um sangue vivo que, se proporcionava um prazer fugaz, em uma escravidão a lançaria.

Não satisfeito, ainda revelei a outros grandes das trevas o que havia descoberto. Assim eles, que tinham contas a acertar com outras

grandes das trevas que eu não conhecia, poderiam lançá-las num dos piores tormentos da Lei.

Então eu, Hemisarê, do meu ponto de forças nas Sete Encruzilhadas da vida, gargalhava feliz ao ver que muitas das grandes e odiosas senhoras das trevas estavam, ou melhor, já haviam aberto seus mistérios para a instalação de uma fúria da Lei: a fúria do Fogo Vivo.

— Em breve todo o inferno estará ardendo nas chamas vivas e invisíveis do fogo vivo! Ah, ah, ah, ah! — gargalhava em minha sádica vingança contra as grandes das trevas e seus sexos infernais que haviam me atormentado até que caísse diante do Anjo das Trevas.

— Ah, ah, ah, ah!

Eu, Hemisarê, finalmente me sentia vingado e satisfeito, pois conseguia ver uma fúria da Lei alastrando-se em muitos dos sombrios domínios do inferno.

— Ainda haverei de ver aquelas malditas soberbas, invejosas, mesquinhas, devassas, orgulhosas, malvadas, odiosas, repulsivas e traiçoeiras senhoras das trevas rastejando aos pés daquele mago, implorando para recebê-lo, possuídas por uma fúria da Lei! Ah, ah, ah, ah!

Como eu, muitos outros dos grandes das trevas gargalhavam felizes e satisfeitos ao verem como elas se esfregavam, tentando arrancar do mais íntimo de seus sexos o fogo vivo que as consumia num desejo insuportável e, porque não dizê-lo, infernal!

— Ah, ah, ah! — gargalhava eu, feliz e satisfeito.

Afinal, eu podia ver os cordões que surgiam, ligando-as àquela fúria sanguínea. Cordões que mais e mais iam se densificando, pois nelas crescia o desejo.

— Hemisarê, você é um gênio infernal e um gênio único, pois levou uma fúria da Lei para dentro de todas as devassas do inferno! Ah, ah, ah! — gargalhava feliz.

Acontece que aquele iniciado verteu tanto daquela energia parecida com o sangue humano, que em dado momento começou a jorrar como um chafariz. Isto eu vi, pois mais de uma vez acompanhei a atormentada Li-An-Serí até onde ele jazia, já totalmente insensibilizado.

Aquele jorrar contínuo de sangue vivo, ou melhor, de fogo líquido e vivo, impregnou negativos femininos até então jamais vistos ou conhecidos por mim. E esses mistérios de natureza feminina começaram a se manifestar bem ali, naquele profundo abismo infernal!

Energias uivantes, cortantes, chorosas, ofegantes, sensualizantes desesperadas e gemendo de dor, condensavam-se em torno daquele desafiador jorrar de sangue e absorviam até a última gota que caía no solo negro. Espectros deveras sobrenaturais formavam-se a partir daquelas condensações e ora uivavam no mais lascivo dos êxtases, ora gemiam no mais alucinante dos gozos para, logo a seguir, emitirem um choro lancinante que, aos poucos, ia transformando-se num soluço do mais delirante dos prazeres! Depois amainavam e ficavam bailando em volta daquele espírito calcinado e imóvel, emitindo ofegantes suspiros de prazer e satisfação. Eu e muitos outros grandes das trevas, paralisados pelo que acontecia, assistíamos à manifestação daquilo, desconhecido para nós até então. Víamos as grandes das trevas, manchadas por aquele sangue vivo, caídas em volta do corpo calcinado. Elas esfregavam as mãos naquele sangue vivo e depois o espalhavam por todo o corpo, como que querendo lavar todos os seus erros, falhas e pecados. Foi uma visão macabra, infernal, além do nosso imaginário.

Então eu, Hemisarê, caí de joelhos naquele solo, antes negro, mas naquele momento rubro como sangue, e, batendo no peito, exclamei:

— O que foi que fiz desta vez, Criador! Até onde minha ignorância, perversão e maldade me conduzirão?

Urrei, urrei e urrei de dor, aflição e desespero ante ao que assistia, paralisado, sem poder me afastar dali. O mesmo acontecia com outros seres tão infernais e tão atormentados quanto eu.

“Mais uma vez abro parêntese para que eu, M. L. Benedito de Aruanda, possa dizer-lhes que enquanto relatava o que vi acontecer, Hemisarê, o Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Cemistério, vertia grossos fios de lágrimas de sangue. Pela segunda vez ofereci-lhe minha toalha branca para que secasse suas lágrimas tão doloridas. Então, quando se sentiu melhor, voltou ao seu relato.”

Eu, Hemisarê, o Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Cemitério, digo: se um idiota perspicaz já notou que há mais mistérios entre o Céu e a Terra do que supõe a vã filosofia humana, eu afirmo que há mais mistérios entre o Céu e o inferno do que a nossa fértil imaginação possa criar ou fantasiar, pois o que ali eu via acontecer transcendia o imaginável e ultrapassava todos os limites humanos da imaginação. Digo também que nada do que acontece desde o limite do Céu até o do inferno deixa de ser visto por algum ser humano. E ali, naquele lugar e naquele momento, não fui o único que viu aquilo tudo acontecer.

Se outros também presenciaram, várias razões para aquele lugar os conduziram: uns estavam procurando encontrar um meio de resgatar o mago iniciado caído nas trevas, pois ele era chefe de Lei. Outros, porque eram inimigos mortais dele e queriam presenciar seu fim. Outros queriam ver se suas inimigas multimilenares finalmente haviam sido possuídas pela fúria da Lei que dele saía na forma de um sangue vivo.

Mas o fato principal aconteceu depois de ter passado muito tempo desde que aquelas condensações energéticas surgiram para absorverem o sangue que jorrava do iniciado caído nas trevas: apareceu uma poderosa fonte de luz cristalina viva, bem ali, no meio daquele lugar perdido nas trevas. Depois, surgiu uma outra poderosa fonte de luz de cor azul, e cada uma se colocou de um lado do corpo calcinado, estendido no solo encharcado de sangue vivo. Então, ao redor daquelas duas fontes vivas, tudo ficou tão escuro que, de onde estávamos, as testemunhas humanas, só víamos o corpo caído por causa das duas fontes vivas de luz. Logo após vi surgir o Anjo da Morte, o qual já conhecia bem. A seguir, surgiu outro anjo vertendo de sua frente cascatas luminosas como se fossem as cores do arco-íris, o qual mais tarde vim a saber, era o Anjo da Vida. Depois, surgiu o Anjo da Lei, que era todo luz ígnea alaranjada, e por fim, vi surgir o Anjo da Luz, aquele mesmo que um dia se fez homem e que os homens, esses malditos idiotas, pregaram-no na cruz. Ele recolheu em seus braços o corpo calcinado do iniciado e o entregou ao Anjo da Vida, que tendo à esquerda o Anjo da Morte e à direita o Anjo da Lei, dali se afastaram levando-o para algum lugar fora do meu alcance visual.

O Anjo da Luz deve ter dito algo àqueles sombrios espectros energéticos. Eles silenciaram e começaram a se diluir até desaparecerem. E deve ter dito algo ao Anjo das Trevas, ali presente naquela escuridão total e absoluta, pois o ouvi, num gemido rouco, dizer ao Anjo da Luz:

— Até que enfim terei um auxiliar digno do meu poder e atribuições! Não, não me incomodo de partilhá-lo com você nem com o meio humano... Mas o quero servindo a mim como o tem servido!... concordo... de acordo... eu sempre cumpro o que prometo! Quem não cumpre são seus auxiliares humanos... Eles são os culpados da escuridão onde vivo, pois não me deixam em paz um instante sequer! Está certo, acima dele estará você; embaixo estarei eu: à direita estará a Lei e à esquerda a Morte... Também estou de acordo que

nenhum imponha limites, pois só assim ele poderá servir-me em todos os meus domínios, ainda que eu tenha de aceitar que ele rompa os cordões dos espíritos que, estando nos seus domínios, ainda permanecem ligados aos meus, pois têm contas a acertar com seus auxiliares... Não... Ele era assim antes, não era? Então que assim volte a ser... Mas se assim não for, mais uma vez descarregarei sobre ele toda a minha ira!... Sem limites e sem pré-condições... tudo será permitido desde que assim esteja contido: no alto pela luz, no embaixo pelas trevas, na direita pela Lei, e na esquerda pela Morte... nada de limites humanos a incomodá-lo ou atormentá-lo... você cuida de conter seus auxiliares que dos meus cuido eu... nada disso... os esgotados irão para a luz, e os viciados ficarão em prisões isoladas no meio das trevas somente acessíveis a ele... Assim, caso os seus o induzam a refugiar-se dos domínios da luz, descarregarei minha ira contra quem estiver dentro das prisões isoladas... Os gritos de dor serão ouvidos por você, por todo o sempre, pois terá quebrado sua palavra... poderá sim, mas só quando nenhum cordão estiver ligado aos meus domínios... não, a partir daí não me incomodarei com o que ele vier a fazer com elas... de acordo... de acordo... de acordo... lembre-se de que não haverá limites nem pré-condições... todos... aos pés dele... isto mesmo... não, nada negarei, mas se ele recusar, aí puxarei os cordões que ligam a mim aquelas que estão nos seus domínios, mas ainda não foram punidas por terem despertado minhas fúrias infernais... Isto mesmo, isto ele poderá fazer, pois nele eu também estarei presente... isto mesmo... mantereí esse sentido ativo... sim, no Livro da Luz e no Livro das Trevas nosso compromisso será escrito e selado pela Lei e pela Morte... auxiliar?... por que não escravo?... está certo... só auxiliar... de acordo, Irmão do Alto... Concordo que me excedi, mas se não tivesse feito isso você não teria descido até aqui e selado este acordo comigo.

O Anjo da Luz subiu e a escuridão absoluta desvaneceu-se, voltando à penumbra e à liberdade de movimentos.

No instante seguinte, trêmulo e assustado, já estava assentado no meu Trono das Sete Encruzilhadas do Campo Santo, pois havia sido testemunha de um acordo selado entre o Anjo das Trevas e o Anjo da Luz, e que tinha como consignatários o Anjo da Morte e o Anjo da Lei. Não ouvi o que disse o Anjo da Luz, no entanto, jamais esqueci das palavras ditas pelo Anjo das Trevas. E o acordo girava em torno do destino daquele iniciado no meio, que se limites não

teria, no entanto também teria de ser um auxiliar do Anjo das Trevas, tal como era do Anjo da Luz, e seria acompanhado pela Lei à direita e pela Morte à esquerda.

Não deu para atinar quem seria atingido ou alcançado por aquele acordo, mas isto num futuro próximo descobriria, bastando-me observar o que iria acontecer com aquele iniciado quando ele ressurgisse no meio humano. Isso foi o que deduzi e acho que os outros, que também viram e ouviram, deduziram a mesma coisa, pois cada um recolheu-se aos seus domínios e os grandes das trevas voltaram suas atenções ao meio material humano, induzidos pelo Anjo das Trevas, que vigiaria, por meios deles, o mago iniciado.

# A Razão das Causas

## A Razão das Coisas

Como não consegui ver mais nada, voltei-me totalmente para os meus deveres como Exu Guardião das Sete Encruzilhadas do Cemitério, onde fui instruído pelos auxiliares do Senhor Omolu. Descubri coisas que jamais havia pensado que existissem nos domínios dos encantados.

Quanto a Li-An-Serí e todas as que haviam se manchado com aquele sangue vivo, tiveram seus corpos espirituais atingidos por terríveis e incuráveis chagas que as impediram de plasmar os belos corpos femininos que ocultavam as deformações ocorridas em seus sentidos.

Li-An-Serí, como Pomba-gira das Almas, combatia o tormento da fúria da Lei; trabalhando em todos os sentidos, pois só assim sentia o alívio em seu corpo espiritual.

Anos depois do acontecimento que relatei, meus aguçados órgãos visuais detectaram em Li-An-Serí um tênue fio energético que a ligava a alguém em algum lugar. Percorri aquele fio e, para espanto meu, encontrei no outro extremo dele o mago iniciado! E o que vi nele despertou minha atenção, pois ele não havia caído naquele sentido da vida, e uma fúria do Anjo das Trevas não havia se instalado em seu sétimo sentido, tal como acontecera comigo no passado. Seu corpo espiritual diferia dos outros corpos, o que não é comum, e dele saíam sete grossos fios de energias douradas que o ligavam às mais

profundas trevas. Visualmente, segui aqueles fios até onde me foi possível, pois dali em diante estavam fora do meu poder visual. Vi que em certos momentos, quando se emocionava, aqueles sete fios ficavam da cor de sangue. Deduzi que era a fúria da Lei enviando seu fogo vivo àqueles espectros vistos por mim ao redor de um espírito calcinado nas trevas. Mas vi também que quando ele se concentrava, tornava-se dourado e irradiante, enviando através daqueles fios um tipo de energia nunca vista por mim antes das explosões que vira ocorrer no peito dele. As energias irradiavam-se em todas as direções, fluindo através de incontáveis cordões energéticos ligados a espíritos que nem sabiam que aquilo ocorria.

Vigiando Li-An-Serí, percebi que o fio que a ligava àquele iniciado, quando ficava rubro, excitava-a muito e quase a impedia de desempenhar seus deveres. Também vi que quando o fio ficava dourado ela sentia uma sensação de bem-estar muito grande.

Observei algumas grandes das trevas e o mesmo ocorria com elas. Então, gargalhei até não poder mais, pois atinei com o que estava acontecendo.

O acordo selado começava a se realizar, sem que ninguém se apercebesse! E aquelas condensações de energias, que para mim eram desconhecidas, principiaram a surgir de vez em quando ao redor do iniciado e absorviam dele grandes quantidades daquela energia diferente que ele irradiava continuamente. Aí desapareciam, e só voltavam a se condensar tempos depois, para nova extração de energias.

Certa vez aproximei-me demais daquele iniciado tentando observá-lo melhor e quase fui degolado por uns seres armados até os dentes, que encostaram algo gelado e cortante em meu pescoço. Rosnando, advertiram-me que, ou dali me afastasse ou ali seria executado. Prudentemente, calei-me e retornei ao meu ponto de forças onde estaria protegido daquelas criaturas estranhas. Eu havia entrado em um domínio sob a guarda de seres extra-humanos! Deduzi que tinha penetrado em uma faixa de atuação dos guardiões da Lei nas trevas, pois jamais havia me sentido em tão grande perigo como me senti, quando aquela lâmina fria encostou no meu pescoço. Ela era tão fria quanto a ponta do alfanje que o Anjo da Morte encostara em mim, matando o mistério em meu sétimo sentido.

“As criaturas são auxiliares diretas do Anjo da Morte!”, deduzi, pois me lembrei de que pelo acordo selado, à esquerda ficaria ele, o

Anjo da Morte. Um arrepio percorreu-me por inteiro. Eu havia sido testemunha de um acordo selado entre o Anjo da Luz e o Anjo das Trevas. Aquela lâmina fria encostou novamente em minha garganta quando meditava em tudo o que havia descoberto e uma voz rouca e gutural, às minhas costas, advertiu-me:

— Não pense, não comente, não medite e não olhe, caso queira continuar vivo e ocupando este posto e grau da Lei.

— Como assim agir, se presenciei tudo?

— Isto é com você. Se alguém mais vier a saber quem ele é, pagará com sua vida!

Outra voz gutural, também às minhas costas, deu sua opinião:

— Acho melhor degolá-lo agora mesmo do que ter de fazê-lo quando já for tarde!

— Esperem! — exclamei apavorado — Também tenho interesse em que o acordo alcance seu fim por meio daquele mago! Também estou ligado a ele, para o melhor ou para o pior.

— Por que deveríamos acreditar em você?

— Estava ligado a ele antes que desaparecesse nas trevas e nossa ligação foi restabelecida quando me aproximei dele há pouco. Olhem e verão que não estou mentindo. Olhem!

Eles olharam e viram que um cordão de energia me ligava ao mago. Aí pedi:

— Permitam que eu fique por perto. Em caso de dúvidas, terão com quem se esclarecer.

— Nada de acordos, companheiro. O seu silêncio é a única coisa que nos interessa.

— Está certo. Não vejo, não comento e não penso. É isto, não?

— É isto mesmo. Se em algum momento você falar, pensar ou fizer alguma coisa neste sentido, envolvendo-o, será degolado no mesmo instante.

— Está certo. O meu silêncio pela minha vida e não falamos mais nisso, companheiros!

Eles concordaram e conservei minha cabeça em seu lugar, a um preço que tive de pagar silenciosamente, mesmo sabendo que naquele mago estava o recurso que me livraria da fúria que tanto me atormentava.

Voltei toda a minha atenção aos meus deveres de Exu Guardião das Sete Encruzilhadas do Cemitério e não pensei mais no mistério

daquele mago iniciado no meio, ainda que um cordão energético estivesse nos unindo.

Muitos anos depois o cordão rompeu-se e a fúria despertou. Com ela, muitas outras acordaram, pois eu estava tendo muitos problemas com médiuns que tinham como seus Exus da Lei, os Exus das Encruzilhadas dos Cemitérios. E, para meu azar, um desses médiuns estava demandado justamente contra o mago iniciado.

— Que sina a minha! — exclamei antes de ir falar com meu superior no Campo Santo.

— Não atue contra ele diretamente! Ele sugeriu.

— Nem posso fazer isto! Prometi deixá-lo em paz em troca do meu pescoço.

— Fale com seus auxiliares e convença-os a desistir de acertarem suas contas com aquele iniciado. Também recebi ordens de velar pela integridade física dele. A ordem é ceifar todos os excessos, tanto os dos inimigos quanto os dele.

— Entendo — assenti preocupado.

Mas os conflitos cresceram. Havia muitas contas a serem acertadas entre ele e vários dos meus auxiliares e alguém muito poderoso estava incitando-os para um ajuste final. Deixei tudo acontecer e ver até onde aquilo chegava. Afinal, contas pendentes devem ser acertadas sempre que aparece uma oportunidade! Dando uma rápida olhada no campo de ação do mago, vi que muitos dos grandes das trevas estavam voltados contra ele tentando derrubá-lo novamente. Deduzi que alguma coisa não estava acontecendo como havia sido combinada naquele acordo selado entre o Alto e o Embaixo. Preocupado, mergulhei num dos mais sombrios e temidos abismos existentes no inferno, indo ao encontro de Lucighor, meu antigo chefe nos domínios do Anjo das Trevas.

Fui recebido como são todos os que ousam ir até lá. Mas como Lucighor reconheceu-me, fui libertado e pude conversar longamente com ele para saber o que estava acontecendo de errado desta vez.

— Você, eu, e muitos outros assistimos ao encontro entre os dois Anjos, certo Hemisarê?

— É, fomos as testemunhas mudas do acordo selado entre o Alto e o Embaixo, Lucighor. Então pergunto: o que está saindo errado?

— O de sempre, Hemisarê. Todo maldito espírito só quer olhar para o Alto, desejar as benesses do Alto, servir ao Alto, e tudo isto

olvidando o Embaixo, fugindo dos seus deveres e amaldiçoando o inferno. Mas isto não vai ficar assim não, sabia? O meu Senhor está furioso e já ordenou-nos que reduzíssemos a pó aquele maldito mago! — exclamou Lucighor, enfurecido, quase louco.

— Espere, espere, espere! O que foi que o desviou do caminho traçado entre o Alto e o Embaixo?

— Como sempre, os espíritos pouco conhecedores dos mistérios da criação estão tentando tornar santo alguém que tem por dever ser um executor da Lei e da Vida, tanto na luz quanto nas trevas. Parece que os idiotas que o acompanham não sabem nada sobre o acordo selado, e toda vez que enviamos um dos nossos para alertá-los que um acordo está à espera do seu cumprimento integral, são atacados assim que dele se aproximam. Que idiotas malditos!

— Lucighor, você sabe quantos pescoços eu tenho?

— Um só, oras!

— Pois é, e quase o perdi quando, tempos atrás, tentei aproximar-me daquele mago.

— Alguns dos meus já perderam muito mais que o pescoço, Hemisarê.

— Acho que sim. Alguns dos meus auxiliares simplesmente desapareceram sem deixar vestígio algum.

— Prepare-se para o pior, Hemisarê. Quando eles terminarem com seus auxiliares, será a sua vez, pois é um dos que testemunharam aquele acordo selado entre o Alto e o Embaixo.

— Não creio que isto aconteça, Lucighor.

— Não? Então não está informado do que vem acontecendo ao redor daquele maldito mago, que devíamos ter reduzido a pó quando caiu em nossos domínios? Ah! como me arrependo de não ter cravado nele minhas garras e injetado em seu mental minhas fúrias enlouquecedoras!

— Acalme-se, Lucighor. Você explodirá em sua própria fúria contra a ignorância humana e acabará cometendo algum erro irreparável aos olhos do Anjo das Trevas.

— O que mais você quer que eu suporte? Vejo minhas auxiliares reduzidas a cinzas ou desaparecendo sem deixar vestígios, meus domínios sendo incendiados pelo fogo vivo que aquele mago envia, e vendo um outro inferno invadindo os domínios do meu Senhor, tenho de calar-me e abaixar a cabeça? Nem que tenhamos de enviar todo o inferno contra aquele mago, mas que ele pagará, ah! pagará por não cumprir um acordo selado, Hemisarê!

— Talvez o mago nem tenha consciência disso, Lucighor. Já atentou para este detalhe?

— Alguém à volta dele deve saber. E se não sabe, então pagará caro pela ignorância!

— Por que vocês não dão algum tempo a ele para ver como as coisas se processarão?

— O tempo já se esgotou Hemisarê. Quando os cordões energéticos que sustentavam minhas auxiliares se romperam, o tempo acertado entre meu Senhor e o Anjo da Luz esgotou-se.

— Então foi isto, o tempo acertado, que rompeu aqueles fios?

— Isso mesmo.

— Eu também estava ligado a ele, Lucighor.

— Eu sei que estava. Quer um conselho? Retorne aos domínios do meu Senhor, pois logo essa fúria em seu sétimo sentido irá jogá-lo contra ele, e aí seu fim chegará.

— Não, isto não. Estou amparado pela Lei do meio, Lucighor. Ela irá sustentar-me!

— A Lei do meio sustentou Li-An-Serí, ou as outras que estavam ligadas a ele, Hemisarê?

— Não. A última vez que a vi estava toda apodrecida. Acho que dela resta só um esqueleto.

— Já viu como está Limigolith e minhas outras auxiliares diretas?

— Não.

— Eu lhe mostro, Hemisarê! Eu lhe mostro!

Acompanhei Lucighor até onde elas estavam e me senti incomodado com o que vi: seus corpos estavam sendo consumidos por aquela fúria da Lei. O sangue vivo estava alimentando-se do corpo energético delas, depois de ter devorado os órgãos ligados ao sétimo sentido.

— O que me diz agora, Hemisarê? Isso é ou não é para deixar-me enlouquecido? A ira do meu Senhor contra aquele maldito está fluindo através dos meus sentidos. O Anjo das Trevas o quer de qualquer jeito! — urrou Lucighor, à beira da loucura, e completou: — Os sete sentidos das trevas, a hidra maldita, as sete cabeças do mal irão levantar-se, Hemisarê! O acordo será rompido e a Lei das trevas cobrará do Anjo da Luz o preço pelo não cumprimento de um acordo, respeitado pelo Anjo das Trevas. Então nós, os malditos, estaremos livres para invadirmos o meio e a partir dele derrubar todos os auxiliares diretos do Anjo da Luz! Aaaaah! Maldito Anjo da Luz! Assentarei o trono da hidra maldita no meio e derrubarei do alto todos os teus auxiliares! Ah, ah, ah!

Lucighor, um auxiliar direto do Anjo das Trevas, estava prestes a dar vazão total à ira do seu Senhor. Seus sentidos estavam tomados pelo ódio e era só uma questão de tempo para que tudo viesse a explodir num confronto total. Eu, estranhamente calmo, esperei aquela ira amainar e então falei:

— Poderoso Lucighor, já lhe ocorreu que se houve testemunhas humanas daquele encontro, talvez tivesse por finalidade relembrarmos o acordo selado? Com toda certeza o mago não está a par dele ou em condições de lembrar-se.

— Onde estão os da Luz para lembrá-lo?

— Talvez estejam confusos com o rumo que as coisas tomaram, ou desconhecem o acordo! Tudo é possível, poderoso Lucighor.

— Não é nada disso o que está ocorrendo, Hemisarê. O que tenho observado é que está havendo uma tentativa muito grande dos da luz em levar para longe dos domínios do meu Senhor aquele mago marcado pelas presas da Serpente Negra. Mas os idiotas estão se esquecendo de uma coisa, Hemisarê!

— O que é, poderoso Lucighor?

— Você viu aquele fio negro que sai do mago e que desce direto para as trevas?

— Sim, eu vi. Onde está a outra ponta dele?

— Ele está ligado diretamente ao sétimo sentido do Anjo das Trevas, e que será ativado em todo seu poder de ação caso aquele mago seja possuído pelos auxiliares do Anjo da Luz.

— Aí, ele cairá, não?

— Isso não! O meu Senhor poderá atuar por meio dele usando o mistério que ele traz em si. Derrubará todas as que ainda têm finíssimos cordões escuros ligados a algum dos sete sentidos das trevas, os sentidos do mal em si mesmo, o mal absoluto!

— Ouvi dizer que os sete sentidos do mal estiveram presentes neste recente conflito global. Isto é verdade, Lucighor?

— Ainda tem dúvidas, Hemisarê?

— Se você, o poderoso Lucighor diz que sim, já não as tenho. Por que razão um poder tão grande e medonho foi ativado contra o meio material?

— Foi só um acerto de contas em grande escalada, Hemisarê. Nada mais que um acerto das trevas com o meio humano! O meu Senhor não perdoa nada ou ninguém que tenha ofendido o Criador Todo-Poderoso ou atentado contra a vida, pois ele é o último dos recursos do Criador para punir os que deixam de ser benditos e tornam-se malditos.

— Vejamos! Se os sete sentidos forem condensados e a hidra maldita levantar suas cabeças, ainda assim o mago não irá fazer o que foi combinado no acordo selado, certo?

— Isto não acontecerá, pois ele será o primeiro a ser paralisado e arrastado para as trevas.

— Por outro lado, se para a Luz ele for conduzido, será usado para derrubar as auxiliares da Luz que estão prestes a deixar de incomodar as trevas, certo?

— Isso é certo.

— Então, por que nós, as testemunhas humanas do acordo selado, não tentamos uma solução que obrigaria o cumprimento do acordo e evitaria o acirramento da ira do Anjo das Trevas e acalmaria a já quase completa condensação dos sete sentidos do mal?

— É o que acha que temos tentado fazer ao nos aproximarmos dele?

— Ouça bem, Lucighor. Um dia, não importa quando este dia chegará, nós dois teremos de acertar uma conta que tem me custado caro pagar até agora. Estou calado e resignado e se já não a acertei com você é porque tenho de descobrir um jeito de livrar-me desta fúria maldita que tanto me incomoda. Mas tenho, agora e aqui ouvindo-o, a mais absoluta certeza de que se até hoje soufro e sou atormentado, isto se deve à falha ou covardia de testemunhas humanas de um acordo selado entre o Alto e o Embaixo relacionado ao mistério que, em mim, eu trazia desde minha origem, e que perdi. Logo, se tudo parece tão confuso neste momento, talvez seja a hora de nós, as testemunhas humanas, intervirmos. Senão, por que razão aqueles anjos nos deixariam ver e ouvir tudo aquilo?

— Não passou de simples acaso, Hemisarê!

— Quer saber de uma coisa, Lucighor? Uma coisa muito importante, mas que por tantos milênios jamais dei importância?

— Do que se trata?

— Do acaso! O acaso não existe, Lucighor! Nada é ou acontece por acaso. Por trás de algo que julgamos ser obra do acaso existem razões.

— Você, agora que assumiu um ponto de forças que liga o meio ao Embaixo, se julga um sábio, Hemisarê?

— Não, Lucighor. Depois de ter vivido nas trevas da ignorância humana por tantos milênios não me acharei um sábio senão daqui a outros tantos milênios, e isto se me dedicar ao conhecimento das

razões das causas! Nesse pouco tempo que, a serviço do Anjo da Morte, tenho servido conscientemente à Lei, tenho aprendido muito. E o que mais me marcou foi descobrir que o acaso não existe.

— Que genialidade o levou a esta conclusão?

— Uma genialidade das razões da coincidência, Lucighor. Eu, quando recebia uma ordem do Caboclo Sete Encruzilhadas, analisava a vida de quem deveria ser ajudado pela minha ação e por coincidência descobria que quem eu era obrigado a ajudar, ou era um antigo inimigo meu ou então uma antiga vítima. Coincidência, não?

— Você, como todos nós, os grandes das trevas, sempre foi implacável na execução dos inimigos e dos devedores. Por ter agido intensamente e por muito tempo, é compreensível que reencontre muitos inimigos ou vítimas protegidos pelo corpo carnal, Hemisarê.

— Será coincidência a maioria dos que têm recorrido ao ponto das Sete Encruzilhadas terem sido vítimas ou inimigos dos Exus Sete Encruzilhadas? Ou é por acaso que a maioria das médiuns têm entre os Exus que formam à sua esquerda algum Exu das minhas linhas de ação? Não lhe ocorre que talvez a Lei do meio esteja transformando inimigos em aliados e vítimas e algozes em dependentes do mesmo sentido da Lei: o mútuo amparo? Afinal, é a coincidência ou o acaso, Lucighor?

— Você está se deixando possuir pelas fraquezas humanas, Hemisarê! Desde que você atingiu aquela encantada e perdeu seu mistério, começou a viver suas fraquezas humanas. E lhe digo mais: se não retornar às trevas, logo estará pensando, falando e agindo como aqueles idiotas da luz, que preferem perdoar que punir os malditos pecadores.

— Há quando tempo você está servindo ao Anjo das Trevas, Lucighor?

— Não conto o tempo, Hemisarê. Mas se julga muito tempo uns míseros milênios, então o que dirá de eu estar servindo meu Senhor desde os primórdios da civilização cristalina?

— Desde os primórdios dela, Lucighor?

— Isto mesmo, Hemisarê.

— Tanto tempo assim não o levou a meditar nas razões das causas, nos acasos e nas coincidências? Não lhe ocorreu que se eu tivesse realizado corretamente o acordo selado pelo Alto e o Embaixor relativo ao meu real destino, nunca teria incomodado ou atormentado o Anjo das

Trevas, a quem hoje entendo e compreendo, pois comecei a analisar as causas e buscar as razões que as originam ou sustentam?

— Você está louco, Hemisarê?

— Não estou não, Lucighor. Estava louco quando dava ouvidos a você, a Limigolith e muitos outros iguais a nós, os grandes das trevas, os temidos demônios! Mas descobri que melhor teria servido ao Anjo das Trevas se tivessem me advertido de que havia um acordo selado entre Ele e o Anjo da Luz. Ah! Se alguém tivesse me esclarecido, que servindo à Lei agradeceríamos ao Anjo da Luz e não seríamos obrigados a renegar a existência do Anjo das Trevas! Ele existe e é parte do Todo, mas temos de servi-lo na parte escura e sombria, onde caem aqueles espíritos que se recusam a olhar a face luminosa do Criador e que têm de ser vigiados por sua face escura, onde estão localizados os domínios do Anjo das Trevas. Ah! Lucighor, como eu gostaria de ter tido alguém para esclarecer-me sobre a verdadeira razão dos tormentos do Anjo das Trevas! Ou você não percebe que, se os sete sentidos estão se condensando contra aquele mago deve-se ao fato de que as testemunhas humanas preferem se calar a irem até quem de direito revelar que um acordo foi selado e que terá de ser cumprido à risca, e bem cumprido, pois só assim um pouco dos tormentos do Anjo das Trevas cessarão?

— Você está louco, Hemisarê!

— Não estou não, Lucighor. Meu mistério deveria ter sido usado para estancar o envio de energias negativas aos domínios do Anjo das Trevas. Mas como isto não aconteceu, tornaram-se mais sombrios e doloridos. Aqui, só escuridão eu acrescentei quando o real desejo dele era que eu cumprisse o acordo selado com a Luz e rarefizesse as sombras que o tornam sombrio e invisível à face luminosa do Criador.

— Agora tenho certeza que enlouqueceu, Hemisarê!

— Pense como quiser e acredite nisto ou não. Quanto a mim, não vou me calar, ainda que talvez venha a ser degolado por aquelas criaturas à esquerda dele, certo? E lhe digo mais: se vou fazer isso, mesmo arriscando minha inútil vida, saiba que farei conscientemente, pois finalmente atinei com a real dor do Anjo das Trevas: a incompreensão humana para com a missão que ele recebeu do Criador. Essa incompreensão calou-me quando senti o fio de uma lâmina gelada. Mas não me cala mais! Alguém tem de dizer a eles que o Anjo das Trevas está furioso com o não cumprimento de um acordo selado, que se não está se realizando é em decorrência à incompreensão

humana para com os mistérios, pois o mistério daquele mago está visível e à mostra para quem quiser vê-lo. Mas os idiotas à volta dele afastam todos os que se aproximam.

— Eles irão degolá-lo, Hemisarê.

— Se isto acontecer, terei perecido no real cumprimento da minha iniciação na minha origem, Lucighor. Perecerei por tentar rarefazer a escuridão dos domínios do Anjo das Trevas e diminuir seu real sofrimento, lutando pela realização de um acordo selado com o único intuito de aplacar a dor que o atormenta e o incomoda, pois um mistério está paralisado no meio quando deveria estar ativado tanto para a luz quanto para as trevas. Quer saber a que outras conclusões também cheguei, Lucighor?

— Diga-as, Hemisarê.

— Depois de meditar muito concluí que, quando um espírito humano erra, falha ou peca, ele incomoda tanto o Anjo da Luz quanto o das Trevas, pois entristece o de cima e enfurece o de baixo. Logo, a nós, os iniciados, cabe a obrigação de esclarecer a real natureza humana, tanto a positiva quanto a negativa no espírito humano lançado no meio e na carne, sem nunca lhe negar a oportunidade à vida. Nunca mais esgotarei um espírito humano porque estarei apenas prolongando seu tormento pessoal e eternizando sua permanência dos domínios escuros do Anjo das Trevas, onde será mais um incômodo entre tantos!

— O Anjo das Trevas irá fulminá-lo, Hemisarê!

— Não creio, Lucighor.

— Pois ouça o que estou lhe dizendo: ele irá fulminá-lo!

— Não irá não, Lucighor. E quer saber de mais uma coisa?

Até hoje eu o ouvia. Mas de agora em diante ouvidos darei só ao Anjo das Trevas, se ele falar-me diretamente. Estou cansado de ser punido por dar ouvidos a um humano tão ignorante quanto eu sobre a verdadeira razão das coisas!

Após dizer isto, caí de joelhos e comecei a chorar. Minhas lágrimas eram tão de sangue quanto o sangue que vertia daquele iniciado no meio, quando estava caído nas trevas. Em prantos exclamei:

— Ah, meu Criador! Como tenho sido idiota em ter dado ouvidos a espíritos humanos tão tolos e ignorantes quanto eu! Mas para mim, chega! Só darei ouvidos às razões das coisas ou nunca deixarei de ser um tormento das trevas e um incômodo para a luz! Se perdi tudo, e só me restaram tormentos na consciência e fúrias nos meus

sentidos, isto se deve ao fato de ter dado ouvidos a seres humanos ignorantes que nada me acrescentaram, mas muito me diminuíram aos seus olhos, meu Criador. Ah! Como me arrependo por ter dado ouvidos a espíritos tão ignorantes quanto eu.

Levantei-me e caminhei devagar rumo a lugar nenhum. Já ia longe em minha caminhada, quando uma voz suave me perguntou:

— Para onde está indo, meu servo?

Sem titubear, respondi:

— Pouco importa para onde vai alguém como eu, já que nunca chegarei a lugar algum mesmo!

— Eu posso conduzi-lo, meu filho.

— Quem é você?

— Não me reconhece mais, filho meu?

— Como eu poderia se nem a mim reconheço?

— Eu sou seu Criador, filho meu. Eu o gerei no mais íntimo recôndito do meu princípio gerador e, num ato divino, lancei-o na senda humana da vida.

— Tornei-me um ser desumano, meu Senhor. Já não sou aquele que o Senhor criou, pois só na sua face escura eu sou visível.

— Você nunca deixou de ser visível aos meus olhos, meu filho.

— Se for assim, por que me deixou sofrer tanto e provocar tanto sofrimento a meus semelhantes?

— Se assim tem sido, só tem sido porque você deixou de ouvir-me a partir do seu íntimo e passou a dar ouvidos a vozes exteriores que não eram a minha voz, meu filho! Mas agora que finalmente resolveu olvidar as vozes exteriores e só deseja ouvir a voz do seu Criador, então irá ouvir-me a partir do seu íntimo.

— De que irá adiantar-me, se perdi tudo, meu Criador?

— Só perdeu o que estava no exterior. O que existe em seu íntimo nunca deixou de ter. Em compensação, por sentir-se vazio em seu íntimo, agora posso lhe falar, meu filho.

— Já me esqueci, ou melhor, nunca soube como me dirigir ao Senhor. Por isso releve meus modos de falar assim, tão direto, e diga-me se ainda posso ser útil de alguma forma, meu Criador — clamei, ajoelhando-me.

— O contrário não seria mais correto no estado em que se encontra, filho meu? Ou não foi por vislumbrar numa lâmina fria o fim dos seus tormentos que irá lançar-se a uma empreitada temerária?

— O que mais haveria de desejar alguém como eu? Ou arrisco tudo e volto a ser o que nunca deveria ter deixado de ser ou nada mais me restará, e a mim mesmo me perderei, pois creio que descobri muito tarde a razão de ter sido portador de um mistério sagrado.

— Você não o perdeu, filho meu. Apenas esgotou em si mesmo as razões dele existir no seu sétimo sentido.

— E estou vendo alguém igual a mim trilhando o mesmo caminho, escurecido pela ignorância humana.

— Mas veio até aqui neste sombrio abismo para tentar clarear o caminho dele. Neste momento isso é o que interessa. Por isso pergunto: O que eu, o seu Criador, posso fazer por você, filho meu?

— Se for quem diz ser, acalme os sete sentidos do mal, conforte a dor do Anjo das Trevas e guie-me até quem possa ouvir-me sobre o acordo selado que testemunhei. Já não consigo manter-me calado e sei que se nada for feito, ele trilhará um caminho já percorrido por mim e que me tornou no que sou hoje.

— Além disso, o que mais posso fazer por você, filho meu?

— Muito já fez por mim. Só quero servi-lo onde achar que posso redimir-me.

— Oportunidades de servir-me nunca lhe neguei, filho meu. Tem-me sido útil onde melhor pode auxiliar-me. Se agora me presta bons ofícios no Campo Santo, é porque lá me serve melhor. Mas quando eu ver que lá já não me serve, então o conduzirei a outro lugar.

— Se for assim, então nada mais desejo, meu Senhor.

— Vá até o guardião à esquerda daquele meu filho e alerte-o para o acordo selado, pois ele também foi uma das testemunhas humanas de um encontro entre meu Servo da Luz e meu Servo das Trevas.

— Eu irei.

— Vá, servo da Lei! Apresente-se em nome da Lei e será ouvido.

Recolhi minhas lágrimas de sangue vivo para ir-me dali, quando Lucighor surgiu na minha frente e falou:

— Hemisarê, o meu Senhor falou comigo e ordenou-me que viesse ter com você, para dizer-lhe que ele já não o odeia mais. Finalmente você compreendeu a razão da dor e da escuridão dos domínios dele. Devo dizer-lhe também que ele deteve a condensação dos sete sentidos do mal e o processo ficará paralisado até que você tenha realizado seu intento de alertá-los para um acordo selado e ainda não cumprido, e que a dor dele diminuiu muito depois que ele foi entendido e compreendido

por você. Por tudo isso, aqui tem de volta sua espada simbólica, escondida dos seus olhos desde que a usou para aumentar as trevas, ao invés de clareá-las.

— Quando perdi essa espada de servo da Lei, Lucighor?

— Isto ocorreu quando a puxou contra espíritos caídos por causa da ignorância humana, Hemisarê.

— Compreendo.

— Venha mais vezes até meus domínios, Hemisarê. Talvez essa religião dos encantados, tão cheia de mistérios, também tenha algo a me oferecer.

— Voltaremos a nos encontrar, Lucighor. Afinal, se mesmo nos odiando durante tanto tempo ainda conseguimos nos comunicar, devemos ter algo em comum.

— Hemisarê, seu trabalho naquele ponto de forças o tornou um sábio.

— Sobre isto falaremos daqui a vinte e dois mil e quatrocentos anos cristãos, certo?

— Bom, vinte e dois mil e quatrocentos anos cristãos passam rápido, não?

— Passam sim, Lucighor. Até mais! Voltarei para dizer-lhe sobre meu encontro com o guardião daquele mago.

— Caso queiram degolá-lo, esta espada impedirá, Hemisarê. Ela traz em si as fúrias cortantes da Lei!

— Conheço a história e o mistério dela, Lucighor.

— É mesmo! Agora você é um sábio!

Deixei Lucighor com seu sarcasmo infernal e fui ao encontro do guardião à esquerda do mago iniciado no meio. Tenso, mas preparado para o pior, surgiu diante dele em seu domínio: o portal da passagem da vida para a morte, e vice-versa.

— Salve, poderoso Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Campo Santo! — saudou-me ele com um olhar frio e penetrante.

— Salve, companheiro das passagens.

— Qual a razão da sua vinda aos meus domínios?

— Preciso falar-lhe, companheiro. Mas sem outras testemunhas além de nós, as testemunhas humanas de um acordo selado. Lembra-se dele?

— Esquecer-me dele não me tem sido possível, companheiro.

— Por que esquecê-lo, se não é para ser esquecido?

— Foi o acordo selado que o trouxe até aqui?

— Sim.

— Este sangue escorrido em seu rosto tem a ver com ele?

— Sim.

— Por que demorou a vir até nós, as outras testemunhas humanas?

— Estavam à minha espera?

— Estávamos.

— Desde quando?

— Desde que os cordões que nos uniam ao mago foram rompidos por causa do não cumprimento do acordo selado.

— Espere um pouco!

— Mais ainda, Hemisarê?

— O que significa este “mais ainda”?

— Ora, já não estou suportando mais as cobranças do Anjo das Trevas pelo não cumprimento do acordo selado. E tudo porque faltava-nos a septuagésima sétima testemunha humana do acordo selado entre o Alto e o Embaixo, acordo este de terá de ser realizado no meio, nos limites entre a Luz e as Trevas.

— Eu não sabia de nada disso. E muito menos onde ou como ele deveria se realizar. Apenas sei que os sete sentidos do mal estão se condensando e se nada for feito, a hidra de sete cabeças rastejará desde as trevas até o meio e aí...

— Eu sei disso e todas as outras setenta e cinco testemunhas também sabem, pois temos nos defendido das investidas dos enviados do Anjo das Trevas.

— Por que não me chamaram ou revelaram o que estava acontecendo?

— Você é uma das testemunhas, não?

— Você sabe que sou, estava perto de mim quando tudo aquilo aconteceu — respondi irritado.

— Não precisamos de ira neste momento. Portanto, acalme-se, sim?

— Está certo, não deixemos a ira turvar nossos sentidos Litimohê. Revele-me o que desconheço.

— O fato é que cada um de nós ouviu uma parte do acordo selado, Hemisarê. Você ainda se lembra de tudo o que ouviu?

— Eu só ouvi o que o Anjo das Trevas falou, Litimohê. Cada palavra, cada sílaba ainda ecoa em minha mente. É como que se a voz dele tivesse vida própria.

— Ela tem vida própria, Hemisarê. E ecoará eternamente na forma de um acordo realizado ou na cobrança de um acordo selado não realizado.

- Como realizá-lo, Litimohê?
- Você está pronto para assumir seu lugar no assento das testemunhas?
- No que implica este meu assentamento, Litimohê?
- Na não existência de limites ou pré-condições.
- O que isto significa?
- Que não haverá diferenças entre vontades ou desejos. Tudo será uma ordem da Lei a ser realizada.
- Isto é algo que transcende o imaginável, não?
- Isto mesmo. Não haverá limitações. Abrangerá tanto o Alto como o Embaixo. No acordo selado não tem lugar para pré-condições.
- Você quer dizer que...
- Acertou. Assim que você gravar seu testemunho do acordo selado na Pedra da Lei, a realização terá início, quer o consciente humano do mago aceite ou não. Mas acredito que ele acabará aceitando.
- Se assim terá de ser, por mim assim será.
- Não poderá exigir nada e nem negar ou negar-se a nada.
- Eu estou pronto para juntar-me às outras testemunhas, Litimohê.

— Então me siga!

Litimohê levou-me a um lugar, uma construção gigantesca diferente de qualquer construção existente no plano material. Nela havia um imenso salão cristalino totalmente vazio. Indicando um lugar, ordenou-me:

— Coloque suas mãos sobre estas pedras e mentalmente imprima na Pedra da Lei seu testemunho, Hemisarê.

Fiz o que ele ordenou e no instante seguinte surgiu uma imensa tela. Nela um fogo dourado foi escrevendo tudo o que havia sido dito pelos dois anjos e que resultou no acordo selado.

Com os olhos turvados pela emoção, acompanhei cada letra, palavra ou sentença, tanto do Anjo da Luz quanto do Anjo das Trevas. E quando terminou aquela transcrição divina do acordo selado, embaixo dele, à esquerda e à direita, começaram a ser escritos os nomes das testemunhas humanas do acordo selado. Entre elas, estava eu, Hemisarê!

Virei-me, então, e me deparei com um “Degrau” da Lei e da Vida parcialmente ocupado, e se digo que estava em parte ocupado, é porque o assento central, o Trono, estava vazio assim como o sétimo à esquerda dele. Olhei para o lado e vi um mago da Luz Cristalina que me indicou o assento vazio à esquerda do Trono do Degrau. Assim que me assentei, o mago falou:

— Irmãos, a última das testemunhas humanas do acordo selado entre o Alto e o Embaixo chegou e já assumiu seu grau à esquerda desse Degrau da Lei e da Vida. Portanto, chegou o momento de iniciarmos seu cumprimento.

Todos concordaram que o momento havia chegado e o mago continuou:

— Então, como todos já leram o acordo selado, é hora de buscarmos nosso irmão para que ele ocupe seu lugar neste Degrau da Lei e da Vida para que o acordo selado comece a ser realizado.

O mago desapareceu e nós, as testemunhas humanas, permanecemos silenciosos à espera do retorno dele, o que não demorou a acontecer. Ele trazia nos braços um espírito adormecido e estava escoltado por dois guardiões, um da Lei e outro da Vida. O mago assentou aquele espírito no trono do Degrau da Lei e da Vida e o despertou tocando-lhe a fronte, equilibrando-o energeticamente logo em seguida.

Como o espírito estava confuso, o mago cristalino o dominou visual e mentalmente e explicou-me que ele era o executor de um acordo selado e que teria de assumir sua parte conscientemente, ou então iria realizá-lo inconscientemente.

Conscientemente significaria obedecer cegamente ao que o mago cristalino dali em diante lhe ordenasse. O contrário seria permanecer ali e realizar o que só ele poderia, pois havia sido ungido em sua origem com um mistério vivo no sétimo sentido da vida e havia chegado a hora de deixar que o mistério se manifestasse e fluísse naturalmente, já que tanto o Alto quanto o Embaixo haviam decidido em comum acordo que o mistério pertencia tanto ao Alto quanto ao Embaixo, tanto à luz quanto às trevas, tanto ao positivo quanto ao negativo, e que por isso mesmo, não disputariam mais a posse do mistério confiado a um iniciado no meio. E que, do meio ele tanto poderia subir quanto descer, avançar para a direita quanto para a esquerda, para frente ou para trás, ou mesmo realizá-lo à sua volta, sempre tendo como centro das ações o Degrau ocupado por ele: o executor do acordo!

— Por que eu? — quis saber o espírito.

— Por que tem de ser você — respondeu-lhe o mago cristalino.  
— Agora, repita de viva voz, e também com as mãos, tudo o que eu disser e fizer para que o que está disperso volte a unir-se na Coroa deste Trono. A partir dela tudo fluirá através de sua coroa.



Foi realizada uma invocação ritual e de repente um caos energético se formou dentro daquele salão. Aos poucos, aquelas energias começaram a se ordenar e fluir para a coroa do Trono daquele Degrau da Lei e da Vida. Depois fluíu para a coroa do espírito, percorrendo todo o seu corpo energético, até que começou a ser irradiado de forma impressionante através dele. Aquela visão impressionou-me que tanto, até hoje, para vê-la, basta fechar os olhos e relembrar aquele momento único.

Quando cessou a entrada das energias, o arco-íris brilhava em sua coroa. O mago cristalino perguntou:

— Como prefere realizar o acordo selado?

— Quais são as minhas alternativas?

— Conscientemente, reconduziremos você até seu corpo carnal e nele será despertado para o mistério que traz em seu espírito imortal. Eu o guiarei passo a passo até que tenha condições de realizá-lo conscientemente. Já inconscientemente, significa que o Anjo da Vida irá cortar o cordão que o mantém ligado ao seu corpo carnal e neste Trono permanecerá para todo o sempre, enquanto realiza sua parte no acordo selado.

— Melhor dizendo...

— Conscientemente seu Degrau estará onde você estiver, tanto na carne quanto em espírito. E inconscientemente, você daqui nunca mais sairá, senão seu Degrau voltará a ficar vazio.

— Prefiro conscientemente.

— Não será fácil, irmão iniciado.

— Alguma vez, algo desta magnitude foi fácil para alguém?

— Não. Nunca foi, é, ou será fácil.

— Como se assentou no seu degrau, irmão mestre?

— Conscientemente.

— Arrependeu-se?

— Não.

— Então eu o assumo conscientemente, irmão mestre.

— Esta é sua opção final?

— Sim.

— Que seja escrito pelo Fogo Divino no final do contrato que ele optou pelo despertar consciente dos seus deveres, obrigações, poderes e meios de ação para poder realizar todas as cláusulas do acordo selado.

Após aquele fogo ter escrito na Pedra da Lei, o mago cristalino tocou novamente na frente do espírito e o reconduziu de volta ao seu corpo carnal adormecido. Esperou um pouco e, vendo que estava tudo bem, acordou-o com um assopro no ouvido.

Dali, assentado, eu via tudo o que o mago fazia. Cobriu-o desde o pescoço até os pés com uma veste branca plasmada a partir de energias puras, alvíssimas. Aí voltou a tocá-lo na cabeça induzindo-o ao sono novamente e retornou até onde estávamos. Mas os dois guardiões permaneceram ao lado do espírito, vigiando-o.

De volta, o mago cristalino falou-nos:

— O mais difícil já foi feito, irmãos. Que cada um retorne ao seu ponto de forças e mantenha o silêncio absoluto sobre o que viu e ouviu e fique no aguardo de minhas ordens e instruções. Em breve o acordo selado começará a realizar-se.

Eu, antes de retornar ao meu ponto de forças, fui até Lucighor e disse-lhe:

— Avise o Anjo das Trevas que o acordo selado será realizado. Dentro de pouco tempo tudo começará a acontecer.

— Ele já sabe, Hemisarê.

— Já?

— Sabe sim. E ordenou-me que lhe entregasse este cetro totêmico com os sete símbolos das trevas. Com ele agora você saberá realmente como servi-lo. Todos os mistérios das trevas estão à sua disposição para que recorra a eles quando achar necessário.

— Ele deseja que eu faça isso?

— Sim. Agora você é um executor da Lei nas trevas. Sem ter renunciado ao seu posto de executor das trevas, você é grande Hemisarê!

— Grande?

— Isso mesmo. Todos os sábios se tornam grandes onde quer que atuem. E você é um sábio!

— Acho que não sou sábio ou grande. Mas daqui a vinte e poucos milênios discutiremos isso, certo?

— Voltará aqui?

— Voltarei sim. Temos mais coisas em comum do que imaginamos, Lucighor. O tempo tratará de nos mostrar. Mas, por que substituiu sua tradicional ira pela tristeza?

— Eu ainda não revelei a nenhum dos outros grandes, mas o Anjo das Trevas já não me deseja como um dos seus auxiliares diretos.



— Por que, se você o serviu tão fielmente e por tanto tempo?

— Ele não me revelou a razão que o levou a não me desejar mais.

Mas imagino que tenha a ver com o fato de que ele descobriu que não sou tão sábio como aparentava ser. E você bem sabe que dos tolos ele quer distância, assim como os quer longe dos seus domínios nas trevas. Quando os outros grandes descobrirem que não sou mais desejável, lançar-se-ão sobre mim com suas fúrias infernais.

— Eu já vivi isso, Lucighor. Se você reagir, será respeitado de qualquer jeito. Ou não foi assim que sobrevivi?

— Desde que descobri que não sou um sábio, e sim um tolo, já não tenho mais vontade de permanecer vivo. É melhor que tudo tenha um fim rápido para mim.

— Também pensei assim num momento de muita aflição, Lucighor. Mas meu Criador falou comigo e mostrou-me que quando acreditamos que tudo perdemos, esta é a hora de tomarmos outro rumo.

— Não vejo rumo algum, Hemisarê. Se ao menos eu fosse sábio como você, certamente teria um agora.

— Você terá de encontrá-lo, caso queira sobreviver de agora em diante.

— Como é o posto de guardião de um ponto de forças negativo?

— Ah!, não dá trabalho nenhum!

— Mentira!

— É verdade, Lucighor.

— Não brinque com um moribundo das trevas, Hemisarê.

— Não estou brincando. Você sabe quanto do nosso poder mental temos de usar para sobrevivermos aqui embaixo?

— Sei sim. Temos de usá-lo totalmente ou sucumbimos em pouco tempo.

— Está vendo? Lá no meu ponto de forças não preciso de mais que 10% do meu poder mental para realizar minhas obrigações e outros dez para vigiar todos os meus auxiliares.

— Só isto?!

— Só.

— Então ainda sobram 80% do seu poder mental?

— Sobram. Tenho-os usado para estudar melhor a natureza humana, as razões, as causas e os efeitos. Quanto mais aprendo, menos tenho de recorrer aos meus poderes para realizar minhas ações dentro dos limites a mim impostos pelas leis do meio humano.

— Hemisarê, além de sábio e grande você é muito esperto. Imagine só se eu tivesse 80% do meu poder mental livre para usá-lo no estudo da natureza humana e o resto que você falou há pouco!

— Quando encontrar um rumo, talvez isto lhe seja possível, Lucighor.

— Que nada. Anjo algum quer um tolo como auxiliar!

— Talvez eu possa usá-lo, Lucighor. Só não sei se me obedecerá cegamente dentro dos limites das leis que regem os pontos de forças da natureza.

— Você é um sábio, e com certeza irá ensinar-me muito em pouco tempo. Quanto a obedecê-lo, entrego-me a você por inteiro e em todos os sentidos. A partir de agora sou seu escravo, poderoso Hemisarê!

— Está certo. Eu o aceito como meu escravo e passo a ser o senhor do seu destino. Mas se vier a me trair ou criar-me problemas, recolho-o ao interior deste cetro totêmico, certo?

— Fique certo de que jamais o trairei ou criarei problemas, Hemisarê.

— Ainda tem mais duas coisas.

— Quais, poderoso Hemisarê?

— Quando sairmos daqui, nunca mais me chamaras de Hemisarê. Foram muitos os inimigos que adquirir no decorrer dos tempos e o nome Hemisarê desperta certos rancores e muitos ódios que clamam por um doloroso acerto de contas. O mesmo ocorre com você, não?

— É, Lucighor é um nome muito lembrado por quem já vagou pelas trevas.

— Só irá chamar-me de Senhor Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Cemitério, ou de meu Rei, pois isto permito aos meus auxiliares diretos. Quanto a você, será meu Exu Mago Negro, certo?

— Por que não me nomeia de Exu da Luz Negra?

— Não, não, poderão associá-lo com o Grande Mago da Luz Negra, que é você, e seria descoberto pelos seus inimigos, enquanto você não os reconheceria por estarem ocultos por nomes e formas plasmadas diferentes dos que tinham quando vagavam nas trevas. Lá, como aqui, a cautela com quem não conhecemos é a chave da sobrevivência. Quando chegarmos ao meu domínio, não comente nada relacionado ao seu passado ou de quem quer que seja, ainda que reconheça alguém. O silêncio, nesse aspecto, tem o valor da vida, certo?

— Entendi, Hemisarê, digo, meu Rei!

— Ótimo. Recolha em si mesmo esses apêndices dos sete sentidos do mal, assim como sua ira, porque lá você servirá a mim, o Senhor Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Cemitério, não ao Anjo da Morte.

— Você deixou de odiar os malditos humanos que ofendem o Todo-Poderoso, meu Rei?

— Não.

— E os que erram, falham ou pecam?

— Também não, Mago Negro! Mas, porque sirvo à Lei do meio a partir dos domínios do Anjo da Morte, já não ostento o ódio a eles.

— O que ostenta, meu Rei?

— O desprezo, Mago Negro. Só o desprezo. Sabe por quê?

— Não.

— É porque aqui embaixo eles são vistos como seres odiáveis e odiados, mas lá no meio humano eles são desprezíveis e desprezados. Com o tempo entenderá o que estou dizendo!

— Tenho certeza que sim. Caso eu deixe transparecer esse meu ódio aos falsos, aos mentirosos, aos ateus, aos malditos pecadores, então me repreenda imediatamente, poderoso Exu Rei!

— Você está muito humilde, Lucighor. Por quê?

— Você não estaria se de repente não tivesse mais nada e estivesse bem no meio do inferno sabendo que é odiado por todos os grandes, médios e pequenos que nele se encontram?

— É, você é um caso único, Lucighor, digo, Mago Negro!

— Só de pensar nisso sinto-me mal, meu Rei.

— Então vou cobri-lo com um manto negro e ocultá-lo até dos olhos de meus auxiliares diretos. Com certeza, entre eles alguns devem ter contas pendentes com você.

Cobri Lucighor com uma veste negra dotada de um capuz e o conduzi ao meu domínio, onde o apresentei aos meus como meu mago negro pessoal, que só a mim serviria ou se reportaria, proibindo a todos de dirigirem-se a ele sem minha autorização. Eu não sabia por que tentava proteger Lucighor, o responsável direto pela minha grande queda. Mas logo descobriria que havia feito uma ótima aquisição assumindo-o, para arrependê-lo depois.

Algum tempo depois, quando o acordo selado começou a realizar-se, fui convidado por Litimohê para uma conversa particular em lugar seguro para ambos. Quando estávamos a sós, perguntei:

— O que quer de mim, Litimohê?

— Em seus domínios tem algum espírito feminino que tenha tido algum tipo de ligação com aquele iniciado?

— Tenho sim.

— Então se livre delas, Hemisarê.

— Por quê?

— É para seu próprio bem, e mais não posso falar.

— Livrar-me delas como? Enviando-as às trevas mais profundas?

— Não, isso só o complicará mais, pois elas seriam manipuladas mais facilmente pelos que desejam reduzi-lo ao nada absoluto.

— Quem são eles?

— Você já sabe que possuía um grau à esquerda do mago, ao qual servia à Lei.

— É, descobri isso há pouco.

— Mas um tanto tarde. Você o combateu muito depois que caiu nos domínios do Anjo das Trevas, certo?

— É verdade. Mas eu nada sabia, Litimohê!

— Pouco importa, Hemisarê. O que tenho a dizer-lhe é que quando você o tirou da carne há muitos séculos, perdeu seu lugar na esquerda atuante dele. Com isso, abriu-se a possibilidade, facultada pela Lei, de, do embaixo dele, alguém subir um degrau e ocupar o lugar antes pertencente a você. Mas, como você ainda ocupa o assento original na esquerda passiva dele, o atual ocupante do sétimo assento à esquerda ativa dele está vigiando-o e aguardando o momento certo para ativar algo que, ou o reduzirá a um ovóide ou o enviará a alguma esfera extra-humana.

— Não quero reassumir o sétimo assento na esquerda ativa dele, Litimohê. Estou muito bem onde estou e de lá não sairei a não ser que o poderoso Omolu me tire.

— Ainda que seja assim, ninguém sabe o que acontecerá agora que o acordo selado está se realizando a partir do meio. Talvez a própria Lei venha a conduzi-lo ao sétimo grau ativo à esquerda do degrau dele. E quem agora o ocupa não quer desocupá-lo nunca mais, pois um grau é tudo para um ser caído, que é o caso de seu atual ocupante. Muito facilmente, ele pode voltar contra você todo o poder de retaliação do iniciado, pois tem uma ascendência negativa muito forte sobre ele.

— Que absurdo! Logo agora que pensava que tudo ia melhorar para mim, os riscos aumentam?

— É o preço a ser pago por perseguir cegamente justamente o Senhor do Degrau da Lei e da Vida onde à esquerda dele está seu assentamento original.

— Por essa eu não esperava. Com certeza o atual ocupante do sétimo assento à esquerda dele, e na esquerda ativa, é o chefe daquelas criaturas que usam aquelas armas geladas, não?

— Isto mesmo.

— É por isso que elas afastaram-me quando tentei ajudar os mentores do iniciado a entenderem o que ocorria?

— Possivelmente, Hemisarê.

— Agora, se entendi seu alerta, poderão atritar-me indiretamente com ele usando como pretexto o fato de alguma escrava idiota querer vingar-se de mim por choques ocorridos no passado, certo?

— É mais ou menos isto. O iniciado andou recebendo de falsos mestres encarnados influências negativas de como proceder com seus inimigos. E, se isso tem causado a ele muitos problemas pelos excessos cometidos aos olhos da Lei, no entanto, muito pior tem sido para aqueles que despertam nele as fúrias da Lei, muito à flor da pele.

— Fúrias da Lei muito à flor da pele? — perguntei assustado. — Já estou cheio e cansado de fúrias, Litimohê. Não quero mais nada com as fúrias! As minhas já me bastam!

— Nem eu, Hemisarê. Mas assisti à ação de algumas e lhe garanto que são terríveis, muito mais que as das trevas.

— Estou encrencado!

— Livre-se de futuros choques o quanto antes, e talvez sobreviva, Hemisarê.

— Para onde posso enviá-las?

— Pode usar meus domínios como ponto de descarga delas, caso queira!

— Qual o preço a ser pago, Litimohê?

— Não é muito alto, Hemisarê.

— Qual o preço?

— Você foi mais rápido que eu e apossou-se de Lucighor, certo?

— Ele é o preço? Você quer reduzi-lo ao nada?

— Não é esse o preço, ainda que eu tenha contas pendentes com ele. Mas prefiro acertá-las com ele pagando o que me deve, servindo-me.

— Continue, Litimohê!

— Bem, quando eu precisar dos serviços dele e dos recursos que ele traz em si, você o cederá a mim.

— Este é o preço, Litimohê?

— É sim. E prometo não cobrar de outra forma o que ele me deve, ou mesmo revelar que Lucighor, o poderoso Grande Mago da Luz Negra, é agora escravo de Hemisarê, o poderoso servo do deus fálico caído nas trevas.

— Estamos em suas mãos, não?

— Prefiro tê-los ao meu lado, Hemisarê. Você nas Sete Encruzilhadas e eu nas Sete Passagens formaremos uma aliança poderosa que facilitará o trabalho dos nossos auxiliares diretos. Assim poderemos realizar mais facilmente nossos acertos de contas com os devedores. Portanto, não haverá submissão de ambas as partes. Apenas um acordo visando a um interesse comum mais amplo, que não tem nada a ver com as tão comuns discórdias entre os membros mais baixos da hierarquia que dirigimos, certo?

Refleti por algum tempo e cheguei à conclusão de que tinha muito a ganhar e nada a perder com aquela aliança. Concordei e logo Lucighor começou a prestar alguns serviços para Litimohê, trabalhos estes que ele, Lucighor, dizia serem muito simples e fáceis, indignos mesmo de alguém com seu poder mental. Algum tempo depois, teve início o despertar consciente do iniciado para a realização de um mistério unicamente espiritual.


Foi quando, em meio a múltiplas dificuldades, recebi um emissário de Litimohê solicitando, pela primeira vez, que Lucighor fosse ter com ele, pois tinha um acerto de contas muito pessoal, e não queria confiar nem ao mensageiro contra quem seria.

Gargalhei quando Lucighor exclamou:

— Hemi..., digo meu Rei, até que enfim aquele idiota do Litimohê reconheceu o meu valor!

— Não é nada disso, Lucighor. Ele só estava testando seu poder de ação e o seu poder mental. Como ele já se convenceu que você é melhor nos sete sentidos, certamente irá confiar-lhe de trabalhos dignos do grande Mago da Luz Negra, que você é realmente! Vá, companheiro! Sirva bem a Litimohê, pois ele é nosso aliado incondicional.

Lucighor foi, serviu Litimohê! Ainda mais quando Litimohê deixou seu ponto de forças e disse-lhe que precisava estar num lugar neutro, quando realizaria um ajuste de contas com um idiota que há muito já vinha incomodando um dos seus médiuns. E se assim agia é



porque caso ele, Lucighor, falhasse, o retorno recairia sobre o guardião da luz que acompanhava o médium. Ao ouvir aquilo Lucighor gargalhou de contentamento.

Ainda gargalhando, surgiram num espaço reservado aos trabalhos espirituais desenvolvidos pelo médium, que estava incorporado por um preto-velho e não podia ser visto por Lucighor. No instante seguinte, uma redoma de luz cercou toda a casa do médium e uma poderosíssima tela de luz cristalina envolveu-o e imobilizou-o totalmente, só deixando livre seu mental, que imediatamente ele começou a usar pedindo minha ajuda. Fui ao local onde ele estava preso. Quando vi a redoma de luz, afastei-me prudentemente, pois havia alguma coisa de errado. A distância, vi muitos dos grandes das trevas mais profundas acorrerem aos chamados mentais de Lucighor. Vi alguns serem puxados para dentro daquela redoma de luz e não mais saírem.

Retornei ao meu ponto de forças e, do meu trono, acompanhei o que acontecia ao redor da casa do médium: muitos dos grandes surgiam após o escurecer e eram absorvidos por alguma coisa muito poderosa existente dentro daquela casa, mas que eu não via por causa da densa redoma de luz que a envolvia como uma bolha luminosa.

O que acontecia eu não sabia, mas continuei a ouvir os chamados mentais dele, cada vez mais desesperados. Vários meses durou aquela agonia e não foram poucos os grandes das trevas mais profundas que naquela redoma de luz encontraram seu fim. Alguns eram absorvidos com suas legiões infernais e seus tronos, indicando que até seus domínios haviam deixado de existir nas mais profundas trevas. Em várias oportunidades vi chegarem, acorrentados, vários Grandes das Trevas, todos auxiliares de Exus da Lei, guardiões de pontos de forças da natureza.

O que estava acontecendo ali dentro assustava-me, mas ao mesmo tempo intrigava-me cada vez mais. O médium, quando saía de sua casa, era escoltado por falanges da luz, das trevas, do meio, da esquerda e da direita. E agia como se não tivesse consciência do que ocorria dentro de sua própria casa.

Por precaução, prudentemente, reuni meus auxiliares diretos e dei uma ordem taxativa: que nenhum Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Cemitério aceitasse qualquer tipo de trabalho contra aquele médium ou contra os guardiões dele, tanto à direita quanto à esquerda, e também que se algum dos comandados nos pontos de trabalhos fossem chamados até aquele médium para desmanchar algum trabalho feito,

deveria fazê-lo no mais breve tempo possível, sem nada exigir. Terminei a ordem avisando que se viessem a me desobedecer, não só seriam abandonados à própria sorte, como eu os puniria com minha fúria infernal.

Já mais calmo, refleti sobre o que estava ocorrendo e acabei procurando Litimohê. Mas o trono ocupado por ele estava vazio e um dos seus auxiliares diretos informou-me que, desde que saíra dali com Lucighor, nunca mais retornara ou fora visto por alguém.

— Será que algo deu errado no ajuste de contas, companheiro?

— Nós também estamos desinformados, companheiro Exu Rei. A única coisa que sabemos é que metade do inferno está voltada contra a casa do médium, onde o ajuste de contas ocorreria.

— E a outra metade do inferno?

— Escondendo-se da melhor forma possível do que está acontecendo dentro daquela casa.

— Você já entrou lá?

— Não sou louco! Ou acha que sou idiota o bastante para ir a uma casa contra a qual metade do inferno está combatendo com o que possui de pior e mais poderoso, e a outra metade está fugindo com o que possui de mais veloz e dissimulado? Nem arrastado irei até lá. Prefiro encontrar meu final num lugar menos turbulento.

— Meu Mago Negro ainda está lá dentro, companheiro.

— Azar dele, Exu Rei. Quem mandou ele se meter num lugar daqueles?

— Preciso achar um jeito de tirá-lo do meio daquele inferno de luz.

— Por que não recorre aos grandes magos negros das trevas que conhece? Eles encontrarão um meio de tirar seu Mago Negro de dentro daquela casa, não?

— Será que isto é possível, companheiro?

— Se é possível, não sei. Mas se vale a pena tentar, isto é com você.

— Acho que é muito arriscado.

— O risco não será seu, certo? E além do mais, talvez meu chefe também venha a ser libertado.

— O que insinua, companheiro?

— Bom, estou com Litimohê há milênios e para mim tem sido muito confortável, certo?

— Ainda não chegou ao que realmente está desejando, companheiro.

— Litimohê, há muito tempo, levou-me até sua sala mais oculta e confiou-me uma caixa que ainda permanece fechada. Disse-me que deveria usá-la caso algum dia algo de errado acontecesse com ele. Não a abri por não saber como proceder. Além do mais, só os grandes Exus Guardiões podem descer até as trevas mais profundas e delas saírem ilesos após conseguir o que delas deseja. Então me ocorreu que você, por ser um aliado confiável de Litimohê e que conhece os melhores e mais temidos magos negros das trevas, talvez pudesse comprar o serviço deles. O que acha?

— Só vendo o que há no interior da caixa, companheiro.

— Vou buscá-la.

Fiquei fascinado com o conteúdo da caixa. De posse dela fui ter com os piores e mais temidos magos das trevas, que também se fascinaram com o que havia na caixa. Prometeram encontrar um meio de libertar Lucighor do interior daquela redoma de luz. Mais algum tempo se passou e quem começou a desaparecer foram os magos das trevas. Legiões completas caíam diante da força existente no interior daquela redoma luminosa e, o que achei mais grave, até os domínios deles desapareceram!

O mistério continuou por mais algum tempo, até que eu, Hemisarê, fui puxado para dentro dela e envolvido numa tela de luz cristalina. Fui colocado ao lado de Lucighor, já quase esgotado energeticamente pelo poder de anulação de energias negativas daquelas telas, muito temidas pelos grandes das trevas.

Vi Litimohê e muitas outras testemunhas do acordo selado. Mas o que mais me apavorou foi a presença de magos, muitos Magos da Luz! Os predadores naturais dos grandes das trevas! Pareceu-me que tinham estabelecido dentro daquela redoma de luz um ponto de anulação total dos grandes das trevas. Quando o médium se sentava para trabalhar, inspirado por eles, cordões mentais surgidos nele durante o dia, um a um eram puxados. E quem estava na outra ponta, ali dentro era esgotado energeticamente até ser reduzido a um simples ovóide humano. Depois era envolvido numa tela cristalina, o que impediria futuros desdobramentos a partir da dor total em que haviam sido mergulhados. Só então eram recolhidos ao interior de um grande cristal translúcido trazido de alguma esfera espiritual.

— Litimohê, seu maldito! — Exclamei furioso — Ainda acabo com você!

Mas calei-me, pois os fios da tela que me prendiam se apertaram contra meu corpo e senti que estava sendo queimado vivo. Então, quando todos os cordões mentais que ligavam aquele médium a alguém nas trevas terminaram, vi cada um daqueles magos voltarem seus olhos para mim. É a minha vez, pensei.

— Ainda não, Hemisarê. — Falou um Mago da Luz Cristalina, ao qual sucedi na direção de um templo da luz cristalina — Lembra-se de mim, Hemisarê?

Após observar melhor as feições daquele mago, perguntei:

— Você não estava preso no interior da grande Pedra Negra, Mago da Luz?

— Eu estava sim, Hemisarê. O médium, por trazer em si mesmo o grande cristal dos magos, libertou-me a partir da inspiração de outros magos, e aí, eu que sabia que Lucighor era o escravo humano da hidra do mal voltada contra o meio, ensinei como iludi-lo. Agora colhemos o agradável sabor da vitória.

— O que foi feito de todos os grandes que foram trazidos para dentro desta prisão da luz?

— Uns foram aprisionados no grande cristal puro, outros estão sendo esgotados nas telas cristalinas, outros, depois de reduzidos a pó, tiveram seus restos “imortais” repartidos e aprisionados nos sete cristais coloridos originais dos grandes Templos da Luz dos Cristais.

— O que farão comigo, grande mago?

— Primeiro, esclarecê-lo, Hemisarê. Afinal, em algum momento você foi mais forte que o poder da hidra do mal e subjugou Lucighor, que o dominava mentalmente há milênios. Assumiu seu grau à esquerda do Degrau do iniciado encarnado para que o mistério, objeto do acordo selado, fosse ativado e começasse a ser realizado. Isto conta a seu favor, ainda que pouco depois você tenha sucumbido mais uma vez ao poder mental de Lucighor e o tenha trazido e ocultado no meio humano. Mas se Lucighor era poderoso, cometeu seu erro fatal ao deixar seus domínios nas trevas para vir estabelecer outro domínio a partir do meio. Como nada acontece por acaso, tivemos a certeza de que o Anjo da Lei desejava anular a hidra do mal que nele vive e dele tem se alimentado, quando descobrimos que ele era um dos magos negros que atingiam os guardiões da luz



dos pontos de forças da natureza. E se antes isso não nos era possível saber, passou a sê-lo quando o vimos agir a partir do seu ponto de forças.

— Lucighor foi rejeitado pelo Anjo das Trevas, Mago da Luz Cristalina! Eu sei disso!

— Foi o próprio Anjo das Trevas quem lhe falou isso, Hemisarê?

— Não, é claro que não. Mas Lucighor disse-me que havia sido destronado por ter sido visto como um tolo pelo Anjo das Trevas, que viu em mim um grande sábio.

— Isto até pode ter algum fundamento. Se você não tivesse tido um pouco de lucidez, o Degrau com todos os seus graus não teria sido formado e o acordo selado não teria começado a se realizar.

— Ele até me entregou a minha espada simbólica perdida quando caí, dizendo-me que havia sido o Anjo das Trevas quem mandara devolvê-la.

— Isto também pode ter fundamento, Hemisarê. Afinal, sempre que um espírito humano recobra a sua lucidez, também recupera o que havia perdido nas trevas da ignorância. O que mais Lucighor lhe devolveu?

— Ele, quando voltei para avisá-lo que o acordo selado ia começar a realizar-se em breve, disse-me que o Anjo das Trevas já sabia e que havia me dado o cetro totêmico com os sete símbolos e os sete mistérios das trevas.

— Lucighor não fez mais do que sua obrigação, pois você, por ter reassumido seu grau à esquerda do Degrau objeto do acordo selado, não só tem o direito como o dever de portar o cetro totêmico inerente ao seu grau. Só ele contém os sete mistérios das trevas do seu grau e o sustentará no equilíbrio com a luz, simbolizada pela espada encantada com os sete mistérios da luz, os sete símbolos sagrados. O Anjo das Trevas viu que finalmente você ia servi-lo a partir do equilíbrio do seu grau e abriu a você os mistérios das trevas, Hemisarê.

— Então, por que esta investida contra Lucighor ou os outros grandes das trevas?

— Simples, Hemisarê. Ele tentou, até onde lhe foi possível, impedir que as testemunhas humanas, todas possuidoras de um grau naquele Degrau se reunissem para que ele pudesse ser formado. E não foi só ele! Outros, também dominados pelos sentidos do mal, tentaram tudo o que puderam, visando a não realização do acordo


selado, pois preferiam suas razões de serem grandes nas trevas. Até pode ter fundamento o que Lucighor lhe disse a respeito de ter perdido seus domínios nas trevas, pois havia sido visto como um tolo enquanto você havia sido visto como um sábio pelo Anjo das Trevas. Mas astutamente, Lucighor recorreu aos seus extraordinários poderes mentais e o subjugou aos imediatos interesses dele em continuar a alimentar-se no ódio aos seres humanos, induzindo-o a acreditar que seria um ótimo auxiliar, uma vez que jamais havia combatido você frontalmente e nunca o impediu de recorrer aos serviços dos grandes na resolução de pendências entre o Meio e as Trevas. Não é verdade que você, o Senhor Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Campo Santo jamais foi perseguido, afrontado ou combatido pelos grandes das trevas? Enquanto a maioria, senão todos os Exus guardiões, sequer podem fechar os dois olhos ao mesmo tempo, sob o risco de nunca mais conseguir abri-los, já que são vigiados ininterruptamente por eles, os grandes das trevas, os inimigos mortais dos guardiões dos pontos de forças da natureza? Responda, Hemisarê!

— Sim, é verdade. Jamais fui combatido, afrontado ou perseguido. E jamais negaram auxílio em minhas ações.

— É claro que não! Lucighor atuava a seu favor como seu mentor e senhor oculto, pois era do interesse dele ter uma cabeça dentro do Ritual de Umbanda, Hemisarê. E o mesmo faziam, fazem ou sempre farão os grandes das trevas, os demônios que se intrometerão em todo e qualquer ritual religioso que venha a ser ativado no meio humano. Só assim estarão satisfeitos por serem lembrados, ainda que vivam esquecidos nos abismos das trevas da ignorância humana.

— Essa sempre foi a regra, não? — perguntei.

— Essa tem sido a regra, Hemisarê. Mas ela começou a deixar de ser a exceção quando tolos iguais a Lucighor que, não satisfeitos em serem apenas portadores dos cetros totêmicos marcados com os símbolos das trevas, deram vazão às suas insatisfações e absorveram em seu “todo-espiritual” os mistérios das trevas através deles, os totems simbólicos da Lei nas trevas, e se arvoraram em executores de uma nova lei: a Lei das Trevas. Caso não saiba, não há duas leis, mas tão-somente uma: a Lei da Criação, Lei esta que atua por si só no alto, no meio e no embaixo. Ela se realiza por si só e não precisa que um espírito, insatisfeito com a precisa auto-aplicação dela, arvore-se em seu executor humano. Aos espíritos só compete a preservação dos



seus princípios e o esclarecimento quanto à natureza que o rege, natureza esta de Ordem Divina. Então, neste caso específico e neste grau negativo, ele, que é um espírito portador de um mistério da Lei nas trevas, absorveu do totem sob sua guarda os mistérios sagrados das trevas em seu todo espiritual e passou a dedicar seu tempo, conhecimentos da natureza humana e o espantoso poder mental que possuía, a perseguir outros guardiões iniciados na origem e portadores de cetros totêmicos simbólicos dos mistérios das trevas, induzindo-os a absorverem em seu “todo-espiritual” os mistérios neles contidos! E com isto conseguido, arvoraram-se em deuses totêmicos, Hemisarê! Deuses que adquiriram feições humanas e passaram a agir como os humanos. E humanos insaciáveis, que afrontavam à Lei e exigiam o sacrifício ritual de vidas humanas, coisa que antes não acontecia no culto à natureza divina dos regentes dos pontos de forças. Não acontecia e até se desconhecia!

— Você, dominado mentalmente por Lucighor, sucumbiu diante do fascínio pelos novos rituais humanos de culto a divindades duais e dualistas, que criaram o mito de céu e inferno e dividiram o universo humano entre luz e trevas, bem e mal, esquecendo-se de que o espírito humano é um ente vivo, pensante e dotado de raciocínio, que sempre que for bem instruído sobre a sua natureza e a natureza divina da Criação, certamente distinguirá o que é bom e o que não é para si mesmo ou para seus semelhantes.

— Lucighor, possuído pelos mistérios contidos no cetro totêmico a ele confiado, deu vazão à sua bestialidade desumana e, apoiado por você e muitos outros membros deste Degrau da Lei e da Vida, caídos sob o domínio mental dele, voltou-se contra o guardião dos mistérios sagrados distribuídos pelos graus, cada um deles ligados a um determinado grau evolutivo do espírito humano. Depois de tanto combaterem o ocupante do Degrau, obrigaram-no a entrar na senda da encarnação, pois ele tentaria recuperar os ocupantes dos graus do seu Degrau, caídos nas trevas enquanto desempenhavam missões no meio humano, onde deveriam ser os luminares e sustentadores de uma geração livre de tabus, desvirtuamentos ou viciações.

— Mas, quanto mais ele tentou mais obstáculos foram postos às suas tentativas, pois mais poderosos os desumanos deuses totêmicos foram se tornando, uma vez que, mais e mais, eram adorados por espíritos já enfraquecidos pelo desvirtuamento dos sentidos da vida e subjugados pelos seus vícios carnisais, inomináveis por um ser da Luz.

— E você, Hemisarê, reinou como deus totêmico fálico, não foi? Responda, Hemisarê!

— Sim, isto realmente aconteceu comigo. Mas se é como diz, o que tenho a ver com tudo isto, se Lucighor é o mentor responsável pela minha queda e posterior endeusamento?

— Onde está seu raciocínio e sua capacidade de distinguir o real do ilusório, o divino do humano, o certo do errado?

— Eu tentei!

— Tentou?

— Sim, eu tentei!

— Então, por que não se aquietou quando o Anjo da Morte retirou do seu sétimo sentido da vida o mistério que trazia?

— Eu não sabia como dominar a fúria infernal que dominava meu sétimo sentido.

— Devia ter se aquietado e esperado, num último sinal de sensatez humana, Hemisarê!

— Muitos grandes das trevas haviam me combatido.

— Ou foram voltados contra você por Lucighor? Isso não lhe ocorreu em momento algum? Por acaso não percebeu que Lucighor, conhecedor profundo de sua natureza humana, apenas o usou para acertar contas com outros grandes das trevas que tentavam escapar ao domínio mental dele? Talvez estivessem tentando roubá-lo dos domínios dele para que você, um deus humano, viesse a servi-los com seu apêndice humano, já que em deformados deuses totêmicos eles também haviam se transformado depois de arvorarem-se em executores das leis das trevas, as leis regidas pela ignorância humana. Não, com certeza você, subjugado por esse tormento que nada mais é que a manifestação de sua própria insatisfação com a vida, nunca tenha pensado que nas trevas ninguém domina, pois são todos dominados, e que lá todos são usados como a desculpa humana para o fracasso de cada um e de nós, a Humanidade.

— Este tormento foi colocado em meu sétimo sentido da vida quando ele foi aberto pelo Anjo das Trevas.

— Será que essa é a verdade, Hemisarê? Ou será que a verdade é que você, não conseguindo conter em seu todo espiritual o mistério que antes estava contido num cetro totêmico, extrapolou seus limites humanos e recorreu aos mais condenáveis procedimentos para justificar sua viciação e desvirtuamento, já manifestados em suas várias encarnações? Mas não se preocupe com isso, Hemisarê! Nos

tempos atuais, basta olhar um pouco o que as religiões pregam e veremos que ser tentado pelo diabo virou uma desculpa muito prática e confortável para justificar a falta de empenho no sentido de um retorno ao virtuosismo como regra geral de conduta. É tão fácil olhar para um ser humano e, vendo-o sofrer por causa das vicissitudes humanas, acusá-lo de fraco diante das tentações diabólicas do inferno! Com isto facultam-lhe uma desculpa cômoda para justificar-se perante seus semelhantes: eu pequei porque fui tentado pelo demônio! Mas quem, em sã consciência, quer parar e refletir se realmente foi tentado ou procurou apenas o meio mais fácil para dar vazão aos vícios e desequilíbrios emocionais?

— Eu combatia isto, Mago da Luz.

— Quem o investiu no cargo de punidor?

— Foi... acho que foi... eu... quem sabe?

— Você não sabe?

— Acho que foi o Anjo das Trevas que me influenciou nesse sentido, não sei ao certo. Mas sei que sofri muito até tornar-me um grande das trevas.

— Não terá sido Lucighor, o seu mentor?

— Lucighor, quando o conheci, era um dos mais poderosos seres que eu já havia visto. Dominou-me totalmente!

— Ou o que aconteceu é que você se fascinou diante de alguém que parecia tão poderoso?

— É acho, que me deixei fascinar por ele.

— Isto é o que ocorre com todos os que buscam o poder pelo que o poder tem de mais assustador: o domínio sobre os mais fracos! Mas você, um espírito humano, vendo nele um deus, a ele confiou seu destino, seu raciocínio e sua razão, e transformou-se num joguete fácil de ser manipulado. Era muito cômodo acreditar que agia daquele jeito porque havia sido possuído por uma fúria sexual infernal, não?

— Nas trevas tudo é muito difícil, Mago da Luz.

— Nada é fácil em lugar algum, Hemisarê. Mas se torna muito mais difícil quando, em dificuldades, em vez de refletirmos, culpamos o Alto ou o Embaixo. Ou não é isto o que vemos acontecer amiúde, já que a todo instante nasce um líder religioso a pregar com seu livro santo que os que sofrem, se sofrem é porque o diabo os está tentando?

— Onde quer chegar, Mago da Luz?

— No ponto em que você começou a acreditar-se perdido para as trevas, Hemisarê! Um espírito confuso sobre si mesmo, sua natureza e as coisas que o cercam torna-se magneticamente negativo e é enviado pela Lei a esferas energéticas muito densas, onde lentamente descarregará seu magnetismo pesado. Mas, para confundi-lo ainda mais, quando chega lá encontra alguém para puni-lo violentamente, confundindo-o muito mais e fragilizando seus últimos resquícios e lembranças do humanismo que ainda lhe restam. Dizem a ele que se tornou indigno da luz. Então, com a mente fragilizada, é possuído pelos horrores os mais desumanos possíveis de se imaginar à luz da razão, tornando cada vez mais difícil para os espíritos realmente preocupados com a evolução da Humanidade como um todo, recolocá-lo no caminho da verdadeira natureza divina das coisas.

— O que queria que eu fizesse se comigo tudo também aconteceu assim?

— Eu, pessoalmente, nada! Mas agora quero que faça algo importante para si. Depois poderá fazer o mesmo por seus semelhantes.

— O que é?

— Rompa este cordão mental que o mantém submisso a Lucighor, Hemisarê!

— Que cordão, se não vejo nenhum?

— Vou torná-lo visível aos seus olhos e aí você verá que há muito tempo tem sido um escravo de outro espírito escravizado.

O Mago da Luz abanou a mão e um pó cintilante pairou no ar. Aos poucos foi aderindo a alguma coisa ainda invisível aos meus olhos, mas que logo foi tomando a forma de um grosso cordão que, com aquele pó cintilante aderido à volta, se mostrou negro aos meus estarecidos olhos. O Mago da Luz abanou a mão e a poeira apagou-se, deixando o cordão bem visível. Então murmurei:

— Nunca vi isto antes!

— Talvez não soubesse disso, não é mesmo?

— Eu não sabia.

— Mas sabia que seu sexo ficava ligado por cordões a todo espírito feminino caído, não?

— Isto eu sabia.

— E como o seu mistério e sua fúria os esgotava com violência, brutalizando ainda mais um sentido tão frágil como é esse, não?

— Sim, isto fiz e não nego.

— Você nunca refletiu que um mistério existe para sustentar a vida, não para anulá-la em quem quer que seja? Ah, esqueci-me de que estava possuído por uma fúria infernal!

— Dispense o sarcasmo. Não fica bem num Mago da Luz.

— Eu também sou um espírito humano, Hemisarê! Mas, voltemos ao que interessa, certo? Um espírito humano alimentando-se de outro, você quer dizer? Ou não é isto que Lucighor tem feito com você estes milênios todos? Pois se você alimentava sua fúria insaciável absorvendo energias sexuais negativas femininas, o mesmo ele faz com você enquanto alimenta as fúrias mentais dele com as suas energias mentais negativas. Ou não é isto que você, agora, está vendo que realmente ocorre?

— Como romper este cordão, Mago da Luz?

— Só com uma vontade muito grande, Hemisarê.

— Não sei como ativar essa vontade, Mago da Luz!

— Talvez, se assistir a uma sessão de realização do acordo selado, quem sabe você desperte dentro do seu íntimo uma vontade Hemisarê. E observe que eu disse vontade, não um desejo, certo?

O médium retornou àquele espaço reservado aos seus trabalhos espirituais e deu início à realização do acordo selado. Invocou o Alto e o Embaixo, a direita e a esquerda e outros mistérios que não devem ser revelados, e aquele Degrau formou-se onde ele se encontrava sentado. Aí estendeu as mãos para o Alto e o arco-íris formou-se começando a fluir através dos seus sentidos espirituais e corpóreos. A seguir abriu à sua frente uma passagem até um plano negativo muito escuro em que milhares de espíritos femininos totalmente esgotados energeticamente e muito deformados jaziam num abismo sombrio. Mas todas estavam ligadas por fios de energia ao seu luminoso trono energético.

Ele então irradiou energias luminosas através de seus sentidos espirituais e corpóreos, tais como: mãos, olhos, mente, peito, etc., indo alcançar a todas em geral, e a cada uma em particular, refazendo num instante seus corpos espirituais, deixando-as livres de toda e qualquer deformação ou ferimento. A seguir dizia algumas coisas que eu não conseguia ouvir, para depois, com um movimento das mãos, enviá-las a plano luminoso, muito luminoso, que com as mãos ele “abria”, fechando-os a seguir. Aí, numa oração silenciosa, agradecia os mistérios invocados e conversava mentalmente com alguém. Tentei ouvir a conversa e de repente aquela voz voltou a falar no meu íntimo. Para mim

era a voz do meu Criador, que falava comigo mais uma vez. E pus-me a chorar convulsivamente e a derramar novamente minhas lágrimas de sangue, pois acabava de ter consciência do que havia perdido.

Voltei meus olhos para Lucighor, que fascinado com o que assistia, nada mais conseguia ver. Então, olhando-o fixamente falei: Ah, Lucighor! Por que você fez isso comigo? Por que não me revelou que havia outra forma, jeito e meio de realizar o reajustamento dos espíritos humanos caídos por causa das fraquezas humanas? Por que, Lucighor? Por que, irmão?

Eu não havia percebido que a tela de luz cristalina que me prendia havia desaparecido e caí de joelhos enquanto dizia “por quê?”. Sem parar de chorar, eu manchava minhas mãos com o sangue que corria pelo meu rosto. Uma tristeza muito grande tomou conta do meu ser e meu pranto transformou-se num imenso urro de dor. E tão lancinante foi meu urro, que Lucighor despertou de sua fascinação. Olhando-me, perguntou:

— Hemisarê, você veio libertar-me desses malditos magos?

— Não, Lucighor. Vim apenas para libertar-me de você, que já não me domina mais, seu tolo idiota!

— Hemisarê, não sou um tolo idiota! Eu sou o seu Senhor, ou esqueceu-se disso?

— Não, Lucighor. Você não é Senhor de nada. Nem de sua mente e de sua razão você é Senhor, pois as entregou às suas fraquezas humanas. A mim você não engana mais, Lucighor!

— Hemisarê, você tem de obedecer às minhas ordens, pois sou o auxiliar direto do Anjo das Trevas!

— Se és, então por que ele não vem libertá-lo, Lucighor?

— Ele não suporta a luz, Hemisarê!

— Não Lucighor. Ele, o Anjo das Trevas, é só uma energia, que assume a forma que nós, os espíritos humanos, lhe dermos mentalmente a partir da vibração dos nossos vícios e desvirtuamentos. E você, na sua fascinação pelo poder, deu a ele uma aparência tão humana que seu subconsciente, fonte de suas ilusões, o induziu a julgar-se intérprete dos desejos dele, quando na verdade apenas manipulava energias negativas muito poderosas existentes nas esferas negativas.

— Ele mostrava-se para mim e comigo falava, Hemisarê!

— Não duvido disso, Lucighor. Mas será que você interpretava o que realmente ele lhe ordenava? Ou será que você, possuído por suas



fraquezas humanas, sua ignorância e seus vícios, apenas captava de forma distorcida o que ele dizia esperar que por ele você fizesse? Afinal, você é tolo e idiota!

— Você não pode duvidar do meu poder e saber, Hemisarê.

— Não só duvido, como agora, vendo-o aí, fraco e abatido, começo a desacreditar que até a pouco eu me submetia a você sem ao menos reagir. Olhe para mim, Lucighor! Olhe e veja como derramo lágrimas de sangue, de tão grande que é a dor que sinto por ter-me deixado dominar por um estúpido idiota. E quer saber de mais uma coisa?

— O que é?

— Eu devia estar sentindo ódio de você, mas nem isto sinto. Sabe por quê?

— Por quê?

— Porque sinto desprezo por você, Lucighor!

— Não, Hemisarê, eu não quero seu desprezo! Quero sua fúria, sua ira, sua revolta contra os malditos pecadores humanos!

— Desprezo tanto a eles quanto a você, Lucighor! Mas por você meu desprezo é maior. Você, na sua ignorância, me fez acreditar que só havia um jeito de dar vazão ao mistério que eu trazia desde minha origem. Mas, como também fui um idiota, não consigo odiá-lo, apenas desprezo e nada mais.

— Hemisarê, liberte-me!

— Continue a clamar como fazem os idiotas e logo será só mais um idiota digno de pena, Lucighor. Sim, acho que além do desprezo você também merece pena!

— Você não pode falar assim comigo! Quando eu sair daqui o punirei com todas as fúrias dos sete sentidos do mal.

— Nem elas, as fúrias, o querem mais, Lucighor. Acho que até elas o desprezam! Ah, ah, ah, ah!...

Eu chorava e gargalhava enquanto o via encolher-se ante o meu desprezo. E tão grande era meu desprezo que se tornou insuportável para ele. O cordão que nos unia rompeu-se com uma explosão terrível. A seguir comecei a sentir como se um imenso peso tivesse sido tirado de minha cabeça.

— Você está me abandonando, Hemisarê! — lamentou-se, Lucighor.

— Sim, e também estou sentindo pena de você, Lucighor.

— Não quero sua pena, Hemisarê. Muito menos seu desprezo.

— Cale-se, Lucighor. Quanto mais o ouço mais e mais o acho um idiota digno de desprezo. Que idiota fui ao dar ouvidos a um idiota maior que eu!

— Não sou um idiota, Hemisarê.

— É claro que é. E tanto é que não percebe que está se transformando num ser idiotizado. Acho que você é um espírito dementado, Lucighor. Lembra-se de como ficavam dementados os espíritos que você esgotava mentalmente? Pois, aos meus olhos, você está se transformando num ser dementado. Ah, ah, ah, ah! Se eu voltar às trevas vou contar a todos os grandes que o poderoso Lucighor, que se julgava um sábio, na verdade não passa de mais um idiota dementado, desprezado e digno de pena até do mais insensível dos demônios do inferno. Ah, ah, ah!... agora eu entendo porque você, quando era possuído por fúrias mentais, chamava Limigolith e, recostando a sua cabeça deformada no colo dela, ficava a sugar-lhe os seios até que suas fúrias se acalmassem. Ah, ah, ah!... que par perfeito! Você odiava as mulheres, mas precisava “mamar” no peito de uma para acalmar-se. E ela, que odiava os homens, gostava de te dar de “mamar”. Ah, ah, ah!... Ó meu Criador! Que louco fui em não ver que o meu destino estava depositado nas mãos de um idiota? Ó...

E eu, Hemisarê, chorei, chorei e chorei... Quando me acalmei, olhei para ele e vi que havia se transformado num ser demente, que se encolhia como uma criancinha. Um processo degenerativo e regressivo iniciou-se, e eu o vi ser reduzido a um feto. O mago colocou suas mãos em meus ombros e falou:

— Você conseguiu! Você dominou o Anjo das Trevas que um ser dementado havia criado em sua mente. Para nós, seres em contínua evolução mental, cada mistério da Criação assume a feição humana que lhe dermos, já que, na essência, os mistérios são o que são: mistérios!

— O que o Senhor, um Mago da Luz Cristalina, está dizendo não condiz com a verdade. Existe um Anjo das Trevas?

— É claro que existe. Mas ele não é realmente como o imaginamos. O que acontece na verdade é que este mistério chamado Anjo das Trevas, por estar relacionado muito mais com o imaginário humano do que com a razão, tem de assumir feições fantásticas, senão não nos impressiona o suficiente para chegarmos a temê-lo e redirecionarmos nossas vidas rumo ao crescimento interior. Todos imaginam um Anjo das Trevas, outro da Morte, outro da Luz, outro da Lei, outro da Vida, etc., etc., não?



— Eu já vi todos eles.

— Não duvido que realmente os tenha visto. Afinal, eu não só os vi como os vejo o tempo todo, bastando-me olhar o íntimo de um semelhante meu para vê-los. Mas prefiro vê-los no ser humano, e com feições humanas!

— Não entendi, Mago da Luz.

— Bom, você não foi chamado de demônio por espíritos humanos caídos nos seus domínios, Hemisarê?

— Fui.

— Mas... você não é apenas mais um espírito humano?

— É, eu sou.

— Eu nunca vi um grande das trevas que não seja um espírito humano, ainda que como tal não se pareça, e muito menos como um humano se sinta! Mas isto se deve à perda da própria consciência e de toda e qualquer noção de humanismo. Você conhece ou já viu algum grande das trevas que não tenha passado por um corpo carnal e que, após viciar-se e degenerar-se na carne, voltou ao plano espiritual sentindo-se um monstro e, a partir daí, assumiu feições assustadoras para melhor ocultar suas deficiências e fraquezas?

— Todos os que conheci ou vi eram espíritos humanos. Eu vi alguns dos mais poderosos que, quando eram atingidos, clamavam por piedade em nome do Criador. Vermes!

— Humanos, Hemisarê. Apenas seres humanos e nada mais, sejam eles um cão assustador ou um rastejante traiçoeiro. E sabe por quê? Por causa da nossa imaginação que, em dado momento de nossa existência, embota nosso racional, que precisa socorrer ao nosso emocional, prestes a sofrer uma catarse que nos lançará num vazio, se uma alternativa não tivermos. Debitamos tudo na conta das trevas, ocultamos nossas fraquezas nos abismos do subconsciente e deixamos a imaginação nos conduzir às margens dos precipícios, de onde nos atiramos de cabeça na desculpa humana: coisa do inferno!

— Eu conheço este processo, Mago da Luz.

— Quem de nós já não passou por isto, está passando ou está livre de vir a vivenciar tudo isto?

— Ninguém está livre. Esses cordões energéticos surgem de um momento para outro e, sem que nos apercebamos da existência deles, começam a nos puxar violentamente numa direção totalmente contrária à que desejávamos seguir.

— Os cordões energéticos mais terríveis são os que nos ligam mentalmente a pólos altamente magnéticos. Se tivermos consciência de que sempre estaremos ligados a seres humanos iguais a nós, mas em verdade mais frágeis, podemos rompê-los, tal como você rompeu o que o mantinha preso a Lucighor.

— Existe mais algum cordão ligando-me mentalmente a alguém?

— Eu vejo vários, Hemisarê. Mas nada que deva preocupá-lo.

— Por que não? Eles podem arrastar-me à queda mais uma vez, não?

— Não creio.

— A quem estou ligado? Quais os seres bestializados que estão tentando subjugar-me?

— Um dos cordões que vejo tem a mim na outra ponta. E eu, em vez de derrubá-lo, espero um dia tê-lo ao meu lado. Não pareço um ser bestializado, pareço?

— Não, o senhor não é um ser bestializado. Está mais para anjo que para humano.

— Não dê asas à sua imaginação, Hemisarê. Sou tão humano quanto você e assim espero continuar a ser até onde me for possível.

— Não gostaria de ser um anjo, Mago da Luz?

— Para que, se até o Anjo da Luz já se fez homem? Ele, por ter se tornado homem, hoje é reverenciado por muitos como o Filho de Deus feito homem! Por que eu iria querer deixar tão boa companhia? Nada de dar “asas” à imaginação, Hemisarê! Ser apenas o que o nosso Criador quer que sejamos já está muito bom. Logo, sejamos humanos, mas na verdadeira acepção desta palavra, e tenho certeza que seremos muito felizes!

— O senhor é um verdadeiro sábio, Mago da Luz.

— Foi assim que Lucighor o transformou num todo, Hemisarê. Portanto, nada de lisonjas ou elogios fáceis! Deixemos que o tempo prove que a diferença entre a sabedoria e a ignorância é a mesma que existe entre o ser humano que vive na planície e o que vive no fundo do abismo. É muito fácil para quem está embaixo, no fundo do abismo, dizer que aquele que está em cima é mais esperto, pois tem uma visão melhor do que ocorre à sua volta ou no fundo do abismo. Portanto, eu prefiro seguir este raciocínio e dizer: “Dê-me sua mão, que eu o ajudo a subir até aqui também, irmão meu!... mas desde que, para ajudá-lo a alcançar a planície, eu não tenha de ir habitar no fundo do seu abismo, certo?”

— Eu, tentando ajudar Lucighor a alcançar o meio, desci ao fundo do abismo onde ele se encontrava?

— Isto mesmo. Portanto, não vou pegar em sua mão direita e levá-lo à esfera da luz onde vivo. Não, isto não farei, pois contraria até meu instinto de sobrevivência no meu grau e ao mistério a mim confiado em minha origem pelo nosso Divino Criador. E, por entristecer-me sempre que vejo alguém longe do seu grau ou até desconhecendo que um Degrau um dia haverá de ocupar, então não quero ser motivo de tristeza para irmãos e irmãs que pensam e agem como eu, que ficariam tristes caso vissem eu me afastar do meu Degrau.

— É, alguns ficam tristes. Mas não tanto quanto quem se afasta tanto do seu grau, até que outro venha para ocupá-lo! — concordei muito triste.

Mas Litimohê, que, num canto permanecia em silêncio como todos os demais espíritos ali presentes, falou-me:

— Se isto o entristece, saiba agora que não é o seu caso, Hemisarê!

— Como não é, se agora outro ocupa meu lugar à esquerda do iniciado encarnado?

— Eu menti.

— O quê?

— Isto mesmo, companheiro. Um dos privilégios de se ser um Exu é que às vezes podemos recorrer à mentira para obtermos uma vitória mais adiante.

— Você me traiu, mentiu... e o que mais fez por mim ultimamente, Litimohê?

— Só umas mentiras saudáveis e umas traições inconseqüentes. E tem de reconhecer que nossas intenções eram ajudá-lo a livrar-se do domínio mental de Lucighor.

— Até aí, aceito. Mas você me enganou quando disse que aquelas criaturas eram ocupantes do meu grau à esquerda do mago.

— Foi uma mentira para preservá-lo, companheiro. Aqueles seres que portavam armas geladas haviam sido enviados por Lucighor para que afastassem do iniciado encarnado alguns ocupantes do Degrau.

— Alguns? Então não fui o único?

— Foi apenas o último a prestar seu testemunho do acordo selado. Aos poucos fomos livrando os outros da submissão mental aos grandes das trevas.

— Quem são os “grandes” que o subjugavam, Litimohê?

— Você quer dizer: eram, não? Ah, ah, ah!... — riu-se Litimohê, no que foi acompanhado por alguns dos mais poderosos Exus Guardiões do Ritual de Umbanda, ali também presentes. Quando ele parou de gargalhar falou:

— Os grandes das trevas que se cuidem, Hemisarê! Nós apanhamos um pouco no começo! Mas, agora, com o Degrau formado, onde o iniciado estiver, estará seu Degrau, com todos os poderes inerentes a um Degrau da Lei e da Vida. Nada mais perigoso para um grande das trevas que ter um Degrau voltado contra si. E nós sabemos como fazer isto tão facilmente como piscar os olhos!

— Já que faço parte desse Degrau, acho que você poderia dizer-me como isto acontece, não?

— É só voltar o iniciado contra quem tem de ser destruído. O resto acontece naturalmente.

— Não tenho o direito de dizer o que é certo ou errado, mas isto é aconselhável?

— Aconselhável, talvez. Mas recomendável, sem dúvida! Afinal, o acordo selado não comporta limites ou pré-condições para a localização ou ativação dos poderes contidos no Degrau, nem para sua realização. E se assim é, então por que deixar a iniciativa de acertos de contas nas mãos dos que dedicaram suas existências a anulá-lo como instrumento ativo da Lei e da Vida?

— Vocês então fazem...

— Isto mesmo. Estamos anulando todos os espíritos caídos que têm dedicado suas inúteis existências a apagar a luz desse Degrau e de todos os seus graus.

— Ainda faltam muitos?

— Não. Só uns poucos que fugiram para esferas extra-humanas. Mas tudo é só uma questão de tempo. Se delas retornarem, nós os anularemos, e se nelas permanecerem, por elas serão absorvidos. Ah, ah, ah!...

— Eles são a metade do inferno em fuga?

— É, são sim! Mas do nosso inferno, Hemisarê, pois não nos metemos em infernos alheios, certo?

— O que isto significa?

— Apenas que no campo de ação do Degrau, e em seus domínios, nós somos os grandes! Quem ousar disputá-lo e tirá-lo dos domínios dos tronos que agora nós ocupamos encontrará seu fim nas mãos de um iniciado de memória imortal, que há muito tempo

desceu às trevas e tornou-se o maior caçador de demônios de todos os tempos. E se você quer saber, foi assim, devastando as trevas, que o Anjo das Trevas o desejou tão intensamente a ponto de surgir uma paixão mórbida entre ambos.

— Você está brincando! Tive de fugir dos meus domínios e ocultar-me muito bem nesse tempo senão ele teria destruído a mim também!

— Eu não o deixaria destruí-lo, Hemisarê. Afinal, você, ainda que não soubesse, era um dos nossos. E se não tivesse desaparecido, desde aquele tempo teria se livrado do domínio mental de Lucigor — exclamou um ser que chegava justamente naquele momento.

Eu nunca o tinha visto, mas ao vê-lo, um arrepio percorreu-me por inteiro e senti aquele frio que anunciava a proximidade do Anjo da Morte. Mas como ele havia dito que eu era um dos dele, ousei dizer:

— Você é o tormento armado do Anjo da Morte?

— É, os grandes das trevas assim me chamam. Mas na verdade sou o cavaleiro errante dos campos sombrios, o oposto do Cavaleiro da Luz.

— Onde você entra no Degrau, companheiro?

— O Senhor do Degrau, o iniciado encarnado, é meu irmão de origem, de leite e de sangue, Hemisarê.

— Isto não entendi, companheiro.

— Eu explico: Está vendo esta estrela invertida em meu peito?

Após ele abrir sua longa capa negra, olhei e vi que em seu peito havia uma estrela de cinco pontas, invertida. Ela era de um rubro igual ao de seus olhos. Depois disso, ele continuou:

— Pois bem: o iniciado e eu tivemos nossa iniciação na origem realizada no mesmo instante. Ele seguiria uma senda e eu outra. Mas por motivos que desconheço, ora um estava no alto e o outro no meio e vice-versa. E quando os grandes das trevas derrubaram muitos dos ocupantes dos graus do Degrau dele, e ele precisou entrar na senda encarnacionista para resgatar os seus, eu o acompanhei em sua primeira encarnação. Nascemos gêmeos, tivemos o mesmo sangue e fomos amamentados no mesmo seio, pois nossa mãe havia perdido um dos seus seios. Tínhamos tantas coisas em comum que, quando um adoecia, o outro também caía de cama. Quando um, muito distante do outro, sorria, o outro sentia vontade de sorrir. Quando um chorava, o outro chorava também.

— Tínhamos tanto em comum que nos apaixonamos pela mesma mulher e um recusou-se a se casar com ela para não magoar o

outro. Mas, ambos sermos amados por ela, recusamos quando ela ofereceu-nos seu amor. O simples fato de um ter de possuí-la primeiro iria deixar o outro em segundo lugar.


— Nós tínhamos tudo para retornarmos para o meio luminoso juntos, se não tivesse aparecido um maldito escravo da Serpente Negra que tudo fez para nos separar, interferindo em nossa união tão harmoniosa. Nunca mais reencarnamos juntos. Daí em diante, enquanto um encarnava, o outro estava atuando em algum plano da Lei e da Vida. Muitos milênios se passaram e voltamos a nos encontrar nos domínios do Anjo da Morte, onde eu havia caído. Ele ajudou-me a levantar e voltamos a reencarnar, mas já em graus distantes.

— Agora, quando reencontro meu irmão unigênito, sempre despertamos uma paixão irrefreável no Anjo das Trevas que, de tanto desejar-nos, acaba nos atraindo para seus domínios, onde, do mesmo modo que nós, nenhum grande se sente seguro. Afinal, se meu irmão unigênito traz em si as fúrias e os recursos da Lei, eu trago em mim o horror da morte e todas as suas assustadoras faces.

— Se isolados incomodamos os grandes das trevas, assim que somos unidos pela paixão e pelos desejos do Anjo das Trevas, nós, a Lei e a Morte, de mãos dadas, vasculhamos os mais sombrios abismos à procura de todos aqueles que, ao atentarem contra a vida, ofenderam a Lei e passaram a pertencer aos domínios da Morte. Mas como essas reuniões ocorrem apenas esporadicamente, intermediadas por grandes lapsos de tempo, aproveitamos para esgotar todos os desejos dele em ver-se livre daqueles que se julgam grandes. E somos tão implacáveis na realização dos desejos do Anjo das Trevas que, se não nos detiverem, num dado momento podemos acabar tentando possuí-lo também. Ah, ah, ah, ah!... Estou brincando, Hemisarê! Não se admire assim, oras!

— Não estou admirado. Estou impressionado, ou melhor, assustado! Afinal, o rubor nessa estrela parece circular como sangue vivo, ou estou enganado?

— Não está não. Esta estrela em meu peito foi invertida por obra e graça da ação implacável de alguns grandes das trevas, que a invertiram em meu peito usando o nosso amor como meio de enfraquecer minhas resistências. Depois de terem desencarnado meu espírito com suas armas frias, partiram meus ossos espirituais com suas magias



infernais, e quando nada mais eu tinha a perder, ameaçaram-me com a anulação da vida do nosso amor. Então, entre o desespero e a loucura, e já não tendo mais a quem clamar, clamei ao Anjo da Morte, pedindo que, se preservasse a vida do nosso amor, eu permitiria a ele inverter minha estrela, que passaria a apontar para o embaixo, e dedicaria minha existência a punir quem tivesse atentado contra a vida. E se isto fiz foi para preservar a vida do meu amor, pois, se ela caísse, nada mais me restaria.

— Fui ouvido pelo Anjo da Morte. Recolhido em seus braços gelados fui lançado por ele no interior da própria morte, que mais adiante devolveu-me ao meio humano, onde, servindo à Morte, servi como braço armado do meu irmão unigênito e limpamos um bom pedaço da Terra dos malditos sacrificadores de vidas humanas, como eu já disse! Mas no limiar, entre os dois planos da vida, o Anjo da Morte mostrou-se e perguntou-me o que mais eu desejava naquele momento. Levantando-me em espírito, pedi que me concedesse o direito de cavalgar em seu cavalo negro por todo o inferno e saciar minha terrível sede com as lágrimas de sangue, que eu haveria de fazer derramar a todos os que houvessem atentado contra a vida.

— Fui atendido e armado pelo Anjo da Morte para realizar meu maior desejo, Hemisarê! Portanto, isso que você vê circular nesta estrela rubra são as lágrimas de sangue que já absorvi tentando saciar esta minha sede insaciável, pois a todo instante tem um espírito humano atentando contra a vida. Mas como minha estrela-guia aponta para baixo, só posso beber de minha taça de lágrimas de sangue quando a encho com as lágrimas vertidas por algum grande das trevas que obtive para si o privilégio único de estar na mira do alfanje da morte.

— Agora você também está brincando, não?

— Brincando? Não, agora não estou. E digo-lhe que foi bom que parou de verter as suas, pois senão eu acabaria me esquecendo que ainda é um dos auxiliares do meu irmão unigênito e faria correr tantas lágrimas de sangue destes seus lúbricos olhos que esta minha taça transbordaria!

Olhei para taça dele e vi um crânio humano aberto no alto, todo manchado de sangue ressecado. E o arrepio repetiu-se, gelando-me inteiro, quando ele falou:

— Onde já se viu um Exu Guardião, um Exu de Lei recorrer aos demônios para solucionar causas humanas?! Ou você não sabe

que sempre que podem, os grandes das trevas atacam os pontos de forças da Lei nas trevas e fazem o diabo com os guardiões deles?

— Não, não sei.

— Tudo bem. Errar por ignorância é humano e desta vez fica o alerta: quando um grande das trevas começa a rondar um ponto de forças muito perto, é porque ou nele tem um escravo a servi-lo ou então dele quer se apossar para torná-lo uma extensão dos seus domínios infernais. E assumindo-o, começa a infernizar o meio humano material.

— A ignorância é um problema, não?

— É sim, Hemisarê. Livre-se dela para seu próprio bem, está bem?

— Está sim. Vou instruir-me em como melhor proteger o ponto das Sete Encruzilhadas do Cemitério das investidas dos grandes das trevas.

— Acredito que irá instruir-se. Mas, para protegê-lo até que esteja bem instruído, enviarei de vez em quando alguns dos meus cavaleiros das trevas da morte até seus domínios para que, aqueles que por acaso estiverem à espreita de uma fraqueza ou descuido seu, saibam que se tentarem algo, certamente encherão minha taça com suas lágrimas de sangue vivo.

— Não sei como agradecer tão generosa oferta, Cavaleiro das Trevas da Morte!


— Agradecerá muito, caso descubra algum demônio disfarçado de Exu e o indique a mim. Pois não há ofensa maior aos Orixás, aos guardiões dos pontos de forças da natureza, que um demônio disfarçado de Exu. E você sabe por quê?

— Não, não sei.

— Isto ocorre porque idiotas encarnados oriundos de outras religiões tentam trazer para a Umbanda seus infernos gerais ou particulares. E é uma afronta aos Orixás, pois a Umbanda não tem Céu nem Inferno. Ela apenas tem Tronos, Graus e Degraus. Os Graus podem estar assentados à direita ou à esquerda dos Degraus, que sempre estarão no meio. Nunca se esqueça disto, Hemisarê: a Umbanda não tem Céu nem Inferno!

— Não me esquecerei, Cavaleiro das Trevas da Morte.

— É, acho que não irá se esquecer disso, pois aos meus olhos você tem uma boa memória. Agora você sabe que Céu e Inferno pertencem a outras religiões. A Umbanda tem Orixás e Exus, não Anjos e Demônios! Quanto ao que acontecerá com um umbandista



depois de seu desencarne, também deve saber que, se praticou o bem sem olhar a quem, bem visto será por todos, tanto os da direita quanto os da esquerda. Mas, se praticou o mal, malvisto por todos será. Portanto, na Umbanda cada um responde pelos erros cometidos assim que desencarnar, pois tinha consciência de que deveria ter recorrido aos Exus segundo o que o ritual lhe permite: pedir justiça!

— Sei disso, Cavaleiro das Trevas da Morte!

— Então você não quer de volta alguns dos seus comandados pegos em accertos pessoais de contas, cujos débitos foram adquiridos nos infernos de outras religiões, não é mesmo?

— Se soubesse disso, eu mesmo os teria punido com a Lei que rege as Linhas de Lei de Umbanda, nos pontos de forças negativos.

— Acredito que de agora em diante, com seu mental livre dos domínios de Lucighor, você não escapará ao seu dever de vigiar e punir os excessos cometidos pelos seus comandados.

— Não tenha dúvidas. Irei acompanhar a conduta pessoal de todos os meus comandados e expurgar das minhas linhas todos os Exus, Rei das Sete Encruzilhadas do Cemitério, que ainda estiverem ligados a infernos de outras religiões. Afinal, se a Umbanda é uma religião hierarquizada em Graus e Degrau, que cada um, após o desencarne, seja remetido ao Grau ou Degraus que alcançou, não importando que ele seja um Grau negativo.

— É o que todos nós, os Exus Guardiões da Lei das Trevas queremos, certo?

— Sim, isso é certo. E tanto isso é certo que quero de volta todos os meus que caíram por ultrapassar seus limites, porque agora, conhecedores do que acontece com quem ultrapassa seus limites e os limites da Lei, tornar-se-ão bons auxiliares.

— Você é um dos nossos, Hemisarê! Não abandona os seus. Apenas permite que aprendam suas lições inesquecíveis. Depois volta a dar-lhes uma nova oportunidade de recomeçarem suas vidas.

— É isso que a Lei da Vida quer, não?

— Sim, é isto mesmo. Até a vista, Senhor Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Campo Santo!

— Até, Cavaleiro das Trevas da Morte, e executor da Lei nas trevas.

Aquele executor da Lei abriu com as mãos uma passagem entre o meio espiritual terreno e as esferas negativas e deixou-a aberta por alguns minutos, tempo suficiente para eu vê-lo montar num cavalo

negro com um chifre no centro da testa, um unicórnio, e tomar a frente de uma numerosa e poderosa divisão de cavalaria das Trevas da Morte. Só quando toda aquela tropa desapareceu e a passagem fechou-se é que aquele frio arrepiante deixou de incomodar-me. Litimohê então falou-me:

— Ainda bem que ele o encontrou aqui, Hemisarê!

— Ainda bem? Em certos momentos tive a nítida impressão de que ele não resistiria à furia da sede que o atormenta.

— Ele é assim mesmo. Mas você já havia derramado, e de forma positiva, as lágrimas de sangue que ele certamente iria colher naquela taça, caso você tivesse que derramá-las de forma negativa. Melhor para você, não?

— Muito melhor, Litimohê. Ainda têm mais alguma surpresa a mim reservada?

— Surpresas acontecem por acaso, Hemisarê.

— Eu aprendi que o acaso não existe. Por trás do acaso sempre existem razões não captadas por nós.

— É, aquele cavaleiro veio até aqui para ver se precisávamos de ajuda quanto a você. Mas quando viu suas faces manchadas de sangue, percebeu que havia chegado tarde demais.

— Nesta casa é comum ele chegar tarde demais?

— É comum sim. Mas como existe por aí muitas outras casas semelhantes a esta, de vez em quando a taça dele transborda.

— Espero nunca mais ver aquela taça na minha frente, Litimohê!

— Isso quer dizer que não guarda ressentimentos por eu ter recorrido a algumas mentiras saudáveis e algumas traições inconseqüentes?

— Sem ressentimentos, Litimohê. Prometo que, se no futuro eu perceber que algum grande das trevas está dominando-o mentalmente, recorrerei a mentiras saudáveis e traições inconseqüentes para ajudá-lo. Mas só para ajudá-lo!

— Ah, ah, ah!... — riu-se Litimohê, um leal e verdadeiro Exu da Lei e um confiável companheiro de grau no Degrau ocupado pelo iniciado.

— Você não gostaria de falar com alguém que já não vê há muito, Hemisarê? — perguntou-me o Mago da Luz.

— Mais surpresa, Mago da Luz?

— Tenho o hábito de esgotar um assunto quando o início. Só isto!



— Eu sou assunto?

— Não, não. O assunto são suas ações no decorrer de sua existência.

— Que venha a surpresa, Mago da Luz! — exclamei triste, já conformado com o modo como as coisas costumavam acontecer naquela casa envolta por uma redoma de luz.

Admirei-me quando surgiu ali uma guardiã de um ponto de forças da luz. Ela tinha algo familiar que não identifiquei de imediato por causa da luz que ela irradiava. Mas quando ela a recolheu, exclamei:

— Simerá! É você mesma ou é um fantasma do passado que veio aqui para lembrar meus pesadelos?

— Sou eu mesma, Hemisarê, ou melhor, sou um espírito imortal que, num dado momento, vivi uma encarnação na qual recebi o nome de Simerá. Mas se isto ocorreu há muitos milênios, no entanto, um fruto gerado por mim naquele tempo caiu e apodreceu no meio de um dos seus abismos mentais. Consegui romper todos os limites impostos pelas múltiplas reencarnações e agora posso fazer com que a minha memória flua naturalmente. Então recorri à aparência tida por mim quando fui Simerá no plano material, para lembrá-lo que o nosso fruto está podre e prestes a se perder para sempre até sua semente original.

— Li-An-Serí!

— Ela mesma, Hemisarê. Onde ela está?

— Quando não resistiu mais ao tormento da fúria da Lei que a consumia, renunciou ao grau de Pomba-gira das Almas e recolheu-se a um abismo nos domínios do Campo Santo.

— Você a abandonou à própria desgraça?

— Não é bem assim. Coloquei alguns de meus auxiliares para protegê-la e impedir que alguém viesse a usá-la como energia negativa viva em magias negras. Como nada podia fazer para ajudá-la a livrar-se daquela fúria que a está devorando, ao menos fiz isto por ela. Li-An-Serí sempre foi o meu grande amor, Simerá! Ainda que não acredite, cada vez que a visito sinto que mais um pouco desse meu único e grande amor foi consumido por uma fúria da Lei.

— Não vê algo simbólico nisso, Hemisarê?

— Já refleti muito sobre o que está acontecendo a ela e concluí que a Lei está me punindo, pois enquanto a consome também vai arrancando de mim meu único e grande amor. Aquela fúria sangüinária veio para consumir o último vestígio de humanidade que ainda me restava: o amor por uma mulher.

— Isso é estranho, Hemisarê. Você preferiu levar sua amada à destruição a permitir que ela ascendesse às esferas da luz, onde certamente seria ajudada. Para mim, o que você fez tem outro nome.

— Vocês, da Luz, têm um jeito de ajudá-la?

— Talvez consigamos fazer por ela agora o que não tentamos de verdade nesses milênios todos. Pode nos levar até onde ela está?

— Sigam-me.

Fomos até onde estava Li-An-Serí. Quando aqueles Espíritos de Luz a viram, também viram muitos outros espíritos ali recolhidos e ficaram consternados. Isto aconteceu porque, se nos domínios do Anjo das Trevas os espíritos sofrem deformações que aos poucos vão criando uma nova condição para o espírito continuar sua jornada sombria, nos domínios do Anjo da Morte o espírito começa a apodrecer em vida. Seu corpo vai se putrefazendo a partir de chagas infeccionadas por larvas e vermes astrais, assim como por outros agentes naturais de degradação dos corpos espirituais.

“Aqui, mais uma vez, eu, M. L. Benedito de Aruanda, abro um parêntese para comentar um pouco mais o que Hemisarê acabou de abordar.

Assim que um ser humano desencarna e deixa para trás seu corpo carnal, seu corpo espiritual, dependendo de seu estado mental, racional e emocional, pode começar a passar por uma série de transformações. Mas elas não ocorrem de imediato e sim à medida que o espírito vai tomando consciência das suas novas condições de vida, de onde se encontra e do que existe à sua volta. Isso sem contarmos aqueles que permanecem presos ao corpo carnal por causa de seu materialismo desenfreado ou por terem ultrapassado limites impostos pela Lei Maior.

Ocorre que os espíritos devedores, por estarem sobrecarregados de energias negativas geradas pelos seus vícios, têm um magnetismo denso e negativo, condição esta que os leva a serem atraídos para as esferas magneticamente negativas (no espiritual, magnetismos afins ou iguais se atraem), onde vibram sentimentos viciados ou negativos. Energias escuras irradiadas pelos espíritos que ali vivem tornam essas esferas impermeáveis à Luz Divina irradiada, de um modo geral, a todos os espíritos humanos e a todas as esferas espirituais.

Nessas esferas, existem microorganismos astrais parecidos com as bactérias decompositoras de restos orgânicos do plano material, que vão absorvendo as energias vibradas pelos espíritos ali retidos



pela Lei Maior. Mas, quando os espíritos já trazem do plano material chagas ou as têm abertas no plano espiritual, vermes e larvas astrais nelas se instalam e passam a comer o corpo energético.

Espíritos viciados em bebidas alcoólicas, fumo, tóxicos, sexo desenfreado, etc. têm os órgãos espirituais correspondentes aos órgãos físicos do corpo material atacados por essas larvas ou vermes astrais que, ao consumi-los totalmente, nada mais estão fazendo que um trabalho profilático, pois consomem, no corpo humano do espírito, todos os excessos nele acumulados enquanto vivia no corpo carnal e cometia todo tipo de abusos e excessos contra si mesmo.

O magnetismo é muito denso nas esferas negativas por causa do excesso de energias ali acumuladas. Nelas só se aventuram aqueles que têm uma aura de luz toda fechada e são portadores de um forte magnetismo positivo, senão correm o risco de, ao tentarem voitar, não conseguirem nada mais que ir de um lugar a outro, mas sem sair de dentro de uma mesma esfera.

Aproveitando o parêntese, esclarecemos que é comum encontramos espíritos portando armas as mais diversas. Como isto é possível?

Bom, basta o espírito saber como manipular as cópias astrais dos objetos materiais, cópias estas que são como o negativo que se forma de uma chapa ou filme fotográfico. É possível magnetizar as cópias astrais das armas metálicas existentes no plano material e carregá-las de tal maneira com poderosos tipos de energias existentes nas esferas negativas, que depois podem ser usadas como armas irradiantes de energias que, se dirigidas contra outros espíritos, têm um efeito semelhante a um choque elétrico poderosíssimo, ou um raio laser escuro. Muitos dos ferimentos em espíritos retidos nas esferas negativas provêm do uso dessas armas etéreas, usadas por Exus de Lei no cumprimento de missões, na defesa de médiuns, casas ou os pontos de forças sob sua guarda.

Mas os Espíritos de Luz ligados à Lei também portam armas etéreas irradiadoras de energias positivas, que só são usadas em caso de extremo perigo ou em missões de alto risco nos domínios das trevas, pois preferem irradiar as suas energias luminosas, já que em si próprios elas são geradas continuamente.

Já os espíritos que descobrem mentalmente como colocá-las sob sua vontade, manipulam as energias geradas dentro do mistério que trazem em si e conseguem enviá-las desde uma esfera de Luz até a mais densa das esferas negativas. O inverso só não é possível porque

os espíritos que trazem em si mistérios negativos, e os dominam, não atingem espíritos nas esferas luminosas justamente por causa da luminosidade dessas esferas, que impede qualquer visão aos que têm olhos acostumados à escuridão ou ausência de luz.

Uma comparação compreensível seria um ser humano do plano material olhar para o centro do Sol e tentar ver algo dentro dele. Em poucos minutos, estaria com a visão totalmente comprometida e com lesões óticas irreparáveis.

Isto explica também porque os Kiumbas têm o costume de olhar para o solo (para baixo) quando baixam num verdadeiro terreiro de Umbanda de Lei: a luz dos Orixás, irradiada a partir do congá (altar com imagens de santos) é tão luminosa e poderosa, que afeta a visão deles, acostumados à penumbra dos pontos de forças nas trevas, ou mesmo à escuridão das esferas negativas. Já os Exus doutrinados ou doutrinadores, estes são portadores de uma certa evolução e pouco a pouco se acostumam à luminosidade irradiante dos mentores de luz. Sua visão vai se adaptando à luz e passando por uma transformação, que acontece a partir dos sentidos, que começam a ficar livres de acúmulos energéticos negativos, pois deixam de vibrar sentimentos altamente deletérios.

Aqui mais uma vez fecho o parêntese para que Hemisarê, o Senhor Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Cemitério, continue a relatar sua história.”

Em decorrência do lastimável estado de Li-An-Serí, foi preciso que Simerá irradiasse com as mãos uma luz azulada que a envolveu toda e dali a retirou, levando-a até a casa do médium.


— Renuncie a Li-An-Serí, Hemisarê — pediu-me Simerá.

— Está me pedindo para renunciar ao meu grande amor, Simerá?

— Ao seu amor por ela, não. Mas a este sentimento de propriedade sobre ela, sim! Ou você faz isto agora, ou quando o mistério for ativado e envolvê-la, o cordão que sai do seu mental e a mantém submissa aos seus desejos irá incendiar-se e você será queimado justamente com todas as energias negativas acumuladas em seus sentidos. As chamas só cessarão quando você estiver reduzido a um ovóide.

— Não consigo, Simerá. Eu, ainda que não goste de vê-la ser consumida por esta fúria insaciável, continuo amando-a.

— Você não precisa deixar de amá-la. Apenas dê a ela a liberdade de viver sua própria vida. Você não é senhor da vida de ninguém,



Hemisarê! Conscientize-se disso e muito melhor se sentirá quando a ver bem e apta a retomar sua evolução espiritual numa jornada positiva e luminosa. Não proceda como os egoístas, que só pensam em si mesmos, pois se julgam os únicos que têm algo a perder. Eles tiram de seus semelhantes a única e última coisa que a eles resta: direito à vida!

— Se eu renunciar a Li-An-Serí, estarei perdendo minha última ligação com a vida e, finalmente, me sentirei morto.

Simerá gastou boa parte do dia tentando convencer-me a romper com Li-An-Serí. Mas eu, um idiota consumado, recusava e sempre dizia que ela era o meu último elo com o humanismo. Mais tarde, o médium retornou ao recinto por inspiração de um outro Guardião da Luz. Fiquei sabendo que haviam recebido um aviso daquele tenebroso Cavaleiro das Trevas da Morte de que iria trazer um espírito feminino há muito aprisionado nos domínios de um grande das trevas. Assim que chegou com o espírito feminino nos braços, o cavaleiro impôs uma condição ao Mago da Luz que realizava a ativação do mistério no médium:

— Quero trazer até aqui o maldito grande das trevas que a dominava, para encher minha taça com as lágrimas de sangue que ele irá derramar assim que for atingido pelas chamas do fogo vivo!

— Por que logo aqui, irmão meu?

— Bom, o canalha é um maldito egoísta que sempre se achou no direito de ser o dono de todos os espíritos que caíam em seus domínios e atingiu muitos espíritos de Lei que foram até ele para exigir que devolvesse à Luz os que só possuíam o direito à vida, pois tudo mais o maldito já havia tirado deles. E quando estou perto de um maldito que nega a um ser, já morto em todos os outros sentidos, o direito à própria vida, esta minha sede se torna tão intensa, mas tão intensa, que preciso beber várias taças de lágrimas de sangue. E não sei por que, mas desde que aqui estive ontem à noite, esta minha sede está me atormentando demais!

— Você anda muito sedento, irmão. Precisa controlar essa sua sede insaciável.

— Grande mago, o senhor bem sabe que só sou incomodado quando por perto tem um ser maldito que nega a vida, ou o direito à vida, a alguém que nada mais possui que a vida. Isto está em mim, pois é assim que o Anjo da Morte quer. E tem mais: assim que aqui cheguei minha sede aumentou! Por acaso o senhor tem ocultado aqui algum maldito que nega até o direito à vida à alguém?

— Não, irmão. Aqui só estamos nós e os que você está vendo neste recinto.

— Sei que o senhor não mente. Logo, alguém aqui tem o maldito hábito de negar o direito à vida a alguém! — exclamou o cavaleiro quase fora de si.

— Acalme-se irmão! — pediu o mago — Vou colocar nossa irmã querida em condições de ser curada por meio do mistério. Depois você irá aos domínios do tal ser onde, com as lágrimas de sangue que ele verterá, saciará esta fúria da morte que traz em si para que a Lei se consuma totalmente contra os que negam a um semelhante o direito à vida.

— Não. Vou saciar minha sede aqui mesmo. Se após esgotar as lágrimas de sangue dele, eu continuar sedento, então a sensação que me incomoda desde ontem à noite detectará entre os que aqui estão quem é o maldito canalha que, mesmo vendo a grandeza do Mistério da Vida aqui realizado por meu irmão, ainda guarda no seu íntimo a maldição do egoísmo em relação à vida alheia.

— Não me importo que você, como executor da Lei nas trevas, atue como achar que deve. Mas aqui dentro deste recinto consagrado não vou permitir isso!

— Posso esgotar as lágrimas de sangue dele do lado de fora da esfera de Luz?

— Isso já é com você.

— Então está decidido! Vou puxá-lo até aqui, através do cordão mental que mantém a infeliz Li-An-Sei presa àquele maldito. Assim que o Fogo Divino começar a consumi-lo, eu o levo para fora dos limites dessa esfera de Luz e sacio minha sede!



# O Cavaleiro das Trevas da Morte

Se não bastasse a volta do frio arrepiante que comecei a sentir com a chegada daquele cavaleiro, ouvindo-o e vendo como estava transtornado, um pavor muito grande apoderou-se de mim, pois, quando ele olhava em volta tentando ver nos presentes quem era o maldito que negava o direito à vida a alguém, eu desviava meus olhos para não me denunciar.


E quando ele encostou a ponta do seu alfanje no cordão escuro que saía da coroa daquele espírito feminino todo deformado, a parte do cordão que ia até o mental de algum grande das trevas começou a ser absorvido pela lâmina. No instante seguinte um ser de aparência assustadora para os da Luz, mas não para o cavaleiro, eu e outros Exus guardiões ali presentes, já estava subjugado pelo poder irradiante do alfanje que paralisou aquele demônio meu conhecido, que ao me ver clamou:

— Hemisarê, socorro! Vão acabar comigo!

— Semí-Gorég! É você mesmo? — exclamei e perguntei assustado.

— Sou eu sim, Hemisarê. Ajude-me a sair daqui e darei a você metade, não... todos os meus domínios.

— Sinto muito, mas nada posso fazer neste sentido. Agora não pertenço mais aos domínios das trevas, Semí-Gorég.



— Ingrato! Com certeza já não se lembra que fui eu quem o ajudou a derrubar aquela idiota da Li-An-Serí, não é mesmo? E nem que, quando você quis atingir aquele seu inimigo encarnado, usei de todos os meus recursos para derrubar a mentora dele, que seria minha, e, no entanto, entreguei-a a você só para agradá-lo!

— Isto é passado, Semí-Gorég.

— Isto é presente também, Hemisarê! Ou aquele lixo humano amontoado naquele canto não é Li-An-Serí?

— É ela sim. Mas isto agora tem outro sentido, Semí-Gorég. Li-An-Serí, assim como esta sua escrava, será encaminhada para a Luz, deixando de fazer parte de nossas vidas malditas.

— Agora que você está do lado dos grandes da Luz, chama de maldita a nossa vida! Mas quando ocupava um trono no inferno, maldita para você era toda fêmea humana que caía em seus domínios, não?

— Eu já disse que isto é passado, Semí-Gorég. Muita coisa está mudando à minha volta e em minha vida.

— É claro que está. Desde que você ajudou Sorv-Hassum a derrubar aquela Pomba-gira, companheira do antigo ocupante do Trono das Sete Encruzilhadas, foi que sua vida começou a mudar, não é mesmo?

— Cale-se, maldito escravo do grande rastejante.

— Ah, ah, ah!... por que você não revelou ao antigo Senhor do Trono das Sete Encruzilhadas que a criatura mais bela que já existiu, e que pertencia a ele, agora serve, com uma lascívia jamais antes vista numa fêmea humana, o poderoso Sorv-Hassun? Tem medo que ele passe pelo seu pescoço a lâmina da afiada espada da Lei que agora, como Caboclo de Lei, ele usa? Ah, ah, ah!...

— Cale-se! — ordenei, furioso por ele revelar um dos atos de traição que eu mais gostaria de manter oculto.

Para azar meu, e por coincidência (ou talvez não!), naquele momento apareceu o Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, que numa impassividade incomum ainda ouviu Semí-Gorég revelar-lhe minha traição. Minha cabeça parecia que ia explodir e dali eu sairia se me fosse possível. Mas como estava paralisado, ou melhor, petrificado, só consegui cair de joelhos à espera do meu fim na lâmina da espada do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas, que havia me assentado no trono negativo do ponto de forças das Sete Encruzilhadas, quando de sua passagem para o

ponto de forças das Sete Encruzilhadas na Luz. Eu, justamente eu, havia ajudado um dos piores e mais cruéis dos grandes das trevas, Sorv-Hassum, a aplicar-lhe um golpe profundo, derrubando nas trevas sua grande paixão: a Pomba-gira Rainha das Sete Encruzilhadas do Cemitério, a mais linda e sensual fêmea humana já desejada pelas trevas.

Semí-Gorég ia ser esgotado, mas antes havia entregado a mim e a Sorv-Hassum nas mãos de dois executores, um da Lei e outro da Morte: O Caboclo das Sete Encruzilhadas e o Cavaleiro das Trevas da Morte!

Mas meu tormento não tinha mais fim, pois, não sei de onde, surgiu um ser que me assustou ainda mais. Ele se parecia com um guerreiro do tempo dos reinos cristalinos em decorrência à armadura que vestia, uma carapaça de couro, mais as armas que ostentava e a corrente que mantinha presa em sua mão esquerda. Trazia na outra ponta ninguém mais ninguém menos que Sorv-Hassum. No braço direito trazia o que havia restado da antiga Pomba-gira Rainha das Sete Encruzilhadas do Cemitério, a paixão do caboclo, ali presente e assistindo a tudo no mais absoluto silêncio. O Mago da Luz então ordenou:

— Ativem a realização do mistério vivo do iniciado encarnado!

Por inspiração de outro Mago da Luz, o médium invocou forças extra-humanas e deu início à realização do mistério.

Quando seu sétimo sentido expandiu-se e alcançou também Li-An-Serí, ainda tive tempo de dizer:

— Acabe de vez com minha maldição, meu Criador!

A seguir o pavor tomou conta de meus sentidos, pois quando aquele turbilhão de energias as atingiu, um fogo alaranjado percorreu os cordões negros que tanto ligavam elas a nós três, quanto a muitos outros fora daquela esfera de luz. Quem eram os outros eu não sabia, e jamais ficaria sabendo. Eles seriam consumidos por aquele fogo vivo!

Mas se senti apenas um calor no alto da cabeça quando o cordão que me ligava a Li-An-Serí foi queimado, o mesmo não aconteceu com Semí-Gorég e Sorv-Hassum. As chamas alastraram-se pelo corpo deles e começaram a consumi-los rapidamente, fato este que impediu o Cavaleiro das Trevas da Morte de realizar seu intento, ou seja, saciar sua sede enchendo sua taça com as lágrimas de sangue que verteriam ao serem lançados no tormento da dor. Mas quando só dois ovóides restaram, o cavaleiro apanhou com brutalidade o que restara de Semí-Gorég e encostando-o na minha orelha ordenou-me:

— Ouça como agora Semí-Gorég está gargalhando feliz, Hemisarê! O que ouvi daquele ovóide, o que havia restado de Semí-Gorég, não foram gargalhadas, mas sim gritos de dor horríveis que me impressionaram tanto que comecei a chorar.

O meu pesadelo não tinha mais fim? Até onde chegaria antes de ser esgotado daquela maneira? Desesperado, olhei para o alto e clamei:

— Meu Criador, acabe de vez comigo! Deus! Acabe comigo de uma vez por todas!

No momento achei que tinha sido ouvido e atendido, pois do corpo do iniciado encarnado, todo envolto por chamas douradas, saiu uma fina labareda que veio direto a mim e incendiou meu sexo, fazendo com que sentisse um intenso ardor, enquanto era queimado somente ali, no meu sétimo sentido da vida. É difícil lembrar o que eu dizia ou sentia enquanto via as chamas arderem em meu sexo. Só posso dizer que fui levado além dos limites humanos e perdi os sentidos.

Quando acordei, minhas mãos estavam pousadas sobre meu sexo, finalmente livre da fúria e em repouso absoluto. Não sentia nem o incômodo da fúria nem seu contínuo e dolorido latejar. Voltei meus olhos para o Mago da Luz e perguntei:

— O que houve comigo?

— A fúria sexual, ou o negativo do mistério que você trazia em si desde sua origem foi consumido pelo fogo vivo do mistério, irmão!

— Quer dizer que estou livre do meu maior tormento?

— Se não deixar que outro assuma as proporções que aquele alcançou em sua vida, então está!

— Por que a Lei não acabou comigo também, tal como fez com Semí-Gorég ou Sorv-Hassum?

— Creio que ela preferiu que continue a servi-la no grau que ocupa no ponto das Sete Encruzilhadas, irmão da Lei.

— Eu não sou digno de confiança, Mago da Luz. Quando ainda era só um Exu Guardião de Lei de um ponto de forças negativo, trai o atual guardião do oposto dele no positivo! O senhor ouviu a confissão de Semí-Gorég, não ouviu, Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas?

— Ouvi sim.

— Ele falou a verdade. Fui eu quem a induziu a entregar-se a ele.

— Por que você ajudou Sorv-Hassum, Hemisarê?

— A lascívia e sensualidade daquela Pomba-gira me incomodavam.

— Sexualmente?

— Não. Eu a odiava porque ela trazia em si tudo o que eu mais odiava: o desvirtuamento dos sentidos e as viciações do sétimo sentido da vida, objetos da minha fúria sexual. Mas como eu não podia esgotá-la energeticamente e Sorv-Hassum tinha contas a acertar com o senhor quando ainda era o ocupante do Trono das Sete Encruzilhadas do Cemitério naquele tempo, usei todo o meu poder mental e a induzi a acertar suas contas com ele lá nos domínios dele, onde uma armadilha infernal estava armada contra ela.

— Você só odiava os espíritos, digamos, degenerados nos sentidos que formam o sétimo sentido da vida? — perguntou-me o Mago da Luz.

— Ainda odeio.

— Então você está apto a continuar em seu grau de guardião do ponto de forças nas trevas, o ponto das Sete Encruzilhadas do Campo Santo, Hemisarê!

— Já não tenho um mistério inesgotável e, ainda bem, nem aquela fúria sexual da qual estou livre agora. Logo, como me sustentar num ponto de forças negativo?

— Usando dos recursos que o cetro de poder dele traz em si e está à disposição do ocupante daquele trono. Usando dos poderes da Lei contidos naquele cetro de poder, não terá e nem precisará tocar em nenhum espírito feminino ou masculino que vier a cair nos domínios das Sete Encruzilhadas, ou melhor, que a ele forem enviados pela Lei. Em vez de estarem ligados por cordões energéticos negativos ao seu sétimo sentido, estarão ligados ao trono e ao seu cetro. A você só competirá recolhê-los nos campos negativos, onde, lentamente, irão sendo esgotados de seus excessos energéticos.

— Por que ainda confia em mim, Mago da Luz?

— Talvez nosso irmão Caboclo das Sete Encruzilhadas tenha algo a lhe dizer sobre por que ainda confiamos em você, Hemisarê.

— Não creio. Eu o traí e o privei da companhia de alguém muito especial!

— Aí é que se engana, Hemisarê! — falou o Senhor Caboclo. — Eu estava dominado pelo fascínio que aquela Pomba-gira Rainha das Sete Encruzilhadas exercia sobre mim. E isto já durava muitos séculos, sabe? Mas quando você, usando dos recursos da fúria, ou

do negativo do mistério que trazia em si, a enviou de volta às trevas, os cordões mental e sexual com que ela me dominava romperam-se e voltei a ser senhor do meu raciocínio e do meu sétimo sentido, facultando-me finalmente voltar minha mente ao que a Lei esperava de mim. Dali em diante evoluí em todos os sentidos, até que me tornei apto a ocupar um ponto de forças positivo. Portanto, sua ação negativa, na verdade, foi muito positiva. Fiquei livre do fascínio de uma criatura perversa, sensual e lasciva. Ela, por sua vez, ao acertar suas contas com Sorv-Hassum, ficou livre das fúrias da perversão, sensualismo e lascívia, e por fim Sorv-Hassum, um implacável perseguidor do culto aos Orixás, foi alcançado pela Lei e esgotado aqui mesmo, como você bem viu. No final, só restou uma longa, dolorida e poderosa ação da Lei!

— Ounvindo-o, parece tudo tão normal, não?

— Aí é que está o prazer de se dar tempo ao tempo, Hemisarê. Quando menos se espera, descobrimos que a Lei nos usa o tempo todo em favor do Todo.

— É, até pode ser que sim. Mas como nem a Lei e nem meu Criador querem acabar comigo, vou até o Senhor Omolu renunciar àquele posto, pois deve haver outro mais apto a ocupá-lo!

— Você conhece Grimo-Karek? — perguntou-me o Mago da Luz.

— Claro, o maldito quase acabou comigo tempos atrás!

— Por quê?

— Vocês não sabem? O maldito é um degenerado sexual e se compraz em inverter a sexualidade masculina.

— O que ele faz realmente, Hemisarê?

— A partir de seus domínios, ele atua sobre o mental de todo espírito masculino que já afrontou o Criador através do sétimo sentido da vida e, anulando o sentido de masculinidade, ativa, não sei como, uma feminilidade pervertida e perversa ao mesmo tempo. Daí em diante os espíritos machos passam a se comportar como espíritos fêmeas e a pulsar desejos por outros espíritos machos.

— O que está dizendo é que ele traz em si um mistério negativo que pune os espíritos masculinos que cometem excessos sexuais que desvirtuam a sexualidade feminina, é isto?

— É isto mesmo o que eu disse. Grimo-Karek é tão poderoso, mas tão poderoso, que todo espírito pervertido que cai em seus domínios torna-se bissexual ou homossexual. E isto sem que sejam anulados energeticamente.

— Por que bissexual?

— Bom, estes ele usa para acalmar seus tormentos, tornando-os seus escravos amantes, Mago da Luz.

— Então ele é um grande das trevas que se desviou do caminho a ele traçado pela Lei, não?

— Que caminho a Lei traça para alguém caído nas trevas?

— O de esgotar os espíritos portadores de excessos mentais, racionais, emocionais ou... sexuais. E se entendi bem, pelo que você disse sobre Grimo-Karek, ele está fora de seu caminho, pois em vez de cumprir com sua missão negativa, está realizando não só os esgotamentos energéticos, como também ativando um outro comportamento negativo.

— Bom, quanto a isto nada posso dizer, pois eu também desconhecia qualquer limite para alcançar meus objetivos.

— Desse aí não posso esquecer o nome! — falou o Cavaleiro das Trevas da Morte — Acho que as lágrimas de sangue que ele irá derramar quando chegar sua hora final terão o poder de despertar a bissexualidade em quem bebê-la, não é mesmo, minha sedenta taça? Ah, ah, ah!...

Por incrível que pareça, tive a nítida sensação de ter ouvido uma risada emitida por aquela taça-caveira que ele carregava pendurada na cintura. Aí ele falou:

— Bom, vou retirar-me, pois essa sede infernal está se tornando insuportável!

— Quero que deixe aqui o que restou desse nosso irmão! — ordenou o Mago da Luz.

— Antes de entregá-lo ao senhor preciso saciar esta minha sede. E se não puder levá-lo para longe daqui, então terei de encher esta taça aqui mesmo. O senhor escolhe, grande Mago da Luz!

Um impasse ali se formou, pois o cavaleiro foi taxativo nas suas necessidades. Após algum tempo refletindo, o mago ordenou:

— Abra uma passagem para os domínios da Morte, entre neles, sacie esta sua sede negativa e depois trate de devolver-me o que restou de Semí-Gorég.

— Compreendo seus sentimentos, grande mago. Mas a morte tem razões que a luz não só desconhece, como não reconhece e reluta em aceitar. Mas digo-lhe que isto que está em minha mão não é um ser humano. É apenas uma serpente incubada num ovóide que, se não verter suas lágrimas de sangue, mais dia menos dia arrebentará

os limites desta casca negra e voltará a rastejar na face da Terra. Afinal, não foi assim com o maldito Hitler? Ou o senhor já não se lembra mais daquela víbora infernal?

— Hitler... é, faça sua parte e cumpra seu dever como executor da morte nas trevas! Leve Sorv-Hassum também, pois se eles verem a verdadeira face da morte jamais voltarão a desejar vê-la através do rosto de um ser humano. Hitler... não verteu suas lágrimas de sangue, foi o que você disse?

— Isto mesmo. E sabe por quê?

— Não.

— Um Mago da Luz ficou com pena dele depois que um outro auxiliar do Anjo da Morte ceifou nele as sete cabeças da hidra do mal em que ele havia se tornado. Aí, deu no que deu: por um desígnio da Lei do Carma, ele reencarnou e, ao invés de despertar a humildade, apenas intensificou ainda mais a intolerância entre os povos.

— Ande logo com isto, cavaleiro! — ordenou o Mago da Luz.

O cavaleiro abriu uma passagem, entrou nela e já no meio da escuridão, colocou o ovóide de Semí-Gorég um pouco acima do bocal na taça-caveira. De dentro dela alguma “coisa” irradiou um facho rubro que logo se apagou. Aí o ovóide, através de um micro-furo, esguichou um sangue vivo, até que a taça transbordou. E quando o ovóide parou de verter aquele sangue, o Cavaleiro das Trevas da Morte elevou a taça no alto e com uma voz rouca e gutural realizou uma invocação aos mistérios da Morte, que fez com que surgisse uma condensação de energias, a qual deu origem a um espectro aterrador que gelou a todos que o viram. E o conteúdo da taça foi absorvido por aquele espectro. Depois, tudo se repetiu com Sorv-Hassum, e outro espectro surgiu para sorver mais uma vez o conteúdo da taça transbordante. Então o cavaleiro olhou para os dois ovóides e já com um timbre de voz humano até demais, falou:

— Eis o que acontece com todo ser humano que faz da morte dos semelhantes um meio de vida. Encontram seu fim no meio da Morte!

Em seguida, ele retornou por aquela abertura escura e entregou os dois ovóides ao Mago da Luz, que irradiou uma espécie de pó branco sobre eles e os recolheu no interior do grande cristal de luz. Depois o mago voltou-se para o Cavaleiro das Trevas da Morte e ordenou:

— Feche a abertura para os campos da Morte, irmão.

— Eu só estava esperando ver onde os restos imortais dos canalhas caídos iam ser encerrados para me retirar, grande mago.

Até a vista, ou quando de mim precisar no cumprimento de seu dever de guardião da Lei e da Vida nos campos da Morte.

— Vou com você, cavaleiro! — exclamou aquele guerreiro assustador que chegara trazendo em suas correntes Sorv-Hassum.

— Comigo? Por quê? Nossos campos de ação não são os mesmos, guerreiro das trevas da Lei.

— Eu sei disso. Mas também sei que você ficou muito interessado quando esse nosso companheiro revelou o ponto fraco de Grimo-Karek.

— Nem estava pensando mais em Grimo-Karek, guerreiro dos infernos!

— Você pode tentar enganar outros, mas a mim nunca enganará. Afinal, eu também sou um executor de grandes das trevas, certo?

— Não estou tentando enganá-lo, guerreiro dos infernos. Pode ficar com Grimo-Karek só para você, está bem? Ele é todo seu!

— Escute, eu sei de um meio de levá-lo a um estado de excitação emocional tal que ele irá implorar para que nós o executemos o mais rápido possível. É só esperar um chamado meu para então invadir os domínios dele com toda a sua tropa de Cavaleiros da Morte e completar o serviço. O que acha?

— Eu tinha outro plano em mente, guerreiro. Acho que o meu é menos sutil, mas muito mais rápido.

— Que é isso, cavaleiro?! Sete dias passam rápido!

— Vou ter de suportar esta sede por sete dias? Sete dias, você disse? Não resistirei a tanto tempo!

— Que é isso companheiro?! Você acabou de saciar a sede nessa sua taça há pouco!

— É, mas agora que sei como executar Grimo-Karek, a sede da morte pelas lágrimas de sangue que dele extrairéi já começou a me atormentar. Você sabe como isto acontece!

— Por acaso você acha que comigo algo parecido já não está acontecendo?

— Como fazemos então?

— Temos de dividir essa presa, companheiro. Afinal, nós dois vimos ao mesmo tempo o ponto fraco dele, certo?

— É, vimos sim. E isto significa algo, não?

— Significa sim. A Morte e a Lei nos querem juntos na execução de Grimo-Karek.

— Bom, mas se seu plano falhar, aí poremos em prática o meu, certo?

— Eu e meus planos infernais nunca falhamos até agora. Mas caso isso aconteça, plano algum conseguiremos tramar contra ele depois.

— Por que não?

— Bom... acho que aí, já teremos sido executados por ele! Ah, ah, ah!...

— Ah, ah, ah!... — gargalhou também o Cavaleiro das Trevas da Morte, entrando na passagem juntamente com aquele guerreiro dos infernos, e, ainda gargalhando desapareceram.

— Esses dois é que são felizes! — exclamou Litimohê, saudosos de algo que, deduzi, devia ser o tempo em que ele também era um caçador de grandes das trevas. Observei:

— Você já foi um caçador, Litimohê?

— Caçador? Não seja grosseiro ao se referir a uma parte muito emocionante de minha existência, Hemisarê! Executor é a palavra certa e, também, mais elegante!

— Ainda sou um novato nesta nova parte de minha existência, Litimohê. Talvez com o tempo eu venha a adquirir sua sutileza e elegância no trato das palavras.

— Acredito que você será um ótimo Exu, Hemisarê. Só está lhe faltando captar a essência, a alma mesmo, dos bons guardiões dos pontos de forças. Mas quando você adquiri-la, verá como as coisas fluem com tanta naturalidade, que começará a sentir saudades dos tempos de grandes agitações nas esferas negativas mais densas.

— Por que não volta para elas, Litimohê?

— Você está brincando?

— Por quê?

— Oras, o inferno já sofreu tantas influências dessas novas religiões que surgem a todo instante nos últimos milênios, que até os novos demônios que aparecem a partir do inferno astral delas são sem graça e sem atrativos. É só pousarmos nossos olhos num desses novos demônios por uns poucos minutos para descobrirmos que são tão vazios de causas quanto os atuais encarnados com seus grandes ideais. E justamente por esta falta de grandes ideais no plano material é que a todo instante surge um idiota no inferno pensando que já é um dos grandes, tornando aqueles domínios tão pouco atraentes para alguém como eu, acostumado a choques mentais com adversários à minha altura. Felizes são o cavaleiro da morte e o guerreiro dos infernos, pois de vez em quando descobrem em algum grande de

verdade, como agora descobriram para divertir-se um pouco enquanto não desfecham o golpe final em Grimo-Karek.

— Você está louco, Litimohê? Com Grimo-Karek eles não poderão facilitar um segundo sequer senão encontrarão um fim terrível nas garras dele.

— Isto é que é bom, Hemisarê. Numa situação dessas terão de usar 100% de seus poderes mentais e recorrer aos mais inimagináveis recursos para o derrotarem e o levarem a implorar pelo próprio fim, com tal convicção que, quando o executarem, ele acreditará por todo o sempre que lhe fizeram um grande bem. O grande Mago da Luz bem que poderia conseguir para mim uma permissão da Lei para eu reencarnar pelo menos mais uma vez nesse plano material tão sem ideais e sem princípios!

— Nem pensar, Litimohê! — exclamou o Mago da Luz — Da última vez que a Lei lhe concedeu este privilégio, você ainda se lembra da confusão que arranjou por aqui no astral, não?

— Mas fiz um bom trabalho, não?

— À custa de tantas vidas qualquer um teria feito o mesmo ou quem sabe, até melhor, Litimohê!

— O senhor nunca fica satisfeito, não é mesmo?

— Não é isto. Apenas não concordo com os seus métodos violentos.

— Mas tem de reconhecer que deixamos uma porção de inferno asfxiada por não mais receber espíritos caídos. Ou nem por isso merecemos crédito?

— Não, isso eu credito a você e ao iniciado encarnado. E tanto credito que até hoje tenho de estar atento, senão algum daqueles infernos religiosos do passado acaba engolindo vocês dois e mais alguns tolos que pensam e agem como vocês.

— Não sei não, mas acho que lá, bem no seu íntimo, o senhor aprecia esse nosso modo de ser.


— O que o leva a pensar assim?

— Ora, qualquer outro grande Mago da Luz já teria nos enviado ao inferno e fechado as sete portas de saída dele! Ah, ah, ah!...

— Até que não é uma má idéia, Litimohê! Vou pensar nisso, certo?

— Por falar em pensar, gostaria de pensar em algo que descobri por acaso.

— Antes de revelar-me esse algo, diga-me: Como foi o “por acaso”?



— Bom, estava um tanto cansado de não ter o que fazer e fui dar umas voltas aí fora, no plano material. E sem querer, ao passar diante uma mansão sóbria e imponente, ouvi alguém, um encarnado, invocar a deusa de duas cabeças. Lembra-se dela?

— Claro! Era cultuada lá pelos lados da Caldéia, se não estou enganado, certo?

— Certo, sim senhor. Aí, muito discretamente, dei uma rápida olhada e vi que dentro daquela mansão estavam reunidos vários figurões, grandes mesmo, da política, dos negócios e das finanças. E brindavam com sangue simbólico (vinho) à deusa de duas cabeças. Então, mais discreto ainda, segui o escravo enviado por ela para receber os votos de fidelidade daquele grupo, e acabei descobrindo todo um domínio das trevas controlado por ela, a serpente de duas cabeças.

— Ela havia desaparecido há quatro milênios!

— Acho que está querendo reaparecer, grande mago.

— Preciso ficar atento a mais isso, se já não me bastasse o caos que tenho nas mãos!

— Pode deixar comigo que cuido dela para o senhor.

— Não, não. Cuidarei dela pessoalmente, Litimohê!

— Grande mago! Por favor! Com todo o respeito que tenho pelo senhor, e o senhor sabe quanto eu o respeito, peço licença para dizer-lhe que não está sendo generoso comigo. Afinal, fui eu quem a descobriu! Preciso de um pouco de ação!

— Não sei por que dou ouvidos a você, Litimohê. Está bem, pode ir dar um fim nesse culto nascente. Mas quero que me entregue todos os espíritos aprisionados nos domínios dela, e que a execução final dela seja realizada dentro dos limites da Lei.

— Tudo farei para que assim aconteça. Mas caso algo venha a sair errado e eu venha a ser obrigado a executá-la lá mesmo, prometo que trago o ovóide dela, se um só tiver, pois duas cabeças ela tem, certo?

— Quem levará com você?

— Só uns auxiliares que estão precisando de um pouco de ação, e o Senhor Exu do Ferro que, por acaso, desmanchou uma magia negra realizada pelos escravos encarnados dela. Mas é só!

— O “por acaso” dele aconteceu antes ou depois do seu?

— Ah, isto agora não importa mais, pois o fim dela já foi decretado pela Lei, não é mesmo? E além do mais, se eu não estivesse por perto, ele teria sido anulado pela magia negativa ativa nos domínios

dela, pois dela ele já não se lembra mais. Logo, os acasos aconteceram ao mesmo tempo.

— Podem ir, Litimohê. Mas se dois ovóides aquela serpente traiçoeira tiver, quero os dois, ouviu?

— Sim senhor. Afinal, o que nós, Exus, iríamos querer com um ovóide daquela deusa maldita?

— Sei muito bem o que você iria querer com um ovóide dela, Litimohê!

— É, o senhor sabe sim. Mas que isto iria ajudar-me muito, ah, isto iria! Os grandes das trevas abriram seus domínios para mim com muita presteza!

# O Reassentamento do Degrau das Sete Encruzilhadas do Campo Santo ou Cemitério

Fiquei curioso com o uso que ele daria ao ovóide, mas como se recusou a revelar-me, propus um trato:

— Você me ensina isto e eu lhe dou o ovóide de um ex-grande que anulei num tempo em que andei meio sem rumo pelos domínios dos infernos.

— Um? Um só, Hemisarê? Em troca de um dos maiores segredos que conheço, você me oferece só o ovóide de um mísero grande que você executou?

— Se me revelar realmente todo o segredo, então darei a você mais um ovóide.

— Como vou saber se esses ovóides valerão a revelação do meu segredo?

— Assim como vou confiar na eficácia de seu segredo, terá de confiar no poder contido nos dois ovóides e nos segredos que a você eles revelarão, certo?

— Para um Exu novo até que você está se saindo bem, Hemisarê. Assim que eu voltar dessa missão o procurarei, certo?

— Claro! Estarei à sua espera. Mas caso venha a precisar de ajuda com Lêmia-Sharina, me chame, está bem?

— Você a conheceu? De verdade?

— Conheci sim. Ela não me pareceu tão má!

— Se não pareceu má, então como ela lhe pareceu?

— Apenas uma fêmea um tanto carente.

— Carente? O que você quer dizer com carente?

— Você sabe! Ela tem um corpo de mulher até que muito atraente e bem conservado pelo pouco uso que faz dele. Mas isto se deve ao fato de ela ter aquelas duas enormes cabeças de serpente.

— Entendo. Carente, você disse?

— Muito carente, Litimohê.

— Por que você não supriu a carência dela, Hemisarê? Afinal, você possuía uma fúria sexual insaciável, não?

— Aquela fúria estava no meu sexo, não na minha cabeça, Litimohê. E além do mais, eu ficava furioso, não louco!

— Ah, ah, ah!... não sei por que, mas gosto de você, Hemisarê. Acho que iremos nos dar bem pelo resto de nossas míseras existências de condenados a nunca esquecer que já fomos grandes nas trevas e, no fim, conseguimos sair mais ou menos inteiros delas. Ah, ah, ah!

Ainda rindo, Litimohê irradiou uma mancha negra com a mão esquerda, abrindo uma passagem no solo à sua frente, então perguntou:

— Quem aí embaixo quer um pouco de ação?

Uma confusão se formou. Todos, acho eu, queriam acompanhá-lo até os domínios de Lêmia-Sharina, a deusa serpente de duas cabeças. E quando a ordem se estabeleceu, começaram a subir várias criaturas, uma mais assustadora que a outra, todas felizes por um pouco de ação em domínios alheios. Quando aquela horda finalmente saiu, perguntei:

— Litimohê, por que vocês, tendo tantos recursos à mão, não acabaram com Lucighor antes de espirar o prazo do início da realização do acordo selado?

— Não podíamos e não nos interessava, Hemisarê.

— Por quê?

— Bom, se tivesse destruído Lucighor antes, o Anjo das Trevas não iria desejar vê-lo fora dos domínios das trevas, e ainda estaria desejando-o para si. E também teríamos perdido você

para sempre, pois não teria tido a oportunidade de descobrir que era um escravo dele. E assim, um escravo continuaria a ser por todo o sempre. Como Lucighor era o inimigo da realização do acordo selado, o próprio Anjo das Trevas desejou sua libertação para que o acordo se realizasse. Após você dar o seu testemunho, ele desejou a destruição total de Lucighor, pois se há uma coisa que o Anjo das Trevas não tolera é um espírito humano tentar impedi-lo de livrar-se dos espíritos já esgotados energeticamente, mas ainda caídos nos domínios dele.

— Compreendo.

— Aprenda um pouco sobre a natureza dos anjos e nunca terá problemas com nenhum deles, Hemisarê.

— Como chegar até a natureza deles?

— É só observar as movimentações das grandes correntes humanas, as correntes de pensamento que pontificam, as correntes conservadoras e as renovadoras. Observando apenas estas correntes no plano material e seguindo a trajetória de quem, após o desencarne sobe, desce ou estaciona, já terá uma noção, ainda que parcial, do que os anjos esperam dos espíritos humanos, e também da direção em que os querem evoluindo. Daí em diante fica mais fácil não se chocar contra nenhum dos sete anjos cardeais.

— Quem são os sete, e o que isto significa?

— Os sete são: o Anjo da Luz, o Anjo das Trevas, o Anjo da Vida, o Anjo da Morte, o Anjo da Lei, o Anjo do Meio e o Anjo do Equilíbrio. E significa que eles formam um todo planetário e um todo energético que nos contém ou nos estimula ora numa direção ora em outra, mas sempre dentro desse todo a nós reservado pelo Criador, para darmos vazão às coisas de nossa natureza humana. Então, observando as grandes correntes de pensamento, detectamos o que os anjos regentes querem de nós, ou esperam que façamos. Fácil, não?

— Para você, que já vem fazendo isto há muito tempo, pode ser. Mas para um iniciante como eu, parece ser difícil.

— A chave está em descobrir quem são os protetores espirituais dos grandes líderes encarnados e ver quem pontifica entre eles. Daí em diante é só raciocinar analogicamente, ligando o protetor com a linha de ação do líder em observação e a direção que o espírito imortal dele tomará após o desencarne.

— Isto é o mesmo que acontece a um médium de Umbanda, certo?

— É isso aí, Hemisarê! Você captou a essência do raciocínio a desenvolver. Afinal, um médium é um microcosmo no universo

humano. Já com um líder de proporção continental, ou mesmo mundial, as coisas acontecem no macro. Pela aceitação ou não do macro pelo micro, você saberá se a linha traçada para um grande encarnado está sendo seguida à risca ou se está seguindo por desvios que o conduzirão a abismos.

— Você é um gênio, Litimohê!

— Modéstia à parte, tenho meus méritos, Hemisarê. E tanto os tenho que estou numa posição de equilíbrio tão sólida que não entro em choque com nenhum dos sete anjos cardeais. E se às vezes desagrado a algum anjo intermediador, logo nossas diferenças desaparecem, pois as reais vontades dos sete anjos cardeais aparecem para dirimir dúvidas, se dúvidas restarem. Portanto, vá cuidar de sua vida e do seu ponto de forças, procurando sempre estar numa posição de equilíbrio entre os sete anjos cardeais e verá crescer seu conceito entre os sete anjos intermediários, que são os transmissores das reais vontades deles. E aí, será procurado por eles para executar grandes missões. Mas vá devagar. Este é um processo que leva tempo para ser colocado em uso. Cautela, astúcia e objetividade são a essência do processo.

— Não sei por que, mas tenho a nítida impressão de que você, cautelosamente, objetivamente e muito astutamente está lançando um cordão mental em minha direção, com um objetivo muito bem pensado: subjugar-me mentalmente ao seu grupo de Exus de Lei, certo?

— É claro que estou. Mas se assim procedo é porque você ainda é um Exu novo e precisa de um mentor em quem possa confiar e se apoiar, certo?

— Que absurdo! Se eu continuar a dar ouvidos a você, mal terei me livrado de um Lucighor no inferno e estarei submisso a outro no meio! Que loucura! O senhor ouviu isto, grande Mago da Luz?

— Ouvi sim, Hemisarê.

— Por que será que, mesmo já não tendo o meu mistério, ainda sou cobiçado?

— Você ainda não descobriu a razão de tanta cobiça?

— Não tenho a menor idéia, grande mago. Por favor, esclareça-me.

— Tanta cobiça se deve ao fato de você trazer em si um mistério mil vezes maior, mais poderoso e mais abrangente que o que perdeu, temporariamente!

— Que mistério é este?

— Não é possível! Lucighor fez mesmo um bom trabalho com você, Hemisarê!

— Que trabalho?

— O de confundi-lo mentalmente e a tal ponto, que você, um iniciado na origem, não consegue mais atinar com sua iniciação original como guardião de Lei do ponto de forças das Sete Encruzilhadas do Campo Santo. Você era o guardião responsável por ele antes de ter sido obrigado a encarnar para difundir a existência dele entre as correntes de espíritos lançados na senda reencarnatória. Aí, o Anjo das Trevas, por motivos que desconheço, achou que você poderia servi-lo melhor se usasse com mais intensidade o mistério que trazia em seu sétimo sentido, e o resto você já conhece, pois tem boa memória.

— Por que desconheço o que não está no resto que conheço?

— Bom. Você viu-me oferecer duas alternativas ao iniciado encarnado, não?

— Sim, lembro-me bem disso.

— Pois é isso, Hemisarê! Você era o guardião do trono das Sete Encruzilhadas, mas realizava suas funções de forma inconsciente. Tudo acontecia, digamos, automaticamente e sem que tivesse noção, pois vivia sob o efeito das emoções. Tudo naquele ponto fluía naturalmente, uma vez que as Sete Encruzilhadas do Campo Santo são o seu Degrau original, e do qual você se afastou quando, por razões que desconheço, passou a viver o seu grau à esquerda do Degrau do iniciado encarnado. Mas quando esgotou seus serviços ao Anjo das Trevas, ele o devolveu ao Anjo da Morte para que, conscientemente, pudesse reassumi-lo.

— Mas está sendo difícil para você, porque os auxiliares do seu Degrau, os graus deles estão espalhados por todas as linhas de Lei e pontos de forças, ou pelas trevas humanas.

— Estou pasmo, grande Mago da Luz!

— Eu sei que está. Isto sempre acontece quando descobrimos quão grande é o bem que escapou de nossas mãos.

— Como me livrar da cobiça alheia e começar a reunir os meus graus até que, estando com todos ao meu lado, e cada um no seu lugar, eu volte a ocupar meu Degrau?

— Fazendo como fez o iniciado encarnado.

— O que ele fez?

— Renunciou ao livre-arbítrio, à vontade, aos desejos, e ofereceu seu destino e sua vida ao Divino Criador que, satisfeito por ver que

finalmente um instrumento de Suas vontades divinas estava dando sinais de cansaço diante das confusas vontades humanas, falou-lhe no íntimo.

— O meu Criador já conversou comigo, grande mago.

— Você se lembra de tudo o que d'Ele ouviu?

— Sim senhor.

— Isso é bom. Só é preciso que encontre alguém muito confiável aos seus olhos, seus sentidos e sentimentos, e que esteja disposto a ajudá-lo na busca dos graus do seu Degrau. Depois tudo será somente uma questão de tempo, que tanto pode durar uns poucos séculos quanto alguns milênios. Mas tudo será mais fácil, pois um objetivo a ser alcançado norteará todas as suas ações relacionadas com o meio, o alto e o embaixo. Assim como com o à frente e o atrás, e o mesmo ao redor do todo que é o Trono das Sete Encruzilhadas do Campo Santo.

— Eu confio no senhor.

— Vá com calma, Hemisarê. Não pode me achar confiável apenas porque estou auxiliando o iniciado encarnado. Deve saber que muitos são os riscos. Muitos estão comigo nessa missão para com ele e, às vezes, por mais precavidos que sejamos, algo nos escapa e lá se vão séculos de árdua dedicação na busca de um grau do Degrau. E quando isto acontece, temos de recomeçar tudo novamente!

— Por que isto acontece?

— O que ocorreu com você quando entrou na senda encarnacionista?

— Caí pelo meu mistério do sétimo sentido da vida.

— Na verdade não foi uma queda. O que realmente aconteceu é que você estava inconsciente dos seus deveres e ao ser lançado no meio da grande corrente humana, tal como uma pedra lançada numa grande corrente aquática, foi arrastado ao sabor desta corrente até que, encontrando seu ponto magnético, absorveu uma fúria energética que estava ligada ao seu grau no Degrau do iniciado encarnado. E se antes você realizava o que lhe competia a partir da esquerda do Degrau, passou a realizar a partir da sua visão humana das coisas. E se antes não se atinha a julgamentos humanos das ações realizadas pelos espíritos humanos, pois era guiado pela visão divina que possuía como grau assentado, acabou por lhe faltar o auxílio da visão divina das ações antes de recorrer à sua visão humana. Portanto, só com a visão humana, e só humanamente, você via seus semelhantes. A partir daí, todos os recursos eram válidos em suas tentativas de anular nos espíritos negativamente magnetizados nos sentimentos que, aos seus olhos, se mostravam como vícios e desvirtuamentos nas condutas

pessoais ou gerais. O seu grau está à esquerda do Degrau, e você, distante das funções originais Dele, exerceu em toda sua abrangência o magnetismo contido só em você a partir de então. Se foi certo ou errado, bom ou mau, só à Lei compete julgar. Mas você nunca se realizou pessoalmente e foi atormentado o tempo todo enquanto realizava seus deveres como depositário de um grau e portador de um mistério. Você fez o que podia ou achou que devia fazer, e isto já foi o bastante para a Lei, pois ela sabia de suas limitações, uma vez que só possuía a visão humana das coisas da vida. Mas agora, não. Agora a Lei irá puni-lo com rigores cada vez maiores, caso não venha a reconquistar a visão divina das coisas da vida, sob o ponto de vista da Lei. Antes de recorrer aos poderes do Mistério das Sete Encruzilhadas contra um ser humano, terá de observar bem se um espírito ainda está sendo levado pela grande correnteza das emoções humanas, ou se já encontrou um ponto magnético onde, por estar também ele magneticamente carregado, aderiu e parou para integrar-se ao magnetismo do ponto onde encontrou alguma afinidade emocional, energética, ou complementadora. E tem mais uma coisa que não deverá esquecer: os seus mais poderosos adversários serão justamente os graus afastados do seu Degrau, porque eles estão ligados emocionalmente a outros Degraus ou ponto de forças. Não será pacificamente que serão traídos para perto, para então, e só então, começar o processo de assentamento deles nos graus do seu Degrau. Esse trabalho pode durar séculos ou até milênios.

— Ainda assim, confio no senhor e gostaria de tê-lo como meu mentor neste longo processo.

— O preço a ser pago é alto, Hemisarê.

— Aceito pagar qualquer preço, grande mago!

— Eu também terei de pagar um alto preço.

— Por quê?

— Poucos entenderão que certas ações minhas terão como objetivo final recolocá-lo no seu Degrau, pois uma ação desta envergadura não pode e não deve ser comentada por tratar-se de um mistério da Lei.

— O silêncio será absoluto?

— Nunca poderá colocar em dúvida ou discutir uma ordem minha. Algumas vezes, nem você poderá saber o porquê das ações, uma vez que irá recompor o seu Degrau de forma inconsciente até que, tendo reunido cada grau dele, aí optará por continuar inconsciente ou consciente na sua condução.



— O que acontecerá realmente com o iniciado encarnado daqui em diante?

— Por que pergunta?

— Bom, eu já vi a realização do acordo selado no geral e hoje vi no particular ou individual. E vi que, por tudo acontecer a partir do espiritual dele, na verdade ele não tem a noção exata do que está acontecendo. Agora mesmo, olhando-o, vejo muitos espíritos sendo energizados por ele. E se observo expressões de paz em suas feições e vibrações, ele, no entanto, está insensível ao que realmente está ocorrendo. Logo, isto significa que ele está inconsciente, não?

— Sim. Mas é inconsciente só quanto à realização e não quanto ao que está sendo realizado, pois isto ele já aceitou, ainda que com reservas. E isto tem de ser assim, senão o emocional dele não suportaria a realização de algo tão abrangente neste ou em qualquer outro sentido.

— Então, mesmo consciente do que está ocorrendo, ele continuará a ser atormentado, tal como eu fui por tanto tempo, grande mago!

— Por quê?

— Tudo acontece no corpo espiritual e não no mental. Logo o emocional dele estará a tal ponto sobrecarregado, que esse cordão que o mantém submisso ao poder mental do senhor não será suficiente para aliviá-lo da tensão emocional. Ninguém resiste a uma carga energética tão grande por muito tempo. Assim, todos os outros sentidos dele irão voltar-se contra ele, lançando-o no pior dos tormentos: ter não tendo e possuir sem sentir! Eu conheço isto, grande mago!

— Conto com meu poder mental para mantê-lo submisso, até que a hora da transição de um plano para outro chegue. A partir daí a sua consciência mental despertará, enquanto a consciência material começará a desaparecer. Além do mais, quando o corpo material for descartado, começará a acontecer a auto-realização durante a doação de energias através do sétimo sentido. E isto será de grande valia na própria realização do acordo selado, que não tem condições de se auto-realizar. A opção será dele, ou seja: o meio que melhor o satisfaça ou a ele se adapte e seja aceito livremente será o meio que prevalecerá na realização do acordo selado. Mas aí, com ele já consciente mental e espiritualmente, tudo será mais fácil de se conseguir!

— Aí residem meu medo e minhas dúvidas.

— Por quê?

— Eu estive bem próximo do Anjo das Trevas e aprendi que ele persegue todos os que não estão realizando sua parte no Todo. Logo,

como ficarão todas aquelas que já não têm um Hemisarê a esgotá-las energeticamente?

— Os cordões estão surgindo automaticamente, Hemisarê. A partir do estabelecimento deles, o próprio mistério se encarregará de drenar as energias que serão irradiadas por quem estiver na outra ponta e as conduzirá até aquele enorme Trono energético que você viu.

— Aquilo é impressionante, grande mago. Quanto acúmulo energético existe nele?

— Apenas o suficiente para ir neutralizando as energias que estão chegando por aquele grosso cordão negro que o alcança e é absorvido pelo seu mistério. Mas assim que realiza o acordo selado, o trono energético se contrai até alcançar suas dimensões dentro de padrões humanos. E assim será com ele de agora em diante e por todo o sempre, ainda que venha a recusar o acordo selado mais adiante, quando estará em condições de avaliar no que realmente o Alto e o Embaixo, num acordo selado, o transformaram. Todos os setenta e sete graus da direita e da esquerda apenas nele agora estão concentrados.

— Que loucura! Se ele não suportar, terão gerado um monstro!

— Mas se suportar, mais um anjo humano terá sido gerado no meio, Hemisarê.

— Que riscos estão correndo esses Anjos!

— Por que tanta estupefação?

— Ora, eu, limitado dentro de um grau e só realizando o que de mim era exigido, ainda que negativamente, já fui visto como um monstro e chamado de demônio, grande mago!

— Tudo envolve riscos, Hemisarê. E nos riscos está o preço a ser pago.

— Então o preço a que o senhor se referiu é este?

— Sim, é este. Se levarmos a bom termo seu reassentamento no seu Degrau, mais um anjo humano o meio terá. Se não...

— Um monstro mil vezes pior que Lucighor estará solto no meio, certo?

— É isso, Hemisarê. Portanto, reflita bastante e medite muito antes de decidir-se a reassumir conscientemente seu Degrau, certo?

— Sim, senhor.

— Depois, com tudo já decidido por você, então voltaremos a falar sobre isto.

— Está certo. Vou refletir em cima do que já pude observar e com o que ainda observarei.



— Faça isto, Hemisarê!

— Diga-me: Li-An-Serí também passará por esse processo de reenergização no mistério?

— Sim. Assim terá de ser tão logo ela volte a se sentir senhora de seu sétimo sentido da vida.

— E depois?

— Caso o mistério queira liberá-la, ela será atraída naturalmente por alguém em equilíbrio energético que tenha um magnetismo afim com o dela. Mas até lá, qualquer tentativa dela nesse sentido só irá lançá-la de novo num tormento ainda pior do que aquele que ela viveu até agora. Ou já esqueceu que esta é uma das cláusulas do acordo selado?

— Pensei que talvez agora que já não trago em mim aquela fúria...

— Esqueça-a, Hemisarê. De você ela já não se lembra mais. Tudo foi apagado da memória dela. E isto tanto para o bem dela quanto para o seu, pois, se ela se recordar de que foi você quem a lançou num tormento dolorido, certamente voltará a odiá-lo com todas as forças.

— Isto quer dizer que a perdi para sempre, não?

— Perdeu sim. Portanto, volte sua atenção a quem realmente tem ligações ancestrais com você neste sentido. Somente assim ambos se sentirão bem.

— Perdi muitas coisas de grande valor, grande mago.

— Talvez só assim, sentindo que perdeu tudo, tenha ânimo para lutar com todas as suas forças pelo seu Degrau. E quando nele for assentado terá ao seu lado suas verdadeiras ligações em todos os sentidos, Hemisarê.

— É, ela e eu nunca formamos um par ideal, equilibrado e harmonizado. Se ficamos próximos foi porque eu a dominava mentalmente, usando de recursos não aceitos pela Lei e pela Vida. Antes assim, pois ao menos poderei saber como ela estará se saindo em sua nova jornada luminosa.

— Quando ela começar a se sentir equilibrada será encaminhada a uma linha de Lei passiva, para que, aos poucos, volte a ser integrada à corrente original por onde ela “navegava”. Então será despertada para o culto à natureza divina das coisas, até que venha a estar apta a assumir o grau que possuía.

— Tenho certeza de que o senhor cuidará para que isso ocorra no mais breve tempo possível.

— Farei minha parte. O iniciado encarnado também fará a parte dele. Só espero que você venha a fazer a sua, Hemisarê.

— Qual é a minha parte, grande mago?

— Não procurá-la e nunca mais voltar a incomodá-la neste sentido, ou em qualquer outro.

— O senhor quer dizer-me isto: esqueça-a! Certo?

— Isto mesmo, pois se você lançar algum cordão na direção dela, aquele fogo vivo irá percorrê-lo e em seu espírito se instalará na forma de uma fúria da Lei, que irá consumi-lo com uma voracidade maior que o sangue vivo a consumiu, Hemisarê.

— Tem certeza disso?

— Absoluta. Mas se tiver dúvida, bastará dar uma olhada nos domínios negativos do sétimo sentido da vida e verá muitos espíritos masculinos sendo consumidos pelo fogo vivo porque tentaram restabelecer cordões de ligações emocionais com as que já foram absorvidas pelo mistério dentro do acordo selado.

— Que perigo estou correndo!

— Talvez seja melhor para você dar uma olhada em alguns já atingidos pela fúria ígnea do mistério, certo?

— Como localizarei alguém que esteja sendo consumido?

— Isto é fácil! — exclamou o Mago da Luz, que a seguir moveu a mão direita e abriu uma passagem para um domínio negativo onde se viam não um, mas muitos espíritos masculinos caídos nas trevas, sendo incomodados por um tormento invisível aos olhos deles, mas não aos nossos, que podíamos ver seus sexos ardendo nas labaredas de um fogo alaranjado. Aí o Mago da Luz falou-me:

— Esta é a Lei em ação, Hemisarê. Ela não precisa da ajuda dos anjos, dos demônios ou dos humanos para realizar-se. Como o Degrau foi restabelecido, e por ser um Degrau da Lei e da Vida, ele pune os excessos e supre as carências. O que estamos vendo acontecer com esses nossos irmãos é um esgotamento de seus sentimentos viciados ou desvirtuados sem outro concurso que não os contidos na Lei. O incômodo é tão grande que deixam de pensar em quem quer que tenha sido o objeto de suas obsessões e fixações e só preocupam-se em livrar-se do tormento invisível que, se os está incomodando, também está consumindo todas as energias negativas acumuladas

em seus sentidos. E quando todas as energias negativas de ordem sexual tiverem sido consumidas, o fogo, invisível a eles, se alastrará pelo resto de seus corpos espirituais e passará a se alimentar das energias negativas acumuladas nos outros sentidos, até que estejam livres de quaisquer acúmulos. Aí voltam a reencarnar e reiniciar suas caminhadas.

— Fantástico, grande mago!

— É divino, Hemisarê.

— Tem razão. Isto é divino! O Degrau da Lei é tão completo e auto-suficiente que traz em seu mistério a cura do obsessor e do obsediado!

— E isto sem precisar do concurso dos homens, dos anjos ou dos demônios. Tal como está escrito numa das cláusulas do acordo selado, não?

— Sim, isto está escrito. E se não entendi quando li, agora compreendo perfeitamente!

— Aí está a razão do porquê de os regentes Degraus serem tão perseguidos, Hemisarê.

— Sim. Não interessa aos grandes, pois perdem suas funções como punidores dos excessos humanos e se tornam descartáveis aos olhos da Lei e da Vida.

— Isto quando eles também não começam a ser consumidos pelas fúrias da Lei, certo?

— É verdade. Um Degrau é um perigo mortal para os grandes das trevas. Com ele ocupado por seu legítimo guardião de Lei, aquele que se voltar contra ele, por ele será esgotado. É isto, não?

— Isto mesmo. E por aí você pode entender o quanto os graus de um Degrau são confundidos, com o único intuito de nunca retornarem aos seus assentos originais.

— Agora eu sei. Fui induzido a perseguir o iniciado encarnado como se ele fosse uma ameaça à minha vida. E isto me foi passado com tanta convicção, que tudo fiz para atormentá-lo, até que o derrubamos.

— E só não acabaram com ele porque nunca foi isto que o Anjo das Trevas desejou. O que ele realmente queria é que o mistério do Degrau do iniciado consumisse as energias negativas geradas pelos espíritos viciados e desvirtuados, já que as energias geradas por eles só aumentavam o tormento em que ele vive, que vive na ausência da Luz. E se você não sabe, o tormento do Anjo das Trevas não é a Luz, mas a ausência dela nos seus domínios e em sua existência.

— O Anjo das Trevas, segundo Lucighor, queria o iniciado servindo-o. Mas talvez nem Lucighor tivesse a noção exata de como isto teria que se processar.

— O mais provável é que Lucighor soubesse que, se aquelas sete escravas que haviam caído sob o domínio mental dele fossem absorvidas pelo mistério, caso o acordo selado se realizasse, o primeiro a ser atingido seria ele, como acabou sendo, ainda que não pelo fogo vivo, pois tomamos todas as precauções para preservá-lo, uma vez que há um degrau vazio que num passado remoto era ocupado por ele. Assim, um dia, e não importa quando este dia chegará, nós ou outros Magos da Luz o ajudaremos a reassumi-lo, pois só o seu legítimo ocupante nele poderá se assentar sem ser fulminado pelas energias que fluem por seu trono energético.

— Grande mago, por que é tão difícil para nós, depois de lançados pelo Criador no meio carnal humano, atinarmos com as verdades? Por que não entendi há milênios que longe do meu Degrau eu sofreria e faria outros sofrerem, ao passo que, assentado nele, tudo eu faria como realmente deveria estar fazendo?

— Antes fazíamos tudo inconscientemente, Hemisarê. Mas creio que nosso Criador nos quer conscientes dos nossos deveres e reais capacidades. Se não for por isto, então teríamos como nos conduzir no mesmo processo que rege os vegetais ou mesmo as bactérias no plano material. Lá, as bactérias não têm consciência do que fazem. Mas fazem tudo aquilo que, na natureza, a elas o Criador designou. Elas também crescem e se multiplicam, têm seus mecanismos de autodefesa, vivem em colônias e só habitam os nichos a elas reservados. Mas se isto acontece no microcosmo, temos os peixes, já mais próximos da natureza humana, mas ainda não dotados da consciência. Vivem suas vidas de forma inconsciente, e inconscientemente desempenham as funções a eles reservadas na natureza pelo Divino Criador. E os peixes têm todos os processos básicos que geram um corpo humano, não? Eles nascem da união dos óvulos com os espermatozóides, têm uma geração e são lançados no grande oceano para seguirem cumprindo com as funções a eles confiadas. E fazem tudo inconscientemente.

Saindo das águas, temos os reinos animais, onde os seres, inconscientemente, mas já dotados do instinto de sobrevivência, da percepção e da sensibilidade, além de alguns sentidos, também cumprem as funções a eles reservadas pelo Criador.

Finalmente chegamos ao homem.

Aí tudo se complica, pois além de dotados de tudo o que os animais possuem, somos dotados daquilo que convencionamos chamar de sentidos capitais originais, que são: a Fé, a Razão, o Conhecimento, a Lei, o Amor, a Sabedoria, etc. Com estes sentidos principais, e incontáveis outros, a todo instante estamos nos contradizendo, nos magoando, nos ofendendo, nos elogiando, nos dominando, etc., etc., etc., mas também estamos evoluindo, tanto no plano físico quanto no espiritual e no mental. Temos despertado em nós a consciência, mas não de um modo abrupto ou violento. Não. Tudo se processa de um modo preestabelecido que, por mais que tentemos, dele não conseguimos fugir. De nada adianta atentarmos contra essa nossa natureza humana, pois só estando em harmonia com ela ou com as coisas divinas que a tornam tão rica em recursos é que encontramos a paz interior. E não estou falando da natureza física, Hemisarê!

— Estou entendendo, grande mago.

— Fico feliz por você. Siga adiante, pense, raciocine, reflita e medite muito. Aí surgirá em sua consciência uma vontade muito grande de despertar conscientemente para a grandeza do seu Degrau e, quando estiver conscientemente assentado nele, não verá mais nem anjos nem demônios. Só seres humanos!

Retornei ao ponto de forças das Sete Encruzilhadas do Cemitério, reassumi o meu trono e dediquei-me totalmente aos meus deveres e obrigações, como senhor Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Cemitério.

Pouco tempo depois, já usava pelo menos 50% de meu poder mental cuidando do meu ponto de forças. Desde que eu havia conversado com aquele grande Mago da Luz, outra visão passara a ter das Sete Encruzilhadas e dos seus domínios.

Os outros 50% do meu poder mental dediquei a observar os movimentos das correntes humanas, como Litimohê havia me ensinado; a observar os espíritos caídos nos domínios sob minha guarda e a descobrir os mistérios contidos tanto no trono por mim ocupado quanto nos poderes contidos no cetro totêmico das Sete Encruzilhadas.

À medida que o tempo corria, eu amadurecia como Exu Guardião de um ponto de forças da natureza. Acerquei-me de auxiliares cada vez mais leais, dos quais passei a exigir uma conduta estritamente dentro dos limites

das leis que regem os pontos de forças negativos e, quando me senti apto, forte e capaz de abrir uma nova frente de ação, comecei a ajudar meus auxiliares a se libertarem da influência mental exercida sobre eles pelos grandes das trevas.

No começo esta nova frente não representava uma ameaça ao meu posto e aos meus domínios, mas aos poucos os revides dos grandes começaram a crescer de intensidade e chegaram a tal ponto, que eu já vislumbrava minha queda logo mais adiante.

Em desespero de causa, peguei aquela espada que um dia Lucighor me entregara dizendo que o Anjo das Trevas havia ordenado que a mim fosse devolvida e, segurando com firmeza sua empunhadura, desembainhei-a e apontei-a para o alto e clamei:

— Pelas Sete Encruzilhadas do Campo Santo, pelos símbolos negativos gravados em sua lâmina, mostre-me seu poder, seus mistérios e suas fúrias, espada da Lei das Trevas!

Não sei por que pedi aquilo, mas ainda bem que pedi, pois aquela lâmina, através daqueles símbolos, irradiou todos os tormentos da Lei de uma só vez e com tanta intensidade, que eu e o trono onde estava assentado parecia que íamos explodir. Eu estava no centro de uma explosão desordenada de energias tão poderosas, mas tão poderosas, que um caos cósmico se formou à minha volta e em todas as direções em que eu olhava. Eu tremia todo e vibrava, já prestes a virar pó, quando uma idéia ocorreu-me como a última esperança para não ser desintegrado:

— Grande Mago da Luz das coisas divinas, auxilie-me antes que seja tarde para mim! — gritei desesperado.

Uma passagem de luz abriu-se no meio daquele caos energético e ele surgiu bem na minha frente. Imediatamente, começou a instruir-me:

— Hemisarê, envolva sua mão direita, que empunha a espada, com a sua mão esquerda.

— Não posso! Se eu me soltar do encosto desse trono sou tragado pelo cabo da espada, que está me puxando para dentro dela!

— Faça o que estou ordenando e nada tema! Eu o sustentarei mentalmente enquanto passa a espada para sua mão esquerda!

Obedeci, e a mão direita, bem devagar, foi cedendo a empunhadura à mão esquerda. Quando consegui, ele ordenou:

— Agora mentalize cada símbolo da lâmina dela e comece a absorver, através de sua mão esquerda, as energias que fluem através deles para o exterior da lâmina.

— Tenho de fazer isto? Vou explodir, grande mago!

— Não explodirá, Hemisarê. Quando você saiu deste trono para encarnar, a Lei concentrou os poderes, mistérios e fúrias do mistério das Sete Encruzilhadas nesta espada simbólica encantada, tornando-a a guardiã dos poderes antes em você concentrados. Ela permaneceu em sua cintura, ou melhor, ligada ao seu espírito, até que você caiu em desequilíbrio e afundou nas esferas energéticas mais densas, quando então do seu espírito ela se desligou, pois o cordão energético que unia a ambos rompeu-se. Um novo cordão irá se formar assim que você absorver em seu todo espiritual as energias que estão sendo irradiadas. Vá ordenando mentalmente a reabsorção para que o processo não ultrapasse sua capacidade de absorver energias, Hemisarê. Faça como estou ordenando e logo descobrirá qual é sua capacidade, está bem?

— Vou fazer como ordena. Mas se eu explodir e restar apenas o meu ovóide, o senhor promete que me adormecerá para que não venha a sentir dor?

Pela primeira vez vi aquele grande mago sorrir, antes de me dizer:

— Se isto acontecer, prometo que dormirá o sono dos anjos, Hemisarê!

Não sei por que, mas amei aquele grande mago a partir daquelas palavras ditas num momento em que ele mostrou-se tão seguro e descontraído. Aos meus olhos pareceu ser um anjo. Criei coragem e iniciei o processo mental de reabsorção daquele caos energético. Aos poucos, todas aquelas energias começaram a fluir pela minha mão esquerda, braço e finalmente, alojaram-se em meu peito, que parecia inchar cada vez mais. Aí o mago ordenou que mentalmente eu as deixasse fluir pelo meu corpo espiritual, até que mentalmente pudesse recolhê-las nos meus sentidos, onde se alojariam e permaneceriam submissas, às minhas ordens mentais. Através dos meus sentidos elas fluiriam de acordo com minhas necessidades!

A realização de tudo aquilo exigiu de mim uns 200% do meu poder mental, mas quando tudo se aquietou no mais íntimo do meu ser, sentia-me outro. Senti-me revigorado, fortalecido e poderoso, muito poderoso! Sentia que poderia descer nos infernos e acabar com todos os meus inimigos a golpes de espada, ou até mesmo com as mãos, se assim quisesse.

O grande mago, captando aqueles meus pensamentos, olhou friamente para mim e perguntou-me com uma voz metálica, cortante e penetrante:

— Foi para isto que você pediu minha ajuda, Hemisarê?

Um frio que eu já conhecia, percorreu-me de alto a baixo e gelou até o Trono das Sete Encruzilhadas. Senti que o espectro da morte pairava acima de minha cabeça.

— Não, grande mago. Mas estou sendo perseguido por metade do inferno e a outra metade está à espera para ver se algum pedaço dos meus domínios restará para ele. Espero que o senhor compreenda que eu, quando empunhei esta espada, estava desesperado por verme atacado por todos os lados, vendo cair meus melhores e mais leais auxiliares. Muitos médiuns de Umbanda que tiveram a guarda de suas esquerdas confiadas a Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Cemitério estão sofrendo diante da perseguição implacável dos grandes das trevas. Centros de Umbanda protegidos pelos meus estão se desagregando, fechando ou entrando em desarmonia. Médiuns caem doentes ante poderosas emissões energéticas negativas a eles direcionadas por magos das trevas, ou até fontes negativas de energias localizadas nos tronos das trevas, coisas estas que o senhor bem conhece, não?

— Sim, eu as conheço.

— Então, não é normal minha primeira reação? Ou eu, o guardião desse ponto de forças, devo ficar quieto vendo o ponto de forças a mim confiado ser engolido pelos domínios das trevas?

— Você se lembra dos sete sentidos capitais de que lhe falei?

— Sim, senhor.

— Cite-os!

— Bom, são os sentidos da Fé, da Lei, da Razão, do Conhecimento, do Amor, da Sabedoria e da Vida, não?

— São sim, pois a ordem não importa. Mas no seu caso a Lei vem em primeiro lugar, pois você é um guardião da Lei de um ponto de forças das linhas de Lei de Umbanda. E a Sabedoria deve ser o segundo sentido para você, pois a lei aplicada com ignorância não é lei, é apenas reação cega e tola. A seguir, para você, vem o conhecimento das causas, pois sem conhecimento delas não chegará à Justiça, o seu quarto sentido capital que sempre lhe dirá como aplicar a lei, tanto para si quanto para seus semelhantes. Aí, em você, vem o quinto sentido, a Vida, pois só poderá recorrer aos poderes do ponto de

forças a você confiado se for para deixar a vida fluir naturalmente, ou para sustentá-la. E sustentar a vida exige desprendimento pessoal, anulação dos sentimentos mais íntimos e sua substituição pela crença, confiança ou fé, pois somente acreditando que fizemos parte de um sistema ordenado e conduzido pelo Todo-Poderoso, ele nos fornecerá razões. O seu sexto sentido, para nos dedicarmos na ordenação de todas as vidas, razões e causas numa só direção: o crescimento das partes que formam o Todo. E com isso bem solidificado em seu íntimo, vem o sétimo sentido, o Amor, pois só por amor ao Criador, às criaturas e a nós mesmos, seremos tolerantes, sem sermos condescendentes, firmes, mas não cruéis, maleáveis, mas não vergáveis. E sabe o que isto significa? Significa que podemos até tolerar que outros errem por ignorância, mas não podemos ser condescendentes com nossos próprios erros ou erros alheios. Devemos ser firmes no nosso grau ou Degrau, mas nunca sermos cruéis a ponto de usarmos dos poderes, mistérios e fúrias da Lei sob nossa guarda. E finalmente, devemos ser maleáveis o bastante para entendermos as razões que movem quem nos combate, mas não nos vergarmos a elas se quisermos sobreviver. Logo, não é justo aos olhos da Lei você sair do seu ponto de forças, mergulhar nas trevas e ir dar combate a seus inimigos nos domínios deles, pois cada vez que um deles cair, menores serão seus próprios domínios.

— Como combater inimigos tão poderosos, grande mago?

— Eles são poderosos ou fortes, Hemisarê?

— Qual a diferença?

— Força tem um Trono das Trevas, mas poder, só um Trono da Lei possui, quer seja um trono num ponto de forças positivo ou negativo. E sabe por quê?

— Não, senhor.

— O poder está no ponto de forças, pois cada ponto é um grau da evolução humana e um Degrau da Lei e da Vida. Isto é poder, Hemisarê!

— Por que o senhor se recusa em assumir meu reassentamento no meu Degrau, grande mago? Eu confio no senhor, gosto de ouvi-lo, e...

— E...?

— Droga! Inferno, mil infernos!

— E...?

— Bom, eu o amo de verdade.

— Por que acha que me ama? Só por que lhe pareço confiável? Não está confundindo admiração e respeito com amor, Hemisarê?

— Eu o admiro, respeito, gosto do senhor, confio no senhor, sinto-me bem quando estou perto do senhor, transmite-me uma segurança e uma lealdade que nunca vi antes nos olhos de nenhum semelhante meu e gostaria, mas gostaria muito mesmo, de poder abraçá-lo e sentir um pouco do calor humano que o senhor irradia à sua volta. E se isto não é amor, e se eu não sou humano o suficiente para amar alguém que desperta tudo isso em mim, então não sei o que é o amor.

Aquele grande mago abriu os braços e com os olhos derramando lágrimas cintilantes e multicoloridas falou-me:

— Venha irmão meu, abrace-me com todo este seu amor, pois eu também o amo muito e há muito desejava abraçá-lo e senti-lo bem junto de mim!

Não sei o que estava acontecendo comigo, mas abracei aquele grande mago com tanto desespero e ao mesmo tempo com tanta vontade de sentir aquela luz e aquele calor que ele irradiava, que assim que nos abraçamos comecei a chorar. Isto mesmo! A chorar como uma criança que sentia que começa a descobrir o que realmente havia perdido na vida: não tinha um pai, uma mãe, um irmão ou um amigo. Eu nada tinha! E se era o poderoso Senhor Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Cemitério, no entanto, não podia fechar meus dois olhos ao mesmo tempo, senão nunca mais voltaria a abri-los, pois me vigiavam o tempo todo à espera de um cochilo meu para me abaterem, como os caçadores profissionais abatem suas mais ariscas presas quando cochilam!

As lágrimas de sangue que eu derramava eram absorvidas pela veste de luz que cobria o corpo de pura luz daquele protetor da criação e das criaturas. Como me senti bem ao receber em meu espírito imortal aquela luz, aquele calor humano e aquele abraço amoroso de um ser que só despertava em mim sentimentos positivos. Quando só solução saía do meu íntimo, ele, com a voz terna e amiga, falou:

— Está certo, irmão amado! Eu o auxiliarei até que tenha reconquistado seu Degrau e possa ver seus irmãos ocupando, cada um deles, seus assentos tanto nos graus à direita quanto nos graus à esquerda dele. Pode contar comigo e com os meus nesta nova etapa do despertar de sua consciência, até que conscientemente seu Degrau volte a estar com você onde quer que você venha estar, porque um dia, e não importa quando este dia tenha sido, o Alto e o Embaixo também selaram um acordo no qual você era o objeto do acordo. E o objetivo a ser conquistado era você assumir

seu Degrau com plena consciência de seus deveres e obrigações perante a Lei e a Vida.

— Confio no senhor. E não sabe quanto preciso ter alguém em quem possa confiar!

— Imagino que, para alguém que passou tanto tempo num meio tão autofágico como as trevas, confiança num semelhante seja um dos bens mais desejados, não?

— É o bem mais desejado, grande mago.

— Vou enviar-lhe auxílio para que supere estas dificuldades momentâneas com o baixo-astral. Mas lembre-se: ao destruir um grande das trevas, talvez esteja perdendo para sempre um dos ocupantes dos graus do seu Degrau, e sem que todos os graus estejam assentados, o acordo selado em relação a você nunca poderá se realizar.

— Como devo proceder com eles?

— Se outra alternativa não encontrar ou não restar, então guarde o ovóide dos grandes que vierem depositar seus destinos finais aos pés do Trono das Sete Encruzilhadas e quando eu vier a estar com você novamente, entregue-os para que eu os adormeça, num humanismo aceitável aos olhos da Lei.

— Tenho um acordo com Litimohê.

— Esqueça tal acordo, Hemisarê.

— Tenho de aprender aquilo que ele disse conhecer.

— Você tem o cetro totêmico com os sete símbolos das trevas, não?

— Tenho sim. Mas o mantenho oculto de todos, pois ainda não tenho certeza para que serve, se serve ou se é só mais uma tentação para retornar às trevas profundas.

— No cetro totêmico estão todos os mistérios das trevas, Hemisarê. E Litimohê só estava testando seus conhecimentos para saber se podia contar com sua ajuda em caso de necessidade ou perigo iminente.

— Por quê?

— Litimohê é um dos meus auxiliares diretos e também tem a posse de um cetro totêmico simbólico com os sete símbolos das trevas. Só que ao contrário de você, ele o domina e sabe como e quando deve usá-lo.

— Eleve-me à condição de seu auxiliar direto, grande mago.

— Não, Hemisarê. Quando você estiver pronto, será auxiliar direto de alguém que se apresentará a você. E quando isto acontecer, indiretamente, será um dos meus mais leais e confiáveis auxiliares.

— Por que acontecerá assim?

— Quando isso acontecer, estará servindo à Lei e à Vida e isento de qualquer viciação! E quem chegar a este ponto será um auxiliar indireto, mas leal e confiável, de todos os que servem à Lei por respeito ao Criador e por amor à Vida. Esses dois sentimentos tão fortes em mim são os fundamentos onde meu Degrau está assentado. E quando isto ocorrer com você, estes também serão os fundamentos onde seu Degrau estará assentado.

— Eu poderia ficar conversando com o senhor pelo resto da minha existência e não me cansaria de ouvi-lo.

— Então seja meu discípulo, Hemisarê.

— Discípulo?!

— Claro. Você também já foi um grande Mago da Luz Cristalina. Podemos aceitar como discípulos mesmo os auxiliares de outros grandes magos. Ou já não se lembra disso?

— Acho que me esqueci de todas as coisas positivas que aprendi. Afinal, além de ter caído e convivido com outros caídos, muito tempo se passou desde então.

— Entre os que virão auxiliá-lo, estará um em quem poderá confiar totalmente e em todos os sentidos, inclusive confiando seu cetro totêmico simbólico a ele, que o ensinará a conhecê-lo e usá-lo corretamente. Ah! ele já está chegando!

No instante seguinte surgiu ao lado do grande mago um outro mago, também muito iluminado, que reverentemente nos saudou. Depois plasmou as vestes de um mago das trevas e pediu ao grande Mago da Luz Cristalina:

— Dê-me um dos seus ocultadores de luz, mestre!

— Claro, afinal, quem irá acreditar num mago das trevas tão luminoso?

Mais uma vez vi pairar um sorriso nos lábios do grande mago. Deduzi que estava feliz comigo e com o que começava a fazer por mim.

Fiquei admirado quando ele colocou na cabeça do mago recém-chegado um pequeno elmo opaco e toda a luz que ele irradiava desapareceu por completo, tornando-o tão opaco como o elmo em sua coroa, que foi coberta com o capuz, deixando visível apenas uma sombra sobre seu rosto. Aí, ele se ajoelhou diante de mim, cruzou o solo, saudou-me e falou:

— Poderoso Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Campo Santo, dentro dos limites da Lei que rege tanto a mim quanto ao senhor e o

Trono que ocupa, estou aqui para servi-lo em todos os sentidos. Sua vitória será a vitória da Lei e da Vida e sua derrota será a derrota deste humilde servo da Lei e da Vida que nada mais deseja além de servir a Lei e a Vida em todos os sentidos. Ao lado deste Trono deposito meu destino e aqui ele permanecerá até o dia em que tenha alcançado seu Degrau e nele, conscientemente, esteja assentado.

— Isto não é justo, lógico e aceitável, grande Mago da Luz Dourada. Mil vezes, mil vezes é superior a mim em todos os sentidos.

— O que aos seus olhos seria aceitável? Ter ao seu lado alguém inferior, que na primeira oportunidade não só o anularia como se apossaria deste Trono da Lei?

— Não, isto não seria aceitável, pois tudo seria em vão.

— Então é justo, lógico e aceitável, certo?

— Bom. Colocada desta maneira, nada mais recomendável que tê-lo ao meu lado, grande mago.

— E além do mais, só nós três sabemos qual é o meu grau. E como nenhum de nós irá comentar nada sobre isto, eu serei seu mago de confiança de agora em diante, para auxiliá-lo no caso de ter alguma dúvida sobre coisas que talvez já não se lembre mais, ou talvez desconheça, ou até para o caso de precisar de uma segunda opinião sobre decisões delicadas aos olhos da Lei e da Vida.

— Isto me parece aceitável, lógico, justo e muito sensato, já que renunciará ao seu grau na luz só para me auxiliar.

— Meu Senhor Exu Rei das Sete Encruzilhadas, não renunciei a meu grau, apenas o depusitei ao lado do Trono das Sete Encruzilhadas. Se meu grande mestre confia no senhor e o aceitou como mais um de seus discípulos, no senhor eu também confio e espero que em mim também confie, pois se não houver confiança mútua entre nós, indignos do nosso mestre estaremos sendo.

— Eu, como Senhor do Trono das Sete Encruzilhadas do Campo Santo o nomeio meu mago conselheiro, grande Mago da Luz Dourada.

— Honra-me, meu senhor. Procurarei não decepcioná-lo como seu mago conselheiro.

— Qual o primeiro conselho que tem a me dar?

— Eu sugeriria que posicionasse sua espada no lado direito da cintura.

— Por que no lado direito, mago conselheiro?

— Todo aquele que conhece o mistério dessas espadas da Lei sabem que quando usadas do lado direito serão desembainhadas, se preciso for, com a mão esquerda. E isto, caso venha a acontecer,

significa o tormento para quem for atingido pela lâmina dela. Logo, tudo farão para mantê-la embainhada, meu senhor.

— É um sábio, mago conselheiro.

— Não sou sábio, meu senhor. Só procuro ser digno do mestre que um dia estendeu sua mão firme e leal para mim e me confiou a tornar-me apto a ocupar meu grau. Sábio é nosso mestre comum, que viu em nós seres humanos dignos de serem aceitos por ele como discípulos de seu imenso saber, acumulado no decorrer dos tempos e enquanto estendia a mão aos que queriam se levantar! E sábio estará sendo se nunca me tratar com atenção, temor ou excesso de respeito, pois sou seu auxiliar de agora em diante.

— Nos entenderemos através dos olhos, mago conselheiro.

— Assim será, meu senhor.

Voltei meus olhos para o grande Mago da Luz Cristalina e perguntei:

— Grande mago, tudo tenho feito para esquecer Li-An-Serí, mas pode dizer-me como ela está?

— Claro. Nós a encaminhamos para uma linha de espíritos socorristas e agora ela dedica seu tempo a cuidar de espíritos resgatados do meio das sombras, até que venham a ser curados na casa de um médium o qual se dedicou a curá-los.

— Uma curadora!

— Só quem conheceu a dor em toda a sua intensidade está apto a entender quem se encontra na dor, Hemisarê. Não tenho dúvidas de que agora ela é feliz, ainda que de vez em quando ruídos do passado ecoem em sua memória imortal adormecida. Mas isto é passageiro, pois ela já irradia alguma luz.

— Minha consciência só irá encontrar paz no dia em que eu puder vê-la tão luminosa e equilibrada quanto o senhor.

— Se ela continuar progredindo tão rápido quanto tem progredido ultimamente, logo sua consciência não o incomodará mais, Hemisarê. Agora tenho de cuidar de outros irmãos. Até outro encontro, Senhor Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Campo Santo!

— Até... mas... e quanto ao meu problema?

— Que problema?

— Oras, a metade do inferno que está me combatendo e a outra que está à espera dos meus restos imortais!

— Logo a metade estará sendo anulada e a outra estará fugindo para bem longe para escapar do poder do Trono das Sete Encruzilhadas do Campo Santo.

— Tem certeza?

— Em caso de dúvidas, pergunte ao seu conselheiro o que aconteceu com os que tentavam fugir do mago encarnado, que você já conhece!

Voltei meus olhos para o meu mago conselheiro e, por trás da sombra que ocultava seu rosto, vislumbrei um sorriso discreto. Então perguntei:

— Conseguiram fugir, mago conselheiro?

— Muito pelo contrário. Quanto mais fugiam, mais próximos ficavam. E tão próximos ficaram, que tiveram de parar e assentar-se aos pés dele antes que nele encontrassem seus fins.

— Isso eu gostaria de ter visto.

— Logo os verá fugindo... para bem próximo deste Trono, isto lhe garanto, meu senhor! Afinal, até há pouco tempo eu era o mago conselheiro daquele mago encarnado!

Não me contive e comecei a sorrir timidamente, para logo a seguir gargalhar abertamente, pois vi no rosto do mago conselheiro o sorriso de alguém acostumado a enfrentar situações críticas.

Aos poucos meu conselheiro foi me revelando os mistérios do cetro totêmico, algo muito diferente do que eu conhecia: força e magia. Conheci os mistérios, o poder e seus campos de ação, seus alcances, quando e onde usá-los, etc. Seis meses depois de ter conversado com o grande Mago da Luz Cristalina, já não tinha inimigos nas trevas. Apenas adversários! Mas muitos ovóides ou sementes humanas eu havia acumulado antes de chegar à paz com o Embaixador. E meu mago conselheiro ensinou-me como descobrir se um ovóide “pertencia” ao Degrau das Sete Encruzilhadas ou a outros Degraus.

Entre os muitos ovóides de grandes das trevas guardados no Trono das Sete Encruzilhadas, só descobri dois que eram graus do meu Degrau. Quanto aos outros, guardei para futuras trocas com outros guardiões dos pontos de forças negativos, também à procura dos graus de seus Degraus.

De vez em quando realizo uma troca, às vezes vantajosa, outras, nem tanto. Mas o fato é que já consegui uns vinte e poucos ovóides que estavam em poder de outros Exus guardiões. E meu mago conselheiro os entregou ao grande Mago da Luz Cristalina, com quem tenho como um dos meus deveres sagrados, recuperar para a Lei e para a Vida espíritos humanos reduzidos às suas sementes originais: os ovóides!

Eu poderia relatar muitas histórias paralelas referentes à minha busca dos graus do meu Degrau, mas isto iria alongar demais minha história, que longa, muito longa ficaria! Mais dia menos dia, no decorrer dos séculos estarei assentado em meu Degrau e aí, outra será minha história.

Mas antes de encerrar, quero dizer que muita confusão ainda fazem em relação a Exu, este guardião ainda incompreendido, mesmo pelos adeptos do Ritual de Umbanda, o culto dos Orixás da natureza.

Então digo que:

1º — Para cada ponto de forças, ou seja: uma porteira ou passagem; uma cachoeira, uma pedreira, um cruzeiro, uma encruzilhada, etc., dois guardiões existem. Um na luz e outro nas trevas, ou um no positivo e outro no negativo do ser humano. Mas, entre esses dois extremos está um Degrau já ocupado, ou à espera de seu legítimo ocupante que está voltado para o meio humano.

2º — Cada Degrau é formado por setenta e sete graus à direita e setenta e sete à esquerda, que, quando ocupados, o mantém no equilíbrio. Mas cada Degrau também possui setenta e sete graus acima e outro tanto abaixo; e setenta e sete à frente e mais setenta e sete atrás, além de outros setenta e sete à sua volta formando um círculo de ação e evolução por onde os espíritos humanos vão passando até eles próprios assentarem-se em seus legítimos graus celestiais.

3º — Descobri também que a função básica do Ritual de Umbanda é permitir que cada Degrau venha a ser ocupado conscientemente pelos seus ocupantes originais, que foram lançados no meio humano reencarnacionista para que comesçassem a tomar consciência de suas funções, obrigações e deveres para com os senhores Orixás. As funções na natureza são: obrigações perante a Lei e a Vida e deveres para com o Criador e toda a Sua criação.

4º — Que os Orixás elementais, também chamados de Encantados da Natureza, são ocupantes originais de degraus que não tiveram que reencarnar, mas que perderam no meio humano muitos dos seus graus, estes sim, lançados no ciclo evolucionista do meio humano, a grande corrente de espíritos já não originais.

5º — Que os Orixás elementais, ao identificar graus, os graus dos seus Degraus, tudo fazem para despertar essa consciência neles, ainda que, na maioria das vezes, não consigam na primeira vez, pois os não originais espíritos humanos preferem continuar distantes

(livres) de seus graus originais, acreditando que sozinhos chegarão a algum lugar.

6º — Que os graus afastados, à medida que mais e mais se distanciam de seu Degrau, mais e mais vão se afastando do verdadeiro mistério da criação: o Criador!

7º — Que neste planeta, na sua dimensão humana, desde os extremos da luz até os extremos das trevas, ou seja, desde o topo do Alto até o fundo do Embaixo, só espíritos humanos, originais ou não, dentro dele estão vivendo. Assim, aquilo que chamamos de anjos nada mais são do que seres ainda em estágio original (não encarnados) ou já com a consciência plena despertada. Portanto, aquilo que chamamos de demônios, nada mais são que espíritos que, por trazerem em si desde suas origens, parte dos mistérios de um Degrau, caíram diante das dificuldades de compreenderem o que tanto a Lei quanto a Vida deles esperava, dificuldades estas que são comuns a todo espírito humano que passou do estágio original para o dual: corpo carnal e corpo espiritual.

Com isto esclarecido, então digo: para mim, hoje, já não existem anjos ou demônios, mas tão-somente espíritos humanos lançados na grande corrente evolucionista dual, onde cada um, demore quanto demorar, terá de reconquistar seu grau ou Degrau, ainda que lágrimas de sangue venham a ter de derramar. Mas digo também que todo aquele que quiser iniciar conscientemente seu retorno ao seu grau ou Degrau, terá de passar por uma das Sete Encruzilhadas do Campo Santo, o Cemitério, pois este é o local onde o corpo material de todo espírito encarnado um dia será entregue. E numa das Sete Encruzilhadas do Cemitério, certamente, comigo um dia irá cruzar.

Assim, espero que quando este dia chegar, você, que está lendo minha história, esteja retornando ao seu grau ou Degrau, porque assim encontrará em mim alguém que o encaminhará na direção certa do seu despertar consciente, para o que de você seu Criador espera: que seja um grau ou um Degrau da Lei e da Vida.

Mas, se eu perceber que você continua se afastando do seu grau ou Degrau, então não tenha dúvidas: um Exu Rei das Sete Encruzilhadas irá tentar impedir que continue a seguir na direção errada. Portanto, quando alguém disser que tem um Exu das minhas falanges trancando seu caminho ou amarrando sua vida, pare, reflita e medite até encontrar o real motivo de por que isto está acontecendo. E se alguém lhe disser: “É fulano quem está demandando contra você”, então não se esqueça

do que em minha história relatei, pois aqueles que mais nos combatem são de fato os graus dos Degraus que estão à nossa espera, para novamente os ocuparmos.

Se duvidam, posso dizer que, se eu tivesse consciência de que no Degrau ocupado pelo iniciado encarnado, onde estou à esquerda dele como um dos seus graus, e no meu Degrau, ainda à minha espera, ele é um dos graus à minha direita, nunca teríamos nos combatido! Mas agora que pelo menos disto já temos consciência, não mais nos combateremos, e até já começamos a nos auxiliar, pois um nunca crescerá à custa da queda do outro.

E porque disto já tenho plena consciência, todo e qualquer espírito humano que for ao meu ponto de forças dentro dos cemitérios, e lá, conscientemente, acender uma vela branca oferecendo-a a mim, o Senhor Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Campo Santo, e repito, conscientemente pedir para que o auxilie na busca do caminho que o conduzirá ao seu grau ou Degrau, não tenham dúvidas, por mim e dentro dos limites da Lei que rege meu ponto de forças, será auxiliado. E se isto estou oferecendo, é porque cometi tantas atrocidades contra meus semelhantes, que esta é a única forma que encontrei para me redimir diante do Senhor da Lei e da Vida, o Criador! E não tenham dúvidas de que isto farei, pois se para derubar os que a mim se ligavam negativamente eu precisava recorrer a 100% do meu poder mental, para ajudar a levantar os caídos nos meus domínios, por enquanto, não precisei recorrer a mais que 1% desse meu poder mental.

E se isto estou oferecendo, é porque eu, Hemisarê, já fui, no meu negativo, cultuado e adorado como um deus fálico, um deus da geração, intolerante com os espíritos humanos que tinham dificuldades em dar vazão às suas sexualidades de forma equilibrada e virtuosa. E como tal, recebi todo tipo de oferendas. Mas agora que sou o Senhor Exu Rei das Sete Encruzilhadas do Campo Santo, os cemitérios, a última morada do corpo carnal, não quero ver tudo se repetir novamente, como quando vinham até meu totem fálico, e em vez de pedirem a vida para si, exigiam a morte para seus semelhantes. Não façam isto no meu ponto de forças, pois não sirvo ao deus da destruição, mas sim, ao Criador, à Lei e à Vida, ajudando todos aqueles que buscam seus graus ou Degraus a encontrá-los. E ainda que isto demore um pouco, com toda certeza, no decorrer dos séculos ou dos milênios, a eles chegarão.

Também deixo um aviso aos que ainda são dominados pelas trevas da ignorância: todo aquele que invocar meu nome para derrubar um semelhante, um dia cairá em algum dos meus domínios. E aí, com toda certeza, irá começar a derramar suas primeiras lágrimas de sangue, pois no alto do cetro totêmico do Trono das Sete Encruzilhadas do Cemitério também há uma taça na forma de uma caveira que absorve prazerosamente as lágrimas dos que desejaram a morte aos seus semelhantes.

Outra coisa também faço questão de aqui deixar escrito para que confusões não restem: no ritual do culto à natureza, à religião de Umbanda, só existem Exus de Lei ocupando os pontos de forças negativos. E respondem por nomes simbólicos. Portanto, outros nomes que venham a associar aos Exus é pura analogia com deuses de outras religiões, já extintas ou em vias de adormecimento na memória religiosa da humanidade.

A Umbanda só tem no seu negativo os Exus, nunca um demônio ou um deus totêmico cultuado em outras religiões. Logo, o inferno do mau e inconseqüente umbandista é povoado por Exus, e o céu do bom e consciente umbandista é povoado pelos Orixás.

Que cada um tire desta minha história as lições que quiser, mas que nunca se esqueça que continuo implacável e irredutível quanto ao que todo umbandista já ouviu dizer: até os Orixás todos irão, mas quem não quiser ir até eles pelo amor, então irá pela dor!

Como eu tive de ir!

FIM